





ROMANCES NO
Agreste

escrito por

Antonio Martines Brentan

São Sebastião Pontal - MG

Primeira edição | Dezembro de 2023

Copyright © 2023 *by*
Antonio Martines Brentan

Dados para contato com o autor: Antonio Martines Brentan
Av. São Sebastião, 564 - CEP 38292-000 - São Sebastião Pontal - MG

Copyright © [Todos os Direitos Reservados 2022] Essa obra possui Direitos Autorais reservados ao autor. É expressamente proibida toda e qualquer reprodução [cópia] republicação, transmissão, modificação, adaptação ou qualquer forma de utilização das imagens, textos, documentos, arquivos e fotos, no todo ou em parte, sem autorização prévia [por escrito] do autor ou toda e qualquer utilização considerada abusiva ou indevida deste material será penalizada e sofrerá as sanções previstas em Lei.

Diagramação e composição: Marcos Ferreira

Revisão gramatical: Autor

Capa e composição: Marcos Ferreira

Imagens da capa e contra-capas: Zara Lúcia

...

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

ROMANCES NO
Agreste

escrito por

Antonio Martines Brentan

São Sebastião Pontal - MG

Dezembro de 2023

Dados de Catalogação na Publicação (CIP)
(Realizada pelo autor, São Sebastião Pontal - MG, Brasil)

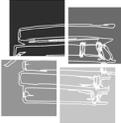
Martines Brentan, Antonio (Escritor).

Romances no Agreste -- Antonio Martines
Brentan. -- São Sebastião Pontal, MG. ; Zara Lúcia
(fotografia) : Edição do autor. 1ª ed. dezembro de 2023.

1. Romance 2. Amor 3. Relacionamento
4. Experiência de Vida I. Brentan, Antonio
Martines, 1956 II. Título.

Índices para catálogo sistemático:

1. Romance : Relacionamento : Amor



Índice

Prefácio	10
Introdução.....	18

Parte I

Como os Quatro se Conheceram	24
Quem São Expedito e Kleber?.....	38
Deus Ajuda, Àquele Que Se Ajuda	44
Gerusa, Reencontra Kleber	50
Geralda, Outra Cabeça	54
Caminhos Cruzados.....	60
A Surpresa de Gerusa	68

Informações Desencontradas.....	74
Gerusa, Mais Misteriosa Ainda	80
A Reconciliação	88
Expedito, Um Bonito Gesto	98
Amor Fraternal.....	104
Visita à Casa Paterna	110
A Breve História de Rosa e Otogamiz	118
Encontro Promissor	124
Feliz Decisão	134
A Profecia de Dona Rosa.....	142
Almoço Inesquecível.....	152
As Preliminares do Casório.....	160
O Casamento.....	170
Dario, Conquista a Simpatia do Sogro.....	178
Difícil Negociação	184
Sr. Gabriel, Proprietário Novamente	192

Parte II

Ciranda de Acontecimentos	200
Fatos e Boatos	208
Visita ao Agreste	214
Velho Costume no Sertão.....	224
O Desaparecimento de Gilmara.....	232
As Mortes de Gilmara e Hilário	240
Desvendando o Mistério	248
Saber a Verdade, Díficil Responsabilidade	256
Decisão Impensada.....	264
Epílogo	270

Prefácio



O COMÉRCIO DE SERES HUMANOS, e a exploração ilegal do ser que se encontra em situação fragilizada, o homem um ser oportunista que se considera superior ao seu semelhante, por ocupar uma posição supostamente de poder e domínio, é uma constatação, mas consideramos uma realidade tão deprimente, que ventilá-los nos dias atuais, torna-se até constrangedor, principalmente quando são anunciados que no momento presente, plêiades de trabalhadores se organizam, em esferas do mundo Espiritual, sob o Comando de Espíritos Superiores, porque teria chegado o momento cronológico que o Planeta Terra, entraria em uma nova fase da escala evolutiva denominada Regeneração, que nosso

Planeta teria atingido maturidade cronológica, e o joio, espíritos endurecidos que durante longo período se tornaram seguidores e se identificaram como praticantes e adeptos contumazes de toda espécie de maldade, e não se dispuseram de livre vontade converterem-se, à seguir o caminho do bem, e de certa forma impedem que o Planeta Terra, conquiste essa condição inerente ao ambiente predominante, para os mundos que passam ostentar essa posição. Não obstante essa questão ainda não ser do conhecimento de uma grande maioria da população terrena, e para esses, possa parecer uma fantasia, alucinação de pessoas que não sabem o que estão falando, faço oportuno dizer que esse assunto não é nenhuma novidade. Para quem conhece a Doutrina Espírita, mesmo que superficialmente, esse acontecimento foi revelado há quase dois séculos, e está ricamente explicado e justificado em detalhes, nas Obras Básicas da Codificação, que todos os mundos habitados passam necessariamente por fases evolutivas. E esse é um fato incontestado, basta observarmos a evolução de nosso Planeta Terra, e o momento que agora estaríamos vivendo. São revelados que se inicia um breve período de transição. E quando consumado essa transição, a vida da população do Planeta nunca mais seria a mesma.

Voltando ao assunto que enfatizamos no início desse prefácio, a escravidão foi abolida oficialmente no Brasil, há cerca de cento e trinta e cinco anos, mas ainda ressurgue clandestinamente, na forma de trabalho escravo, degradante, insalubre, ou mesmo informal,

principalmente em alguns redutos desassistidos pelo alcance das leis civis e trabalhistas, que muito embora foram elaboradas para assegurar a todo cidadão, direitos equitativos, ocupe ele a posição que ocupar na sociedade, temos plena consciência que perante as Leis de DEUS, todos os homens são iguais, e na prática necessitam das mesmas oportunidades, para que possam exercer os mesmos direitos e deveres. As Leis humanas na teoria também procuram refletir o mesmo entendimento, mas a sociedade composta de seres ainda distanciados desses princípios elementares, que todos os seres são filhos de Deus, e que todos os homens são iguais, permitem essas ocorrências, em detrimento ao que a essência da Lei pactua, e a evolução da sociedade, desenvolve-se lentamente e de maneira desigual, permitindo que se cultue ainda algumas práticas, que há muito deveriam terem desaparecidos radicalmente.

Desconsiderando o que acontece com mais intensidade em alguns países menos desenvolvidos, de nosso Planeta Terra, que se encontram ainda mais na retaguarda, onde o respeito e os direitos humanos não são igualitariamente reconhecidos. Vamos nos ocupar em analisar a situação doméstica da sociedade brasileira. O Brasil, considerado um país ainda jovem, com dimensão continental, abriga em seu seio mais de duas centenas de milhões de seres humanos, constituída de uma população heterogênea, produto de uma miscigenação complexa, resultantes da mistura das raças dos indígenas originais, dos escravos trazido à força de diversas regi-

ões do continente africano, dos imigrantes procedentes do continente europeu, de várias nações independentes, com características próprias, dos imigrantes vindos do continente asiático, procedentes de várias raças orientais, que tiveram suas formações divorciadas das mesmas tradições culturais e religiosas.

A população brasileira constituiu sua característica estereotipada própria, bastante diversificada, tradicionalmente representada por uma minoria privilegiada, detentora de poder econômico, e do poder de autoridade, e de uma maioria, reconhecidamente mais fragilizada, pela sua condição de dependência e subserviência histórica. Por essa razão ainda prevalece algumas vertentes consideradas dominantes, que exerce prepotência do mais forte sobre o mais fraco, do mais rico sobre o mais pobre, do mais do violento sobre o pacífico.

Um país rico do ponto de vista de seus recursos econômicos naturais, com um potencial de produção subutilizados, mesmo assim, capaz de gerar superávit nos mais diversos segmentos produtivos. Que privilegia os detentores do capital financeiro, promove a concentração de riqueza e renda, de forma protecionista. Penaliza de maneira abusiva as classes produtoras, e trabalhistas, geradoras dessas riquezas, com uma das maiores cargas tributárias, fiscais e trabalhistas, praticados no Planeta. Onde a corrupção no setor administrativo tornou-se prática recorrente e permanente, na maneira tendenciosa de administrar os recursos fiscais, promovendo inflação e endividamento

em todas as esferas da administração pública. Consequentemente a má distribuição de renda, privilegiando o setor bancário e especulativo, com elevadas taxas de juros, em detrimento aos setores produtivos e de mão de obra, fomentando o desemprego, jogando na marginalidade expressiva parcela da população, formando as classes dos excluídos, e dos marginalizados.

O êxodo rural, refletindo diretamente no crescimento da população urbana, com reflexos negativos nos setores da segurança, o descaso com a educação, sem políticas públicas de combate ao analfabetismo, que acabou se tornando um problema crônico que não se erradica, e segue acompanhando as gerações. O sucateamento dos hospitais públicos, com elevado déficit nos índices de disponibilização de leitos. O elevado e crescente número de assassinios, por razões múltiplas e injustificáveis, contribui positivamente para que ostentemos os mais elevados déficit no IDH “Índice de Desenvolvimento Humano”, das nações consideradas ricas.

Diante desse cenário, desnecessário seria revelar que setores de responsabilidade do poder público, como saúde, educação, segurança, transportes, comunicação, tecnologia, sofrem intensivamente as consequências da má gestão administrativa, e o descomprometimento da classe política, com os direitos do contribuinte. E parcela significativa da população sobrevive às margens da sociedade, convivendo sistematicamente com a fome, a dor, o sofrimento e a desesperança. A razão que nos le-

vou chafurdarmos em assunto tão deprimente, como no início consideramos. É enfatizar que felizmente nosso Planeta vive o estertor do final de seu ciclo de Provas e Expições. E num futuro bem próximo todas as práticas que consideramos inconcebíveis para sociedade terrena, deixarão de existir.

Esse singelo prefácio não tem pretensão de profetizar realidades futuras, mas tem a intenção de chamar a atenção do leitor menos politizado, que apesar de vivermos num país governado sob a égide de um sistema governamental democrático, há muito nossa classe política encontra-se corrompida, desacreditada e desmoralizada. Não obstante o Planeta Terra, possa viver dias melhores. Quero fazer que todos entendam e acreditem, que nunca estivemos na condição de desamparados, nem nunca haveremos de estar. E que todos esses crimes praticados ostensivamente, contra a população impotente não ficarão impunes. DEUS quando povoou a Terra, com Suas amadas criaturas racionais e nossos irmãos irracionais, tinha Seus Propósitos. Com Sua ternura paternal, aconselhou-nos que nos amássemos uns aos outros e que multiplicássemos. E que num momento determinado de nossa longa escala evolutiva, todo mal seria extirpado da face do orbe. E uma nova era se iniciaria para o homem terreno. É consolador descobrir que possuímos essa centelha de racionalidade, que permite-nos perceber a grandiosidade dos Propósitos Divinos para com o futuro de Seus mundos habitados. Então conseguimos dimensionar SUA sabedoria Su-

prema, e todo potencial de nosso entendimento, em compreender que somos apenas uma centelha de racionalidade, com potencial e capacidade para Acreditá-LO e Entendê-LO. Que é perfeitamente possível apropriar-se dessa certeza. E que seja feito segundo SEUS excelsos desígnios. E nunca de conformidade com nossos débeis interesses.

São Sebastião do Pontal – MG, 30/08/2022.
Antonio Martines Brentan

Introdução



A HISTÓRIA QUE PRETENDEMOS discorrer, possui particularidades sutis, refletem que os tempos estão mudados. Que ninguém está condenado a uma vida de fracassos, e nem todo sucesso constitui uma vitória. A pessoa precisa se encontrar no lugar certo, na hora certa, detalhes aparentemente insignificantes, que poderão definir toda uma trajetória feliz. Como estar no lugar errado, na hora indevida, pode constituir uma sentença condenatória. Somos todos inteligentes, o mal uso que fazemos de nossos recursos intelectuais, aliado ao nosso livre arbítrio poderão nos punir irremediavelmente. Isso não significa eternamente, mas que necessariamente teremos que ressarcir em algum momento, todos aqueles a quem lesamos. O planejamen-

to excessivo pode não surtir o mesmo resultado de um imprevisto despretenso. O preciosismo de uma escolha, pode-se traduzir numa decisão desastrada.

O que estou querendo dizer, é que nas próximas quatro décadas, acontecerão transformações sobre a face desse Planeta que o colocará sob a égide de uma Nova Categoria de Mundos. Será o princípio de uma Nova Era. Toda maldade, injustiça, desonestidade, intolerância, prepotência, violência e todo tipo de iniquidades, deixarão de ser praticadas por aqui. Tudo isso deixarão de existir. Somente a criatura humana habilitada em aceitar esse modo de vida, haverá de continuar habitando esse Planeta. Não praticará, nem permitirá que se pratique esse tipo de coisas. Então o bem reinará absoluto, e o mal desaparecerá como por encanto. O leitor há de convir que tudo isso é plenamente possível, quando algo deixa de ser gerado ou produzido, automaticamente deixa de existir. Lamento concluir que esse não será um processo indolor. Para que se possa levar a termo esse estado de coisas, todo mal será alijado juntamente com seus geradores e adeptos, para mundos onde essas práticas ainda são permitidas e aceitas.

O leitor pode estar se questionando, se isso estaria direito? As Leis Divinas são Perfeitas, DEUS concedeu-nos inteligência, discernimento, e o tempo que necessitarmos, para que escolhamos e decidamos, o que seja melhor para nós. Um sábio da antiguidade já dizia: “Conheça a verdade, ela o libertará”. Eu acrescentaria: “Conheçamos as Leis Divinas, Obedeçamos, Respeita-

mos, e delas nunca nos afastamos” Então entenderemos o quanto DEUS nos ama, e o que espera que façamos, para que O encontremos, e DELE jamais nos afastamos, ELE sempre foi e será nosso escudo e broquel, nosso refúgio e fortaleza. Quando encontramos a DEUS, nada mais temeremos, ELE nos cobrirá com Suas Asas Protetoras, e nos dará abundância de dias. Quando conhecemos a DEUS, não mais negaremos, aquilo que não compreendemos.

As Leis Divinas são facilmente encontradas: Os Dez Mandamentos, revelados à Moisés, no Monte Sinai, (Livro Êxodo, Cap. 20 Velho Testamento) Os Evangelhos de JESUS CRISTO, do Novo Testamento, O Pentateuco, representado pela Codificação da Doutrina Espírita. DEUS, por acréscimo de misericórdia, Gravou-as em nossa Consciência. JESUS CRISTO, Recomendou-nos: Amar à DEUS sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo. Alan Kardec, Corroborou: Amai-vos e Instrui-vos. E OS BONS ESPÍRITOS, nos aconselham: “Fora da Caridade, não há Salvação”. A verdadeira religião consegue tornar o ser melhor, depois que ele a conhece. Nossas descobertas acontecem, quando sanamos nossas dúvidas.

Dizer que esse processo de transformação, se realizará sem turbulências, seria o mesmo dizer que tudo em nosso mundo está perfeito, que o ser humano vem fazendo tudo aquilo que DEUS, há muitos séculos vem nos recomendando que façamos. Infelizmente isso não está acontecendo, o homem terreno continua até os dias

de hoje, matando, roubando, mentindo, adulterando, e praticando uma infinidade de iniquidades que DEUS abomina, essa é nossa realidade, lembrem-se o que profetizou nosso irmão maior, JESUS CRISTO, “Muitos serão chamados, poucos serão os escolhidos”.

São Sebastião do Pontal – MG, 31/08/2022.

Antonio Martines Brentan

Parte I

Como
os Quatro
se Conheceram



DIRIA QUE QUANDO AS COISAS se iniciam de maneira não muito bem planejadas, sem dúvida dificilmente encontraremos pela frente caminhos aplainados, que permitirão que caminhemos sem que sejamos surpreendidos pelos solavancos, escolhos, e até mesmo abrolhos, que certamente farão que tropeçemos, ferimos em espinhos, desequilibremos, e acabamos nos espatifando no chão. Mas a vida é muito complexa para se evitar que por força das circunstâncias, deixemos de penetrar por essas veredas fatídicas, porque não temos ainda plenamente, a capacidade de discernirmos no tempo devido, aquilo que é certo ou errado, aquilo que apesar de lícito, não nos convém. Faz-se necessário que iniciemos a caminha-

da para que os percalços comecem aparecerem. Mas os tropeços e as quedas, fazem parte de nossa jornada, mas possuímos inteligência e livre arbítrio para que nos cursos dessas caminhadas, aprendamos superar da maneira correta os obstáculos, que impedem que cheguemos aonde pretendemos, por que somos dotados da capacidade de levantarmos, locomovermos, e prosseguirmos, como também a liberdade de retrocedermos, e enveredarmos por outras trilhas, mesmo que precárias, atravessando pântanos, escalando escarpas, descendo por precipícios, que acabarão tornando-se atalhos, que facilitarão nossa trajetória, resultando em ganho de energia e tempo, ou mesmo conduzindo-nos à situações não desejadas.

Não obstante a história que pretendemos discorrer, tratar-se de uma criação fictícia, se dará em duas cidades, uma histórica e turística do Estado de Pernambuco, que a princípio não tínhamos intenção identificá-la, pelo fato de não a conhecer pessoalmente, como também não conhecemos sua Capital Recife, por esse fato deixaremos de falar sobre as belezas de seus recursos naturais, e de suas intensas festas folclóricas e carnavalescas. A outra um vilarejo anônimo, perdido em meio a uma região seca e inóspita, do agreste pernambucano, como tantos outros semelhantes, incrustados nos sertões nordestinos. Nos prenderemos, e nos ocuparemos essencialmente em revelar a odisseia de três irmãs, que cada uma em seu momento específico é levada pelas circunstâncias definir suas realizações. A mais velha chamada Gerusa, que na época contava com apenas dezesseis anos de idade, mui-

to bonita, a do meio chamada Geralda, menos bonita que a irmã mais velha, essa com apenas quinze anos, ambas morenas, trabalhadeiras e destemidas. Foram criadas na roça, mais precisamente em um pequeno sítio, próximo a um vilarejo chamado Restinga, incrustado numa região do sertão, do agreste pernambucano, sem infância e sem educação adequada. O pai um senhor ainda em plena forma física, tinha no máximo cinquenta anos, mas sempre demonstrou ser severo, sistemático e ignorante, chamado Sr. Gabriel Serra, casado há pelo menos dezoito anos com Dona Sebastiana, que eram pais também de uma terceira filha, a caçula, essa com apenas treze anos, e se chamava Gilmara. Para Sr. Gabriel, a sobrevivência naquele ambiente inóspito, sempre representou grandes dificuldades, que acabaram por enrijecer seu coração, à semelhança daquele chão ressequido, castigado interrompemente pela ação do sol, exceto alguns poucos dias durante o inverno, como era conhecida a época, quando ocorriam as tão esperadas chuvas no sertão, que comparada aos longos períodos de estiagens muito pouco significavam.

A comparação que fazemos parece um tanto rigorosa, mas o sertanejo para suportar tantas adversidades, adquire a mesma aspereza e agressividade do cacto, que é nativo nessa região e se prolifera na caatinga, se reveste de espinhos, para proteger-se, Sr. Gabriel entendia que ser pai de três filhas mulheres, era muito pouco falta de sorte, como se fosse um castigo, que lhe imputava preocupações para os dias futuros, que acabou se tornando

um sofrimento por antecipação, como ele e a esposa que era bem mais jovem que ele, não tinham nenhuma instrução, entendiam que as filhas também não careciam dessa besteira de escola, na verdade o que gostariam era ter tido três ou mais filhos homens para ajudá-los na luta pela sobrevivência. Como os filhos homens não vieram, Sr. Gabriel que já explorava o trabalho da esposa na roça, desde que se casaram, à medida que as meninas foram crescendo, foram submetidas ao trabalho rude da roça infrutífera, sem perspectiva, devido as condições provocada pela escassez de chuvas. Que cansado de tantos fracassos sucessivos, pessoalmente perdeu o entusiasmo e a vontade de trabalhar.

As duas meninas maiores agora mocinhas, subjugadas pelo pai explorador, frequentaram a escola por muito pouco tempo, aprenderam ler e escrever, com certa limitação, foram retiradas da escola para ajudarem nos serviços da roça, seus pais consideraram perda de tempo elas continuarem caminhando aquela distância pelos matos, todos os dias para irem em uma escola que existia no povoado, que não ficava assim tão distante, preferiram que elas fossem para o roçado. À medida que elas cresciam, percebiam que escoava o prazo de permanência naquele ambiente opressor. Certamente o pai à exemplo de tantos outros pais sertanejos, também tinha em mente a opção de vendê-las, o que não faltavam eram os coronéis interessados adquiri-las, com as mais sórdidas das propostas, através de intermediários inescrupulosos, sondavam o ambiente, e no momento de extrema dificuldade consu-

mavam o intento. As duas meninas tinham consciência, que isso era um fato recorrente, só não imaginavam como de fato seria. Porque depois que eram levadas, ninguém mais saberia dizer o que lhes aconteceriam. Mas com certeza suas vidas seriam ainda piores. Isso seria possível? e de fato ocorria? Infelizmente esse fato ainda acontece amiúde naquela região isolada, ocorria e ainda ocorre, mais do que possais imaginar.

Por esses tempos apareceu no vilarejo próximo de onde moravam, um parque de diversões, tendo como atrações principais uma roda gigante, que de gigante somente o nome, e um carrossel movido à tração humana, e alguns balanços e gangorras espalhados pelo terreno, completavam o elenco de aparelhos que compunham aquilo que chamavam parque de diversões. Expedito, um rapaz de vinte anos, era encarregado controlar a movimentação dos trabalhos da dita roda gigante. Kleber, outro rapazote de dezenove anos, contratado para que, com as forças de seus braços e pernas impulsionasse, e fizesse girar o pequeno carrossel, composto de uma dúzia ou pouco mais de cavalinhos, que há muito tempo deveriam ser coloridos, mas no momento se encontravam praticamente desbotados, pelo intenso uso.

Numa tarde de sábado, as duas irmãs mais velhas, que eram inseparáveis, atraídas pelo som atrativo de um alto falante, convidava a população da localidade, para levarem suas crianças para conhecerem, e se divertirem nos diversos brinquedos disponíveis do parque. Displacientemente as duas irmãs passeando pelo vilarejo, sem

ter especificamente aonde ir, resolveram conhecer esse barulhento parque de diversões, que aportou nesse terreno baldio incrustado em uma quadra na parte central do povoado, reservada para esse tipo de finalidade. Quis o destino, ou o acaso, que as meninas fossem abordadas pelos dois funcionários do parque de diversões, e numa conversa desprestenciosa, combinaram que assim que encerrassem as atividades do parque ao anoitecer, continuariam aquela conversa para se conhecerem melhor.

As meninas até cogitaram a conveniência de irem embora, mas Gersa a mais velha, com dezesseis anos, gostou do jeito falante e atrevido de Expedito, convenceu a irmã ficarem e ouvirem o que os rapazes teriam em especial a lhes dizer. Ficou decidido que Geralda, ficaria na companhia de Kleber, esse mais retraído e calado. Enquanto Gersa que se considerava mais esperta fazia companhia a Expedito. Não seria necessário esclarecer que as duas irmãs, eram meninas muito simplórias, e inexperientes, deixaram se envolver facilmente pelas conversas agora mais diretas e pretensiosas dos paqueradores. Que as acabaram convencendo de virem ao parque durante aquela semana que o parque permaneceria na vila, todas as tardes as duas irmãs, conseguiam driblar a vigilância dos pais, para irem até a vila, passearem no parque de diversões, quando na verdade era para namorarem com os dois rapazes, que até então eram dois desconhecidos.

Os rapazes procedentes de Olinda, uma importante cidade histórica litorânea, que ficava nas proximidades

da Capital do Estado, Recife. Tinham toda malícia e a expertise do malandro urbano, ludibriar uma menina ingênua da roça, era mais simples que empurrar um carrossel sem tripulantes, com algumas mentiras e promessas vazias, não foi difícil descobrirem que as meninas intencionavam encontrarem seus príncipes encantados, que as retirassem daquele ambiente opressor, sem futuro, que as mantinham de certa forma prisioneiras, e com real possibilidade de serem vendidas para um coronel qualquer.

Como o parque de diversões havia explorado até a exaustão, aquela população carente, na segunda-feira estava programado que se mudariam para outra localidade. Os dois rapazes inconsequentes como eram, convidaram Gerusa e Geralda, para que fugissem com eles na segunda-feira, logo pela manhã. Como as meninas esperavam por uma oportunidade dessas, para evadirem-se, aceitaram o convite. Os dois funcionários, resolveram pedir demissão do emprego, e retornariam com as namoradas, à cidade de origem. Como tudo havia sido previamente combinado, no domingo, depois do expediente, receberam do proprietário o pouco que lhes pertencia de direito, e na segunda-feira pela manhã, os dois pegaram suas trouxas de roupas, e foram esperar as meninas em um ponto da estrada em que haviam combinado.

Elas levantaram pela manhã como estivessem indo para a roça do pai, levavam escondido apenas uma sacola contendo suas poucas roupas. A matula com comida,

e uma cabaça cheia de água. Ao invés de tomarem o caminho da roça, como fazia todos os dias, foram ao encontro dos rapazes, e os encontraram no lugar combinado, como elas conheciam muito bem a região, embrenharam-se a pé, por trilhas dentro da caatinga, para que não fossem vistos, até encontrarem estradas precárias, caminhos por onde trafegavam carroças e jegues vagarosos, arcados sob o peso desproporcional da carga imposta, que conduzia a rodovias mais movimentadas, onde raramente passava um veículo motorizado.

O que leva duas criaturas acreditarem em dois forasteiros, ao ponto de abandonarem a casa paterna, fugindo de um suposto sofrimento, sem imaginarem o que poderiam encontrar ao lado do desconhecido? Não imaginavam elas, que não existe um sofrimento que não possa ser ainda mais sofrível, isso não quer dizer que o mundo seja cruel. Mas ocorre quando extrapolamos os limites do aceitável e ponderável, isso é regra básica, acontecem nos reinos vegetal, animal e dos seres racionais.

Como as duas ficavam o dia todo na roça, antes do entardecer os pais ficaram sabendo através de um vizinho que as filhas haviam fugidos. Quem pensa que os pais se desesperaram, enganaram-se, as duas saíram de casa, bem pela manhã, levavam a matula do almoço, e uma cabaça cheia de água para beber, e escondido uma pequena sacola com suas roupas, como estivessem indo para o roçado, o vizinho fez a caridade de levar a notícia até eles, de que elas haviam fugido, isso bem à tardinha. Para que tivessem o dia todo para se distan-

ciarem de onde moravam. Dona Sebastiana incrédula, foi até o velho baú de roupas, onde elas guardavam suas roupas, percebeu que o vizinho não estava mentindo, as filhas de fato haviam levado as poucas roupas melhores, que possuíam. Sr. Gabriel de certa forma ficou um pouco contrariado. O coronel que intencionava adquirir as meninas, havia acenado em recompensá-lo com uma boa quantia. Mas diante do acontecido, considerou que talvez assim, tenha sido melhor, vender as filhas considerava que somente em caso de muita necessidade.

O mais importante é que agora seriam duas bocas à menos naquela casa, e certamente elas sobreviveriam, mas ainda restava uma, Gilmara, essa sempre se revelou rebelde, não aceitava ir para o roçado, mas o roçado nada produzia mesmo. Dona Sebastiana, ficou um pouco triste, gostaria ao menos ter conhecido os dois forasteiros, funcionários do parque de diversões, aqueles que seriam seus futuros genros. Então entregou o destino das filhas nas mãos de Deus, certamente elas gostaram dos rapazes, Deus haveria de cuidar delas. Afinal também eram filhas Dele. Gerusa e Geralda, ainda não haviam tido experiências com homens ou namorados, ao lado dos dois ex-funcionários do parque de diversões, iam percorrendo aqueles caminhos, vencendo as distâncias, a comida que elas haviam levado para o roçado, foi dividida, e os quatro se alimentaram sob a sombra de uma árvore, isso foi tudo que comeram naquele primeiro dia da fuga. Quando chegou à noite, haviam também chegado em uma estrada mais movi-

mentada, conseguir uma carona à noite, não seria fácil, caminharam uns dois quilômetros, até onde havia uma baixada e um córrego sem água corrente, apenas algumas poças de água suja, que eram disputadas pelos animais sedentos do cerrado. Por sorte ali perto, havia uma velha casa abandonada, pernoitariam ali, e na manhã seguinte, se tudo ocorresse bem conseguiriam uma carona, mesmo que fosse na boleia de algum caminhão.

Como já havíamos adiantado, Expedito era do tipo falante e atrevido, quando se insinuou com segundas intenções à Gerusa, percebeu que as coisas não seriam como imaginou que fossem, a mocinha o repeliu categoricamente, ela admitiu que as coisas poderiam até acontecer, mas no devido momento, diante desse posicionamento inflexível, Kleber mais comedido, entendeu que a hora dele com Geralda, também não tinha chegado, esse nem insistiu. Os dois dormiram no alpendre, do lado de fora, e as duas irmãs, do lado de dentro, todos deitados sobre o assoalho rústico todo sujo da tapera abandonada.

Quando o dia amanheceu, foram todos para as margens da estrada, depois de meia hora, apareceu um caminhão desses pequenos, carregado com madeira, destinada a abastecer alguma fornalha. O motorista parou o caminhão, Expedito apresentou-se, e disse:

— Somos quatro irmãos, o senhor poderia nos levar, até seu destino?

— Até onde pretendem ir?

— Até o litoral.

— Vocês dois sobem sobre a madeira, as mocinhas entram aqui na cabine comigo.

Sobre a madeira, na carroceria do caminhão, Expedito observava através do vidro, viu várias vezes Gerusa se esquivando do motorista, quando ele tentava passar a mão em suas pernas. Lá pelo meio do dia chegaram em uma cidadezinha. O motorista estacionou sob uma árvore, desligou o motor do caminhão, e disse à Gerusa:

— Aqui é o fim da linha.

Geralda, que estava sentada ao lado da porta, puxou a maçaneta e a abriu, e as duas desceram. Expedito e Kleber, também desceram da madeira empilhada sobre o caminhão. Expedito dirigiu-se até o motorista, e perguntou-lhe:

— Quanto devemos ao senhor?

— Não devem nada. Somente fala pra sua irmã, a mais velha, que ela é muito nojenta, e mal-agraçada.

— Muito obrigado ao senhor. Eu falarei pra ela.

Expedito disse a Kleber: — Estou morrendo de fome, vamos almoçar. Eu pago meu almoço e de Gerusa. Você paga o seu e de Geralda. Bem ali tem um boteco.

Foram até esse boteco, comeram alguns lanches, que não chegou ser um almoço. Depois foram até a saída da cidadezinha, esperar uma outra carona que os levassem, sentido litoral.

Expedito, cujo nome significa, ser esperto, auspicioso e inteligente, não possuía de fato esses atributos, e de príncipe encantado pouco ou quase nada ostentava, mas demonstrava não possuir nenhum escrúpulo e preocu-

pação, com as responsabilidades que assumia, perante as pessoas, e com os dias do amanhã.

Kleber, aparentava ser mais comedido e responsável, era mais sério e calado. Depois de dois dias, muitas caronas, pouca alimentação, e nenhuma intimidade, chegaram à cidade deles no litoral pernambucano. Nesse ponto Expedito, com seu espírito de liderança, ordenou:

— Agora eu e Gerusa, vamos nessa direção. Você Kleber e Geralda, escolhem outro rumo, quem sabe uma hora a gente se encontra por aí.

Gerusa imediatamente contestou: — Não, vocês dois escolhem o lado que querem ir, que eu e Geralda, vamos descansar um pouco naquele banco, depois vamos decidir pra onde devemos ir.

— Mas não foi isso que combinamos, você ficaria comigo, e Geralda ficaria com o Kleber.

— Quem disse que não vai ser desse jeito, mas só depois que a gente se casar.

— Casar? Nós não podemos casar com vocês agora. Disse Expedito.

— Nós sabemos, por isso quando vocês estiverem podendo casar, vocês procuram por nós e então casamos no padre, e cada um vai morar na sua própria casa.

Expedito ficou olhando para Kleber, e falou: — Kleber você vai aceitar que seja assim? Por que eu não aceito. Essa Gerusa é uma vagabunda, uma vadia tratante, as coisas não vão ser do jeito que ela está pensando.

— Vocês vão obrigar que nós duas, casemos com vocês dois à força, sem ter ao menos uma casa para morar?

Kleber estava paralisado, sem reação. Expedito, desabafou: — Vocês duas vão para os quinto dos infernos, estão querendo mandar na gente antes de casar?

Expedito saiu muito bravo, andando em uma direção, Kleber foi atrás dele. Gerusa pegou a sacola de roupas, que descansava no chão, olhou pra Geralda, e falou: — Geralda vem, vamos sentar naquele banco um pouco, esse Expedito, está pensando que nós somos bestas? Para casar primeiro tem que arrumar um trabalho e uma casa para gente morar.

São Sebastião do Pontal – MG, 02/08/2022.

Antonio Martines Brentan

Quem
São Expedito
e Kleber?



EXPEDITO E KLEBER SE CONHECERAM na infância, quando os dois se encontraram em um orfanato, foram lá deixados não sabemos precisamente por quem, na esperança de que fossem adotados por um casal qualquer, que desejasse adotar um filho, mas o tempo foi passando e os dois meninos nunca encontraram ninguém disposto levá-los pra casa. E acabaram se tornando companheiros inseparáveis. Quando completaram doze anos de idade, sem que aparecesse alguém que os levassem para casa, os dois agora já meninos, de comum acordo, decidiram evadirem-se do orfanato, e irem mendigar nas ruas dessa grande cidade pernambucana, sempre praticando pequenos delitos, sem muito se comprometerem.

Expedito sempre foi do tipo vagabundo, falastrão, desonesto, aproveitador das pessoas simples e humildes, suscetível aos vícios, esbanjador, covarde, medroso e imoral. Kleber, sempre foi mais reservado, calado, não gostava de coisas erradas, não se metia em confusões, não tinha nenhum vício, apegou-se tanto a Expedito, que deixava explorar-se por ele de boa-fé, e relevava tudo que ele lhe aprontava. Mas os dois eram muito companheiros, e se gostavam muito um do outro, ao ponto de Kleber ser conivente com as más atitudes do amigo. Ambos moravam nos mesmos buracos e becos, quando cresceram mais, com dezesseis anos, viraram rapazotes, Expedito começou frequentar as mesas de jogos dos bares, Kleber preferia ir ajudar um pedreiro numa construção, depois ir jogar bola com outros colegas, mas os dois estavam sempre juntos, eram inseparáveis.

Kleber conheceu um Senhor que possuía um parque de diversões, e o convidou para trabalhar, mas teria que viajar de cidade em cidade pelo interior do Estado. Disse ao empresário que o convidou, que só aceitaria o emprego, se contratasse também seu amigo Expedito. O empresário conheceu Expedito, como Kleber garantiu que se tratava de boa pessoa, contratou os dois rapazes, e passaram viajar juntos de vila em vila pelo interior. Fazia algum tempo que os dois trabalhavam para esse empresário nesse parque de diversões, até quando visitaram esse vilarejo, que se chamava Restinga, onde os pais de Gersa e Geralda, tinham esse pequeno sítio, que apesar de não ficar muito distante do povoado, era um lugar pobre e isolado.

Gerusa e Geralda, sentadas em um banco de concreto de uma pracinha pouco movimentada, olhavam os transeuntes que passavam sem percebê-las ali, pouco se falavam, mas na verdade é que as duas estavam morrendo de fome, sem um só níquel nos bolsos. Sem lenço nem documento, sem imaginar o que fazer da vida. De repente, Gerusa levantou-se, disse para irmã: — Geralda, pegue a sacola, vamos por essa rua.

Passaram em frente a um restaurante, cheio de gente, horário de almoço, pararam para sentir o cheiro delicioso da comida que saía de dentro, e vinha na direção da rua.

Gerusa resolveu entrar, Geralda a acompanhou, foram até uma senhora que estava atrás de um balcão, ficaram paradas olhando, teve a impressão de que todas as palavras que sabia pronunciar, desapareceram de sua mente misteriosamente. A senhora percebeu as duas paradas, perguntou: — O que vocês desejam?

Gerusa pensou não responder nada, e sair correndo, mas pensou, e disse: — Sabe o que é que é? Nós estamos com muita fome, se nos desse algum resto de comida, eu e Geralda, lavamos todos os pratos e as panelas também.

A senhora olhou pros olhos de Gerusa, teve impressão de que eles estavam um pouco úmidos, disse: — Por favor, entrem por aqui.

Gerusa e Geralda, seguiram a senhora por um corredor, até uma cozinha, onde havia enorme mesa, sobre a mesa várias enormes panelas cheias de comidas.

— Peguem pratos e talheres, sirvam-se à vontade, sentam naquelas cadeiras e almocem, podem comer o que quiserem e o quanto quiserem, daqui um pouco volto.

A senhora saiu, deixando as duas ali paradas, Gerusa pegou um prato, colocou um pouco de arroz branco, feijão, um pedaço de carne, pegou um garfo, foi até as cadeiras, sentou-se e começou almoçar. Geralda, atrás da irmã repetindo tudo que ela fazia. As duas agora sentadas nas cadeiras, concentradas no que estavam fazendo, almoçavam sem olhar para os lados. Terminaram de almoçar, colocaram os pratos sobre uma enorme pia, abarrotada de pratos e talheres usados. Gerusa sentou-se na mesma cadeira e ficou observando o longo corredor, e a senhora não aparecia. De repente olhou para Geralda, e disse: — Vamos?

Aproximaram da pia e começaram lavar os pratos, e colocá-los sobre enorme escorredor, passaram-se uns quinze minutos, a senhora lembrou-se das meninas, e veio até a cozinha, e ficou olhando admirada a quantidade de pratos e talheres, que as duas haviam lavado, disse a elas:

— Não precisavam ter lavado os pratos. Gostaram do almoço?

Gerusa respondeu: — Nunca tinha comido, comida melhor que essa.

Geralda, também falou: — Nem eu.

A senhora disse a Gerusa: — Agora se quiserem poder ir embora.

— Não, primeiro vamos terminar de lavar tudo.

— Não precisam, tem quem depois, lava, enxuga e guarda tudo.

Pararam por uns instantes, como não sabiam para onde ir, assim que a senhora voltou para o balcão, recommçaram a lavação, e as duas lavaram tudo, até o último talher.

Quando as funcionárias do restaurante chegaram na cozinha para fazer os serviços, encontraram tudo muito bem limpo e organizado. Uma delas achou tão extraordinário, que foi chamar a patroa, dona do restaurante. Começaram conversar com as duas, e elas relataram superficialmente a situação em que se encontravam. A proprietária do restaurante ficou tão comovida, perguntou para as meninas:

— Vocês duas, estão morando onde?

— Lugar nenhum, chegamos hoje.

— Aqui nos fundos existe um apartamento pequeno, está desocupado, vocês vão ficando por lá, à noite vou pensar no vosso caso, e ver o que posso fazer por vocês duas. Não precisam limpar nada não, nem fazer comida, à noite mando duas marmitas pra vocês. Agora vou levá-las até lá para que tomem um bom banho e descansem um pouco.

São Sebastião do Pontal – MG, 02/08/2022.

Antonio Martines Brentan

Deus Ajuda,
Àquele Que
Se Ajuda



O APARTAMENTO ERA MINÚSCULO, mas tinha tudo que duas pessoas necessitassem, tomaram um bom banho, vestiram roupas limpas, sentaram-se no sofá da sala, Geralda perguntou à Gerusa:

— Quem é essa mulher, que trouxe a gente até aqui?

Gerusa, respondeu: — Deve ser a dona do restaurante.

— Acho que não, a dona deve ser aquela que levou a gente para almoçar na cozinha, lembra?

Geralda, tornou perguntar: — Como é o nome da dona do restaurante?

— Como vou saber?

Geralda era observadora, disse: — O restaurante chama-se Rosa dos Ventos, a mulher que trouxe a gente aqui se chama Dona Rosa, então deve ser a dona.

— Será que é?

— Nem procuramos saber o nome delas. Mas essa que trouxe a gente aqui, tenho certeza, se chama Dona Rosa.

À noitinha, uma funcionária com o uniforme do restaurante, tocou a campainha do apartamento, as duas vieram até a porta, e receberam as duas marmitas, a funcionária disse apenas, “A cozinha pediu que entregasse aqui, essas duas marmitas”, deu um sorriso e foi embora.

Gerusa e Geralda, jantaram, depois ficaram vendo televisão.

Deveria ser quase dez horas da noite, a campainha do apartamento tocou novamente, as duas se assustaram, porque já cochilavam, e vieram abrir a porta. Era a mesma senhora que as trouxeram até ali. Cumprimentou as duas, entrou, sentou-se no sofá, desligou a televisão com o controle remoto, começou dizendo:

— Como prometi estou aqui para dizer pra vocês, o que decidi fazer, e saber se estão de acordo? Hoje é quinta-feira, poderão ficar por aqui, a partir de segunda-feira, vocês duas, ficarão responsáveis pela limpeza geral da cozinha. Passarão ser funcionárias do restaurante, morarão aqui, e terão direito a um salário mensal, vocês estão de acordo?

— Estamos. Gerusa perguntou: — A senhora se chama Dona Rosa, e é a dona de tudo isso?

— Na verdade tudo isso pertencia ao meu marido que se chamava Otogamiz, morreu em um acidente de carro há dois anos, como éramos casados, passei ser a dona disso tudo. Como Oto, gostava muito disso aqui, decidi que continuaria o negócio que ele construiu. Temos uma casa grande, que fica há um quilômetro daqui, moro lá, sozinha com minha amiga e secretária, que trabalha aqui no restaurante, ela se chama Dona Flor. A história de vocês me comoveu muito, sou filha única de um fazendeiro muito rico que mora no interior, conhecido como Coronel Belizário Ventura, e minha mãe Dona Celestina, têm pouco mais de cinquenta anos e moram na fazenda. Quando disseram que fugiram para não serem vendidas, fiquei comovida, por saber que essas coisas acontecem com frequência no interior. Por essa razão decidi, ajudá-las, uma hora vou contar algumas histórias que conheço, de ouvir meus pais contarem, entendo que fizeram muito bem fugir. Agora estou indo, Florinda, está me esperando, boa noite.

Assim que Dona Rosa saiu, Geralda disse: — Agora entendi, Dona Flor, é aquela mulher que nos levou para almoçar na cozinha.

— Como você sabe?

— Porque agora lembrei-me que ela disse que se chamava Dona Florinda. Você não ouviu?

— Estava com tanta fome e tão nervosa, que não lembro de mais nada que aconteceu naquela hora. Vamos dormir, que minha cabeça ainda está lembrando quando Expedito me chamou de vagabunda e não sei mais o quê.

— Vamos esquecer aqueles dois, pro nosso próprio bem. Disse Geralda.

Gerusa e Geralda, não esperaram chegar à segunda-feira, no outro dia bem cedinho, estavam trabalhando na cozinha do restaurante. Quando Dona Rosa e Dona Flor chegaram, estranharam, encontraram tudo limpo e arrumado, as funcionárias disseram a elas:

— Quando chegamos, as duas mocinhas estavam terminando de lavar, e limpar tudo, não encontramos nada pra fazer.

Dona Rosa perguntou: — Onde elas estão agora?

— Devem estar lá no apartamento.

E dessa forma Gerusa e Geralda, passaram trabalhar no restaurante Rosa dos Ventos, localizado numa área nobre, e muito movimentada da cidade, funcionava todos os dias, de segunda a segunda, os funcionários obedeciam a uma escala de trabalho, de forma que ninguém era explorado irregularmente, iam se revezando. As duas irmãs muito pouco saíam na rua, exceto quando alguém pedia que fossem prestar algum serviço para o restaurante, por essa razão, desde o dia em que ali chegaram, nunca mais tinham encontrado ou visto, Expedito ou Kleber, que costumavam frequentar uma outra região da cidade. De vez em quando as duas conversando, lembravam deles, e pela maneira como se referiam, os rapazes não conseguiram despertar nenhum sentimento mais profundo em nenhuma delas, essa era a impressão que uma tentava passar à outra, como disse Geralda, “A melhor coisa que tinham a fazer era esquecê-los, para seus próprios bem”.

E o tempo passou rápido, dois meses depois, as moças estavam irreconhecíveis. Dona Rosa e Dona Flor, paparicavam tanto as meninas, que provocava até um certo ciúme, das demais funcionárias, mas na verdade, elas eram muito especiais, por serem humildes e simpáticas, e todas gostavam muito delas, ao ponto de Dona Rosa, sentir que era sua obrigação de patroa, protegê-las, porque sempre existem aqueles que se aproveitam desse tipo de pessoa, que não sabe ou não consegue se proteger sozinha.

De vez em quando, no final do expediente, Dona Rosa e sua secretária, iam até o apartamento que elas moravam, como eram muito experientes e preparadas, e moralmente corretas, passavam algumas orientações, davam alguns conselhos. Corrigiam seus modos de falar, rir, vestir-se, nem lembrava aquelas duas meninas que Expedito e Kleber conheceram.

Era comum Dona Rosa, levá-las até as boas lojas, e ajudá-las escolher e presenteá-las com roupas de grife, discretas e elegantes. Dona Rosa, era rica, não tinha filhos, e elas mereciam esse carinho, e desde que as conheceram, decidiu que iria ajudá-las.

São Sebastião do Pontal – MG, 03/08/2022.

Antonio Martines Brentan

Gerusa,
Reencontra
Kleber



KLEBER DESDE QUE RETORNOU DO interior, deliberou que assumiria definitivamente a profissão de pedreiro, trabalharia de parceria com o Sr. Nilson, o mesmo que ele ajudava antes de empregar-se no parque de diversões. Insistiu para que Expedito também fosse trabalhar no ramo da construção civil, mas o que ouviu de Expedito foi o suficiente para desistir dele de vez. Expedito disse que o que Kleber levava uma semana para ganhar, ele costumava gastar em poucas horas. E de fato Expedito ganhava muito dinheiro, mas a origem desse ganho, era um segredo que ele nunca ousou revelar ao amigo, mas Kleber com seus modos discretos, tinha quase certeza que o amigo tinha enveredado no caminho do tráfico de drogas. Aos poucos Kleber foi se distanciando dele, porque percebeu que seus novos amigos eram da pesada, e Expedito não desconfiava que estava sendo usado por essa quadrilha, até pensou dar alguns conselhos, mas desistiu, Expedito era do tipo que gostava ganhar dinheiro, sem ser preciso fazer muito esforço, estava convencido disso, dizia que tinha conhecimento que estava sendo explorado, mas em pouco tempo,

ele é quem seria o manda chuvas. A contravenção estava impregnada em sua índole, era disso que ele gostava.

Faziam uns quatro meses, que Gerusa e Geralda, trabalhavam no Restaurante Rosa dos Ventos, coincidentemente Gerusa encontrou Kleber, em plena rua. Instintivamente Gerusa o reconheceu e o chamou. Kleber ficou olhando para aquela moça bonita, bem-vestida, e quase não a reconheceu. Gerusa aproximou dele, e perguntou:

— Você não me reconheceu Kleber?

— Pra dizer a verdade, se não tivesse falado meu nome, não teria te reconhecido. Você está muito diferente.

— Você me dá notícia do Expedito?

— Eu e Expedito, resolvemos seguir cada um seu próprio caminho, bem que o chamei para que segua pelo meu caminho, mas o que ele escolheu, não é para mim não.

— Que mal lhe pergunte, Expedito está trabalhando em quê?

— Gerusa, o que sei sobre Expedito, preferia não dizer, o que ele faz não é bem um trabalho. Vou lhe dizer, mas não conte a ninguém. Expedito vive viajando, tenho quase certeza que está traficando drogas, e a turma que ele está envolvido é da pesada, por isso me afastei dele. Se você quiser um conselho, esquece o Expedito, e se ver ele, melhor disfarçar que não o reconheceu.

— Na verdade Kleber, perguntei por ele, por consideração, Expedito nunca me inspirou nenhuma confiança. Você não vai perguntar por Geralda?

— Vou sim. Como está ela? Será que ela ainda se lembra de mim?

— Ela está muito bem. Quanto se lembrar de você, teria que perguntar diretamente pra ela, a gente tem dificuldade, falar sobre nossos sentimentos.

— Sabe Gerusa, decidi trabalhar como pedreiro, só terei coragem de procurar por ela, caso um dia conseguir alguma coisa. Por enquanto minha vida continua do mesmo jeito, ainda não tenho nem onde morar.

— Está bem Kleber, vou falar que você perguntou por ela, caso um dia nos vermos de novo, lhe contarei o que descobri. Até mais, Deus te acompanhe.

— Até mais Gerusa. Você está ainda mais bonita do que já era. Que DEUS também acompanhe você.

Naquela mesma noite, Gerusa conversando com Geralda, perguntou-lhe:

— Você nem imagina quem encontrei hoje na rua? Uma pessoa que também tem conhece, e perguntou por você.

— Não tenho a menor ideia, conheço tão poucas pessoas aqui, que não imagino quem poderia perguntar por mim? As pessoas que conheço e que gostam de mim, trabalham todas aqui no restaurante. Acho que você está só brincando comigo.

— Estou brincando não, é uma pessoa que penso que você gosta muito, e deve gostar muito de você.

— Conta logo quem é, ou não precisa falar mais nada.

— Encontrei o Kleber.

São Sebastião do Pontal – MG, 03/08/2022.

Antonio Martines Brentan

Geralda, Outra Cabeça



POR UM MOMENTO GERALDA, FICOU cabisbaixa, pensativa como estivesse retrocedendo ao passado, recapitulando uma página especial, do livro que continha a história de sua vida. Não que essa página significasse muito para ela, mas de certa forma foi determinante, para que sua vida tomasse outra direção. Porque para ela, ter vivido quinze anos ao lado de seus pais, foi um período que não havia deixado nenhuma saudade, experimentou tão poucos momentos de alegria, e felicidade, sua existência naquele sítio foi tão insignificante, que poucas lembranças ficaram registradas em sua memória. Talvez o que tenha mais lhe perturbado, naquela época, era pensar que poderia a qualquer momento ser vendida a um coronel qualquer, como se fosse um animal, que lá nasceu, cresceu, e agora teria que ser descartado. Seu consolo

era saber, se isso acontecesse, pelo menos que sua irmã Gerusa, estivesse a seu lado. Caso elas fossem separadas, aí ela não poderia, nem queria imaginar o que seria de sua vida. Nesses poucos meses de convivência com Dona Rosa e Dona Flor, sentia que tinha aprendido mais coisas, e havia recebido mais carinho e atenção, do que recebera em quinze anos, de seu pai e de sua mãe. A impressão que ela tinha, é que seus pais, perderam a capacidade de demonstrar qualquer tipo de sentimento para com os filhos, isso não era somente com ela, mas da mesma forma para com suas irmãs. Com referência a Kleber, engana-se quem pensa que em algum momento chegou gostar dele. Na verdade nem chegou pensar direito na possibilidade que se casaria com ele, aquele seu jeito pacato, incapaz de se revelar, em nenhum momento lhe interessou, felizmente Gerusa, soube muito bem conduzir a separação deles. Aquele desabafo de Expedito, de forma ofensiva foi a melhor coisa que aconteceu. Até o fato de Gerusa, reencontrar Kleber, lhe trouxe mais preocupação do que alegria. Geralda, perguntou à Gerusa:

— Você disse a ele, onde estávamos morando, ou trabalhando?

Gerusa estranhou a pergunta da irmã, ela só não revelou por que ele não perguntou, caso tivesse perguntado, teria falado para ele, onde poderia encontrá-las. Então Gerusa, respondeu à pergunta dela:

— Ele não me perguntou sobre isso, e acabei não dizendo onde estamos morando, ou trabalhando.

— Graças a DEUS, Gerusa. Esses dois rapazes poderiam ter desgraçado nossas vidas, só não conseguiram porque você foi mais esperta que eles. Em nenhum

momento senti que gostamos deles, nem eles de nós, queriam era somente aproveitarem de nós. Graças a você, eles não conseguiram.

— Geralda, naquele dia que chegamos, se eu tivesse ido com Expedito, como ele queria, o que você teria feito?

— Eu teria ido com Kleber, e hoje nós duas estaríamos abandonadas por eles. Ou passando fome ao lado deles. Ou nos prostituindo pra sobreviver. Ou pior ainda, nos engravidado, com um filho dentro da barriga, para cuidarmos sozinhas pelo resto de nossa vida. Não teríamos conhecido Dona Rosa, não teríamos nosso emprego. Graças a DEUS, e a você, nada disso aconteceu.

Gerusa abaixou a cabeça, pensou um pouco, e disse:

— É verdade tudo que você falou, se não tivesse recusado poderia ter acontecido coisas, que seriam difíceis que estivéssemos bem, como hoje estamos.

Geralda perguntou à irmã: — Kleber deu alguma notícia sobre Expedito?

— Segundo Kleber, Expedito está envolvido com tráfico de drogas, mas pediu que não comentasse com ninguém, parece que não são mais amigos como eram antes.

— Não estou lhe dizendo Gerusa, graças a DEUS, não caímos na conversa deles, o fato deles não saberem onde estamos, me deixa menos preocupada.

Gerusa tinha algo ainda para dizer para irmã, mas achou melhor encerrar aquele assunto, e ela pensando que Geralda ficaria feliz em saber de Kleber. Uma coisa era certa, nesses quatro meses, que estavam sozinhas no mundo, Geralda se tornou mais adulta, mais esperta

e inteligente. Há cada dia ela se surpreendia mais com a irmã, aquela vida na roça, acabaria fazendo delas, pessoas secas e sem sentimentos, como eram seus pais. Se um dia tivessem condições, poderiam buscá-los, mesmo sabendo que tê-los por perto, perderiam todo sossego, e arrumariam um monte de problemas, melhor deixar as coisas seguirem seus cursos, não dá para se entender, como pode um pai e uma mãe, ter coragem vender suas próprias filhas? Outra coisa que Gerusa, vinha percebendo, que Dona Rosa e Dona Flor, demonstravam uma certa preferência por Geralda, sempre as cobranças recaiam sobre si, como se a irmã, fizesse as coisas sempre mais corretas, mas quem sempre fazia os serviços mais pesados e difíceis, era ela.

Depois dessa conversa que tiveram, passaram alguns dias, em uma noite receberam as visitas de Dona Rosa e Dona Flor, e o que a patroa pretendia, magoou ainda mais Gerusa. Porque Geralda já tinha conhecimento do que se tratava, e não tinha comentado nada com ela, vindo a confirmar o que ela já estava suspeitando, que a patroa gostava mais da irmã do que dela.

Dona Rosa, revelou o motivo de sua visita nesses termos: — Gerusa, não sei se sua irmã lhe disse alguma coisa, mas estamos tendo problemas lá em casa, como a casa é grande, há muito tempo emprego lá duas funcionárias, para fazerem todo serviço, de uns tempos para cá as duas não estão se entendendo, Ana todos os dias reclama de Paula, e Paula reclama de Ana, às vezes por fazer certas coisas, ou por deixar de fazer as coisas.

Acontece que já demos falta de alguns objetos de valor, tanto meus como também de Flor, quem está pegando não sabemos, nem podemos acusar uma ou outra, mas até dinheiro de dentro de nossas bolsas, já desapareceu. Então decidi demitir as duas, pagar todos seus direitos, sem acusar ninguém nem revelar por que estaria fazendo isso. Eu e Flor temos vocês duas, desde o dia que chegaram aqui, não como empregadas, mas diria como amigas, ou irmãs, conversando com Geralda, perguntei se ela estaria disposta tomar conta lá de casa, eu contrataria alguém para ajudar você aqui na cozinha do restaurante, e Geralda passaria morar lá com a gente, e você continuaria aqui, nesse apartamento, sozinha. Geralda já concordou, agora queria saber se você está de acordo, com o que estamos pensando fazer?

— Se a senhora está querendo fazer assim, e Geralda não se importa me deixar morando aqui sozinha, pra mim está tudo bem.

— Obrigado Gerusa, sabíamos que você iria concordar, é por isso que gostamos tanto de vocês duas, vamos procurar uma pessoa bem bacana pra trabalhar aqui com você. Tudo que vocês ouviram referente os suíços lá de casa, gostaríamos que ficasse somente entre nós, não queremos confusão, nem magoar ninguém.

São Sebastião do Pontal – MG, 04/08/2022.
Antonio Martines Brentan

Caminhos Cruzados



AS COISAS SERIAM MAIS FÁCEIS SE as pessoas fossem verdadeiras, mas possuímos o verniz da desfaçatez, Geralda e Gerusa, sempre foram inseparáveis, quando Geralda disse a patroa que aceitaria separar-se da irmã e ir servi-la em sua casa, não foi absolutamente sincera consigo mesmo, por que na verdade, nunca havia cogitado a possibilidade de separar-se da irmã. No íntimo para agradar

a patroa, desagradou a si própria. Gerusa, como irmã mais velha e responsável que era, havia feito um pacto de consciência consigo, que seria seu dever estar sempre ao lado da irmã, pela mesma razão, não contrariar o desejo da patroa, também deixou de ser genuinamente sincera com aquilo que havia pactuado em sua antiga decisão. O conflito que Geralda provocou em si própria, a impediu que revelasse a irmã, as razões que a levaram aceitar aquela separação, em detrimento a si mesma. Com base na decisão da irmã, Gerusa por sua vez, mediante a postura dela, optou por proceder como a irmã, em detrimento ao seu pacto de consciência. E dessa maneira estava rompido o clima de sinceridade e confiança, que havia, que até então manteve as duas irmãs, sempre unidas, e comprometidas uma com a outra. Aquela separação indesejável, para as duas irmãs, estabeleceria a partir de então, o caos aos valores, que sempre mantiveram as duas irmãs unidas. Parece que estamos dando muita importância a esse fato. Depois que as duas patroas saíram, cada qual foi para sua cama, e naquela noite, não mais se falaram. Os seres humanos são deveras, melindrosos e ciumentos.

Fato semelhante também havia se dado entre Expedito e Kleber, Expedito havia se envolvido com traficantes, o suficiente para que Kleber, desconsiderasse todo um passado de amizades entre eles. Infelizmente somos assim, quando um mais precisava do outro, romperam o vínculo, ficando cada qual à mercê da própria sorte.

Desde o momento que Geralda mudou-se pra casa de Dona Rosa, Gerusa, cuja razão suspeitamos, de vez em quando ia até o local, no mesmo horário, na esperança de reencontrar Kleber. Não demorou muito os dois voltaram se encontrar. Gerusa dissimulou, que o acaso havia provocado aquele segundo encontro, sem admitir para si, que aquela sua decisão de se aproximar de Kleber, tinha muito a ver, com fato de Geralda ter se afastado dela, para aproximar-se das patroas. Gerusa tinha uma relação de apego e afinidade tão consistente com a irmã, que aquela ruptura da forma como aconteceu, traduziu-se em uma espécie de revanche, ou vingança, por que intimamente sabia que Kleber, apesar de introvertido, pacato, era uma pessoa íntegra, que talvez se interessasse de verdade pela irmã. E Geralda apesar de dissimular, não conseguia convencê-la que não se interessava por Kleber, tanto que Gerusa sabia que aquela declaração obtida da irmã, sobre separarem dos rapazes, da forma como ocorreu, contrariou o que Geralda, intimamente desejava, e aquele discurso dela, tinha alguma coisa de falsidade. E seu objetivo era obter para si, aquele amor especial de Kleber. E ela estava decidida tirar a irmã do caminho dele.

O local onde os dois se encontraram era próximo uma praça, perto de onde Kleber costumava vir almoçar, por estar trabalhando nas imediações. Gerusa viu Kleber, sem que ele percebesse, provocou um encontrão propositadamente, ele a reconheceu, Gerusa fingiu ter ficado meio atordoada com o impacto,

Kleber a conduziu até um banco da praça, quando ela fingiu recuperar-se, desculpou-se, ameaçou levantar-se, ele a conteve, depois começaram sorrir do incidente, depois de conversarem um pouco, ela lhe disse:

— Perguntei para Geralda se continuava pensando em você, disse-me ter mudado de ideia, disse ser muito nova para se envolver em namoro, caso voltasse encontrá-lo, para lhe dizer que não queria mais nada com você, pretendia dedicar-se ao trabalho e talvez recommençar estudar.

Kleber abaixou a cabeça, e pareceu ficar chateado. Então Gerusa falou o que ela pretendia: — Já eu não penso assim, se encontrasse um rapaz trabalhador e responsável como você, gostaria de namorar sério, e quem sabe me casar.

— E o Expedito?

— Eu disse um rapaz responsável como você, que é muito diferente de Expedito.

— Você aceitaria namorar comigo?

— Se você deixasse de gostar de Geralda, poderia pensar no assunto.

— Você não gostava de Expedito?

— Nunca conseguiria gostar de uma pessoa irresponsável, como ele.

— Se namorar comigo, prometo esquecer Geralda, o que se passou entre nós não foi nada sério mesmo.

— Teria que ser um namoro sério, sem que Geralda, por enquanto soubesse.

- Geralda só vai ficar sabendo, quando você disser a ela.
- Só vou dizer pra ela, caso um dia estiver gostando de verdade de você, e você de mim, caso não acontecer, ela não precisa nem ficar sabendo, tenho receio que ficaria magoada comigo, sempre fomos muito amigas.
- Você e Geralda, costumam se encontrar sempre?
- Não, ela trabalha e mora em um lugar, longe de onde moro e trabalho.
- Posso te contar um segredo?
- Se você quiser, pode.
- Quando eu e Expedito conhecemos vocês duas lá no parque, eu gostaria era namorar com você, por achá-la mais bonita e corajosa.
- Por que não disse, que queria me namorar?
- Porque Expedito, era mais velho que eu. E você mais velha que Geralda.
- Na verdade nossas diferenças de idade, é pouca coisa. E não tem nada a ver.
- Onde você está trabalhando e morando?
- Gerusa falou: — Não fica longe daqui não, daqui lá fica bem perto, mas isso só vou te dizer, se sentir que nosso namoro vai dar certo. Se mal lhe pergunto, você está ganhando bem como pedreiro?
- Agora estou ganhando melhor. Não sou mais empregado, como antes, passei trabalhar em sociedade, só pegamos empreitas, trabalha-se mais, ganha-se mais também.
- Você trabalha de empregada, não é?

— Sou empregada, mas moro sozinha em um apartamento, no mesmo local do trabalho, sem pagar nada.

— Você teve muita sorte. O mais pesado nessa cidade, é o aluguel mesmo.

— Tem hora que fico pensando, depois de tudo que já passei, naquelas roças, Deus poderia me dar bastante sorte. O que mais gostaria, arrumar um namorado bom, que gostasse muito de mim, depois nos casar, comprar nossa casinha, ter uns três filhinhos, passear com meus filhos e meu marido na praia, ir visitar meu pai, minha mãe, no interior. Essas coisas já me fariam muito feliz.

— Se um dia DEUS me ajudar, você vier se casar comigo, nós combinarmos bem. Prometo que vou fazê-la bastante feliz, como você quer e merece ser. Se começarmos namorar agora, acho que minha vida vai começar mudar.

— Vamos fazer assim, agora no começo, todos os domingos as três horas da tarde, vou esperá-lo aqui nesse banco, nessa praça, quando for cinco horas da tarde, cada qual volta pra sua casa. Está bem pra você assim. Outra coisa, caso se encontrar com Expedito, não diz nada a ele sobre nós, acharia melhor você não ter mais amizade com ele, melhor evitar esse tipo de gente.

Como Gerusa deu a entender que tinha dito tudo que queria, e conseguido o que pretendia, levantou-se, estendeu sua mão, e disse: — Então até domingo às três horas.

Kleber apertou sua mão, pensou beijá-la, mas conteve-se, sorriu, e disse apenas: — Até domingo.

São Sebastião do Pontal – MG, 07/08/2022.
Antonio Martines Brentan

A Surpresa de Gerusa



GERALDA ENVOLVIDA COM OS afazeres da casa de Dona Rosa, nunca mais voltou ao restaurante. Nem tão pouco Gerusa se dignou fazer uma visita à irmã. E o tempo passava, e pelo que Dona Rosa dizia, estava muito satisfeita com as duas. O que Gerusa, ouvia através de alguns colegas de trabalho, que quem não conhecesse Geralda, nem imaginava que fosse uma em-

pregada de Dona Rosa. Porque as três eram vistas com frequência sempre juntas, passeando no Shopping, andando de carro, em festas de aniversários. E a maneira como Geralda se vestia, não destoava em nada das patroas, certamente aquelas roupas não eram escolhidas, nem compradas com seu salário de empregada doméstica. O que vinha confirmar o que Gerusa sempre suspeitou, que as patroas tinham um carinho muito especial para com Geralda, e eram indiferentes com relação a ela, nunca lhe deram nenhum presente, nem a convidaram para participar de nada. E isso contribuía para que as irmãs, ficassem cada vez mais distante uma da outra.

Gerusa quase não pensava mais na irmã, estava de tal forma feliz, envolvida em seu namoro com Kleber, que tinha encontrado nele tudo que desejava para si. Kleber a tratava muito bem, era carinhoso, compreensivo, dava-lhe presentes, nunca mais falaram em Geralda, nem em Expedito, começaram fazer planos para o futuro, e os encontros se tornaram mais repetitivos, e as intimidades progrediam com a mesma intensidade. Fazia seis meses, que Gerusa e Kleber estavam namorando sério, mas poucas pessoas tinham conhecimento desse fato. Nesse espaço de tempo, Kleber havia economizado grande parte do dinheiro que havia ganhado, trabalhando em parceria com Sr. Nilson, quando disse ao sócio que estava pensando comprar uma casinha, e pretendia se casar. Como Sr. Nilson possuía uma casa simples, localizada em um

bairro próximo, e pretendia vendê-la, para adquirir outra melhor, ofereceu ao amigo e sócio.

Então Kleber convidou a namorada, para irem juntos conhecerem o imóvel, caso Geresa gostasse, faria tudo para comprar a casinha, depois comprariam os móveis básicos, e depois se casariam. Kleber e Geresa gostaram do imóvel, a localidade era boa, fez sua proposta, comprou o imóvel, como não dispunham de todo dinheiro, o vendedor que era seu colega e trabalho, e amigo há alguns anos, concedeu-lhe um ano de prazo para concluir o pagamento. Geresa também tinha suas economias, ofereceu utilizá-la para comprar os móveis mais necessários, casarem-se, e mudarem-se para o imóvel. E tudo aconteceu muito rápido. No prazo de trinta dias tudo havia se consumado. Geresa pegou seus poucos pertences no apartamento e mudou-se com Kleber para o imóvel adquirido, sem comentar com ninguém. Como esse bairro ficava do outro lado da cidade, muito distante do restaurante. Geresa procurou Dona Rosa, no escritório do restaurante, e foi se justificando:

— Dona Rosa, estou aqui para lhe dizer que a partir de hoje, não trabalho mais aqui na cozinha do restaurante, já retirei minhas coisas do apartamento, estou me mudando com meu marido, para uma casa que adquirimos, que fica no bairro da Serrinha, do outro lado da cidade, se fosse possível gostaria que a senhora pagasse o que ainda tenho pra receber.

— Quando, e com quem você se casou, Gerusa?

— Vamos casar mais para frente, ele é um rapaz que conheci, e a partir de hoje vamos morar juntos. Como a casa fica muito longe, não posso continuar nesse trabalho.

— Que loucura Gerusa, você fez tudo isso sem dizer nada a ninguém? Nem pra sua própria irmã você revelou nada?

— Cada uma de nós, é dona de sua própria vida.

— Posso contar essa história para Geralda? Ou você prefere que ela não saiba por enquanto?

— Se quiser contar, pode contar, mas Geralda manda só na vida dela, na minha sou eu quem manda.

— Tenho impressão de que Geralda, não vai gostar de ouvir essa história?

— Não sei por quê.

— Tudo bem Gerusa, vou pedir para rescindir seu contrato, calcular seus direitos, daqui uma semana passa aqui para receber seus direitos trabalhistas. E vou contar pra Geralda, gostaria saber seu novo endereço, caso ela decidir ir lá, conversar e ver você?

— De cabeça não me lembro, depois mando o endereço de nossa casa pra vocês. Agora eu posso ir embora?

— Pode sim Gerusa, e muito obrigado por tudo.

— Saiu sem falar com nenhuma colega, Kleber à esperava na rua, próximo ao restaurante, foram de mãos dadas até um ponto de ônibus, tomaram um coletivo e desapareceram.

São Sebastião do Pontal – MG, 07/08/2022.

Antonio Martines Brentan

Informações Desencontradas



ASSIM QUE GERUSA SE FOI, DONA Rosa, saiu à porta do escritório, fez um sinal para Dona Flor, ela veio até o escritório, entrou, Dona Rosa encostou a porta, assim que ela se sentou em uma cadeira, Dona Rosa, falou-lhe:

— Você acredita que Gerusa, veio pedir demissão do emprego?

— O que deu nela?

— Contou-me uma história tão esquisita, que não dá nem para acreditar. A Geralda vai ficar perdidona quando souber, desde que ela se mudou lá pra casa, Gerusa nunca mais quis falar com ela, por isso ela também anda meio esquisita. Como se alguma coisa estivesse muito errada, estou pensando ir até lá perguntar se es-

tava sabendo de alguma coisa, e contar tudo que Gerusa me disse. O que você acha?

— Vá amiga, Geralda vai precisar muito de nosso apoio. Ela é tão frágil, nós somos tudo que ela tem agora.

Dona Rosa, fechou o escritório, e saiu. Chegando em casa, encontrou Geralda no batente, fazendo faxina. Pediu que a acompanhasse até seu quarto, quando ela se sentou, Dona Rosa, aproximou-se dela, e disse:

— Geralda, aconteceu uma coisa estranha hoje, vim até aqui para que me ajude entender o que possa ter acontecido. Gerusa entrou em meu escritório essa manhã, disse-me estar se demitindo, que não trabalharia mais no restaurante a partir de hoje, que já havia levado suas coisas do apartamento, estava mudando com seu marido, para uma casa que compraram, do outro lado da cidade, no bairro da Serrinha. Você saberia me dizer, se ela tinha ao menos um namorado? Ou será que não estava falando coisa com coisa?

— Dona Rosa, desde que me mudei para essa casa, mandei vários recados para que viesse me visitar, e as respostas que recebi dela, é que eu cuidasse de minha vida, que ela não tinha mais nenhuma obrigação comigo, que já era adulta, que teria que aprender me virar sozinha. Quanto ao namorado dela, fiquei sabendo por ela antes que me mudasse, que estava envolvido com tráfico de drogas, mas disse-me que não mais queria saber dele. Então pensava que ela não tinha ninguém, por que nunca fiquei sabendo que foi vista na companhia de alguém. Será que reencontrou Expedito, e se casou com ele?

— Quem é Expedito?

— Era o namorado dela, que nos trouxe do interior, e se envolveu com traficantes de drogas.

— Meu Deus, Geralda, agora ela deixa o emprego e o apartamento onde morava para morar com esse homem?

— Dona Rosa, ele não é nenhum homem não, é um moleque vagabundo. Temos que encontrá-la, e ajudá-la, ela corre risco de morte ao lado dele.

— Ela vai voltar ao escritório daqui há uma semana, para receber seus direitos, será nossa oportunidade, ela não sabia de memória, nem o endereço que iria morar. E eu displicente, não perguntei nem o nome de seu marido. Mas tenho certeza de que me disse, que iria morar com o marido, em uma casa que compraram.

— Meu ex-namorado, que se chamava Kleber, disse a ela que Expedito, estava ganhando muito dinheiro, mas estava fazendo o trabalho mais sujo da quadrilha, mas o que ganhava durante o dia, gastava durante à noite.

— Você nunca me falou desse seu namorado, vocês tiveram envolvimento mais sério com esses rapazes?

— Graças a DEUS, e a Gerusa, não. Mas se Gerusa não fosse espertar, de fato, como é, hoje estaríamos as duas na rua da amargura. Eu era muito besta, e nem sabia o que estava fazendo, Gerusa me protegeu. Por quase três dias estivemos nas mãos desses moleques, e para o nosso bem, não nos aconteceu nada.

— E seus pais?

— Nosso pai não trabalhava, obrigava a gente trabalhar, e só vivia falando que queria nos vender para um coronel, então fugimos com esses dois palhaços. Tivemos sorte, quando encontramos a senhora, que nos deu trabalho, e nos protegeu.

— Estou me lembrando, foi assim que aconteceu. Pelo menos com você não aconteceu nada. Bom Geralda, vou voltar ao escritório, caso ela apareça por lá, vou trazê-la até aqui, para te explicar essa história direito. Sinceramente, fiquei preocupada, nesse tempo que ela trabalhou na cozinha do restaurante, sempre foi muito responsável.

A casa que Kleber adquiriu de seu sócio e amigo, era pequena, localizava-se num bairro residencial da periferia, na região norte da cidade. Com as economias que possuía guardada, produto de seus rendimentos do trabalho no restaurante, Gerusa acompanhada do agora futuro marido, Kleber, foram até uma loja de móveis, compraram e pagaram à vista, os móveis e os objetos considerados essenciais para servir o jovem casal. Como já dissemos, Kleber era um bom rapaz, trabalhador, sem vícios, econômico. Talvez jovem demais, para assumir responsabilidades de um chefe de família, não tinha completado ainda vinte anos. Mas tinha ao seu lado, uma esposa jovem que foi criada, por um pai severo, que para não as ver na ociosidade, as obrigaram assumirem responsabilidade de homem, desde menina conheceu as asperezas do trabalho rude do campo, forjado no cabo de uma enxada, sempre

acompanhada da irmã mais nova que ela, e às vezes da mãe, sob o sol escaldante, zelavam de um roçado que muito pouco, ou quase nada produzia. Assim que o sol despontava na linha do horizonte, as duas meninas levando a matula contendo o almoço frugal, pobre, frio e indigesto, umedecido à força de goles de água, de uma cabaça, que as acompanhava todos os dias. Essa tinha sido a rotina delas, durante praticamente por uma década, naquele sítio pobre e isolado, como se fosse uma penitência que obrigatoriamente teriam de cumprir. Até o dia que ao invés de pegarem o caminho da roça, embrenharam-se por trilhas no meio da caatinga, que as conduziram até aquela cidade litorânea, que poderia ser considerada um paraíso na terra, se comparada à pobreza e a aridez daquele sítio sem esperanças.

São Sebastião do Pontal – MG, 08/08/2022.

Antonio Martines Brentan

Gerusa, Mais
Misteriosa Ainda



NO NOVO ENDEREÇO, O JOVEM casal iniciava suas vidas de marido e mulher, Kleber levantava-se todos os dias bem cedo, requentava à sobra da comida da janta, e ia trabalhar ao lado do sócio e amigo, Sr. Nilson, que era mais velho que ele, deveria ter mais ou menos trinta anos, também era casado com Dona Maura, e tinham um casal de filhos, que já frequentavam a escola pública. A única ocupação que Geresa, se aventuraria, era trabalho doméstico, como tinha muita disposição e vontade progredir, com anuência do marido, percorreu as imediações, visitando as casas mais suntuosas procurando uma ocupação, não demorou muito Geresa estava empregada novamente. Almo-

çava no emprego, no começo da tarde já estava em casa, preparava o jantar, e ficava esperando o marido chegar do trabalho. Passado uma semana como havia combinado com Dona Rosa, voltou ao escritório do restaurante para receber aquilo que tinha de direito. Nesse dia tomou o coletivo, e foi sozinha. Chegando lá foi bem recebida por Dona Rosa, que discretamente avisou Dona Flor, com objetivo de arrancar dela o máximo de informações possível, afinal gostavam muito dela.

Depois de assinar os respectivos recibos e documentos, receber o montante que lhe era devido, perceberam que a intenção de Gerusa, era sair discretamente sem dar satisfação de sua vida particular, percebendo os modos da moça, Dona Rosa, intercedeu dizendo:

— Agora Gerusa, gostaria de levá-la até minha casa, onde se encontra sua irmã Geralda, para que você explique a ela e a nós, como conheceu esse rapaz, que agora é seu marido, e deixe também seu endereço caso resolvemos visitá-la, e conhecer sua casa, onde está morando, seu marido, enfim, gostaríamos continuar sendo suas amigas.

— Dona Rosa, penso que hoje não vai ser possível, estou trabalhando na casa de uma senhora, e prometi a ela que retornaria o mais rápido possível, quem sabe em um outro dia, eu venha com mais tempo, então iremos até lá.

— Pois é Gerusa, desculpa-me insistir, acontece que prometi a Geralda que a levaria até lá, você não imagina

como sua irmã está ansiosa para saber tudo que lhe aconteceu. Para ser sincera também gostaria saber, sua patroa não vai se importar, depois a levo de carro até sua casa e falo pessoalmente com ela, por favor Gerusa, vamos até minha casa.

— Sinto muito Dona Rosa, mas hoje não, tenho que ir.

— Então deixe ao menos, o endereço de onde está morando.

— Não é que me esqueci de trazer o endereço, prometo que qualquer hora eu volto, um bom dia a vocês duas.

Gerusa, levantou-se da cadeira onde estava sentada, não se despediu de ninguém, foi até a porta de saída do escritório em segundos havia desaparecido. Dona Rosa, ficou olhando para Dona Flor, e perguntou: — Existe alguma coisa de muito estranho nessa história. Qual sua opinião Flor? O que vou dizer para Geralda?

À noite as duas patroas chegaram em casa, como Geralda sabia que naquele dia a irmã iria ao escritório para buscar seus créditos, as esperavam impaciente. Assim que o carro estacionou na garagem, Geralda abordou as patroas, perguntando:

— Gerusa não apareceu no escritório, como estava marcado?

Dona Flor, respondeu: — Geralda, Gerusa está muito misteriosa, esteve lá, assinou todos os papéis, recebeu o que tinha para receber, e se negou vir até aqui. Aquela sua irmã, está escondendo coisas, que não pretende revelar-nos.

— Meu DEUS, por que ela está fazendo isso comigo? Ao menos deixou o endereço de onde está morando?

— Não, disse ter esquecido novamente.

— Falou o nome do marido dela?

— Esquecemos de perguntar, e ela não se dignou dizer. Sua irmã não quer que saibamos, nada sobre sua vida.

Tudo que Gerusa havia feito, foi muito bem calculado, não intencionava revelar a ninguém o nome de seu marido, nem seu novo endereço, nem tão pouco se encontrar com Geralda. As razões, são pessoais que não nos compete compreender. Mas o marido Kleber, não conhecia esses caprichos da esposa, na opinião dele, achava que Geralda tinha conhecimento que ele havia se casado com a irmã. E o tempo passava rapidamente, e Gerusa, não deu mais sinal de vida. Fato que fez aumentar a curiosidade das três, com referência àquele assunto só aumentava. O dinheiro tem o poder de chafurdar, e descobrir coisas, Dona Rosa, tinha uma certa obrigação perante Geralda, torná-la ciente do que havia acontecido. Dona Rosa, tinha um freguês, que desde quando seu marido era vivo, frequentava o restaurante. Seu nome Sr. Carmelo, profissão, detetive particular, detalhe, esse detetive conhecia Gerusa, ou melhor, havia conversado com ela algumas vezes, na presença de Dona Rosa, um dia ao acaso Sr. Carmelo, perguntou por Gerusa, à Dona Rosa, como era um detetive que gozava boa reputação da dona do restaurante, por ter descoberto o para-

deiro de alguns clientes que haviam se esquecido de pagarem suas contas no restaurante. Chamou-o até o escritório e lhe esmiuçou a história. Tudo que lhe foi fornecido, o nome Gerusa Serra, e o bairro Serrinha, que se localizava na região norte. Como o detetive se lembrava da fisionomia dela, tinha alguma chance encontrá-la, saiu à campo, em curto prazo descobriu a localização da casa onde moravam. Muito discreto forneceu o endereço à Dona Rosa, dizendo que aquele trabalhinho, seria um presente à título de consideração. Dona Rosa, revelou à Geralda que havia descoberto o endereço da irmã. Se havia alguma coisa de secreto naquela história, Geralda decidiu, que preferia concluir a investigação em secreto. No domingo pela manhã Dona Rosa, Dona Flor, e Geralda, pararam o carro próximo à casa. Logo cedinho Kleber, saiu pelo portão que dava acesso à rua, passou ao lado do carro, que estava com os vidros escuros fechados, para buscar o pão na padaria. Dona Rosa, sentada no banco do motorista, Geralda no banco do carona, Dona Flor, no banco de trás. Dona Rosa, disse:

— Esse deve ser o marido dela, seu cunhado.

Geralda reconheceu Kleber, se quisesse falar alguma coisa, não conseguiria. Um nó embargou sua garganta, asfixiando-a, como se estivesse lhe estrangulando. Uma dor aguda emergiu de suas entranhas, envolvendo todo seu tórax, estava gelada, e petrificada, naquele exato momento, toda aquela paixão adormecida, despertou com a mesma volúpia da

erupção de um vulcão que permaneceu adormecido, por uma eternidade. Uma avalanche de lavras incandescente projetou sobre sua cabeça, nesse momento sentiu o mundo desabando sobre si. Dona Rosa, a observou mais atentamente, percebeu que estava chorando, então perguntou-lhe:

— Você está chorando Geralda?

Geralda estava chorando, porque o que estava sentido, nunca havia sentido antes, naquele momento havia descoberto que a irmã, havia subtraído o amor que de repente percebeu que inconscientemente sentia por Kleber. Amor que se manteve adormecido, que em nenhum momento antes tinha deixado transparecer que existia, e tinha vida própria. Então disse à patroa:

— Dona Rosa, já podemos ir embora, entendi tudo que aconteceu. Gerusa roubou aquele que seria meu namorado, casou-se com ele.

— Seu namorado? Você disse que ele não tinha significado nada para você.

— Somente agora descobri, que acho que gostava dele.

— Você não quer ir até lá, falar com Gerusa?

— Não, Gerusa me traiu, gostaria ir embora, estou precisando chorar muito, por isso ela não queria me ver, ela sabe que não agiu lealmente comigo.

Dona Flor, estava abobalhada, vendo que Geralda chorava de verdade, disse: — Pra dizer a verdade, não estou entendendo nada, do que possa estar acontecendo.

— Aquele rapaz que saiu da casa, é o Kleber, quem pensava ser meu namorado.

Diante daquela explicação, estava explicado. Gerusa, tinha se casado, ou melhor, estava morando com o rapaz que foi namorado da irmã. Dona Rosa, sentiu que sua inteligência não tinha capacidade para decifrar aquele enigma. Deu partida no carro, e voltaram para casa, durante todo o trajeto, Geralda continuou calada, tentando sufocar a decepção que de repente se fez revelar.

São Sebastião do Pontal – MG, 09/08/2022.

Antonio Martines Brentan

A Reconciliação



CHEGANDO EM CASA, ANTES DE IREM para o restaurante, Dona Rosa e Flor, sentaram ao lado da cama de Geralda, e pediram com muito jeito:

— Geralda, para que possamos entender o motivo de sua reação, vai ser preciso que nos conte essa história desde o princípio, exatamente como aconteceu. Pelo que entendemos vossos namoros terminaram, quando chegaram aqui. Portanto ninguém traiu ninguém, vocês estão fazendo tempestade em um copo de água.

Então Geralda, contou a história desde antes conhecerem os rapazes, exatamente como havia acontecido. Quando terminou, deu a explicação que esclareceu tudo:

Desde que conhecera Kleber, Geralda se apaixonou por ele, mas entendia que o romance da irmã com Expedito, seria um desastre. Então estava dando um tempo, até que Gerusa encontrasse alguém melhor. Como Kleber, era jovem e precisava encaminhar-se na vida, preferiu ficar ao lado da irmã, e não atropelar os acontecimentos. Nesse meio tempo, as irmãs se separaram, como Gerusa, entendeu que Kleber, era um bom partido, e estava sozinho, aproveitou-se da ausência dela, aproximou-se dele, e o conquistou para si. Talvez se Geralda tivesse sido sincera com a irmã, e confessado que gostava dele, ela não teria agido como agiu. Mas Geralda, para evitar que a irmã se reaproximasse de Expedito, preferiu sacrificar e se manter provisoriamente longe de Kleber. Então Dona Flor, que compreendeu a situação dela, obtemperou:

— Em nenhum momento você percebeu que Gerusa, também gostava de Kleber?

— Percebi, para me proteger de Expedito, fiquei com ele, porque sabia que Kleber me respeitaria. Quando fugimos, na minha cabeça, ela se entregaria a Expedito, e eu a Kleber. E ela não permitiu que isso acontecesse, depois fez o que fez.

Dona Rosa intercedeu: — Geralda, você é uma menina, tem apenas dezesseis anos, vai conhecer um bom rapaz, e ser muito feliz. Permita que Gerusa, seja feliz com Kleber, esquece tudo, não interfira na vida deles, o que é seu está reservado pra você.

Então Geralda estancou sua decepção, mas percebeu, Dona Flor, estava chorando, e logo, Dona Rosa também começou chorar. Então Geralda, perguntou:

— Por que vocês estão chorando?

— Porque, minha história e de Flor, é muito parecida com a vossa história. Quem sabe qualquer hora a gente cria coragem e conta pra você.

E o tempo haveria de passar, apagando reminiscências, e apresentando novas situações para serem manipuladas, porque não há sofrimento que perdure indefinidamente, a morte é um lenitivo extremo, que as vezes cruza caminhos, interrompendo sofrimentos e gerando outros, que o concurso do tempo é convocado participar para solucioná-los. Completava um ano, que os dois rapazes haviam retornado do interior, acompanhados de duas meninas simples, alguns fatos aconteceriam, e as vidas de nossos personagens, tomariam rumos que pareciam corresponder aos seus anseios. Geresa se uniu a Kleber, e rompeu com a irmã e com as pessoas que a ajudaram, e com muito esforço iam traçando seu caminho. Geralda, após assimilar o golpe, que a fez compreender que seu caminho seria um pouco solitário, que poderia contar apenas com as duas patroas, Dona Rosa e Dona Flor, mas certamente um dia teria que tomar outra direção. Expedito, cujo nome significa esperto, inteligente, astuto, embrenhou-se por uma estrada sem retorno, ganhou muito dinheiro, fez muita besteira, dissipou tudo, e até mais do que havia ganhado, até

ser pego em flagrante, como detectamos lá no início que de esperto e astuto, somente o nome. Porque teve oportunidade se safar e sair ileso, mas era incompetente para realizar esse feito, como foi pego sozinho, para se livrar teve que entregar aqueles que o usaram, isso significa que se comprometeu de fato. Os que ele entregou, eram mais espertos, como não foram flagrados, pagaram propinas e se safaram. Expedito ao invés de protegê-los, por dever a eles dinheiro, e não ter como pagá-los, ainda os entregou para serem extorquidos, mediante essas duas falhas capitais, foi sumariamente eliminado, pelos componentes de sua quadrilha, como queima de arquivo, seu corpo foi encontrado numa praia deserta, entre seus documentos uma foto do amigo de infância, com o antigo endereço, porque moraram juntos no passado. A polícia descobriu que a pessoa da foto era Kleber, um amigo de infância, acabaram o localizando, para relatar o ocorrido, por ser a única pessoa que tinham como provar que conhecia a vítima, foi avisado de que o corpo estava no IML, competia a Kleber requerer o cadáver para sepultá-lo. Como Kleber tinha apenas a esposa, recorreu a ela para ajudá-lo. Como estavam sem dinheiro, Gerusa, lembrou-se da irmã, e das ex-patroas, que diziam amigas, e tinham como ajudá-los. Então Gerusa, acabou indo até o restaurante, comunicar o ocorrido, e pedir apoio nessa hora tão difícil. Dona Rosa e Flor, consideraram que o momento era oportuno para reaproximarem as irmãs, o

tempo havia cicatrizado as antigas feridas, que provocou a separação, que já durava seis meses. Porque desde então, Gerusa não mais retornou ao restaurante, e as irmãs não mais se falaram. Geralda, com o apoio das patroas havia conseguido superar a desfeita que a irmã provocara, entenderam que o momento era aquele para se reaproximarem.

De posse do endereço, agora entregue por Gerusa à Dona Rosa, as três foram até à casa de Gerusa e Kleber, no bairro da Serrinha. Somente nesse momento Geralda conheceria o marido da irmã. O cunhado que há um ano pretendia fazer dela sua mulher. Ao deparar-se com Kleber, Geralda, dissimulou surpreendida, as três disfarçaram muito bem, fingindo demonstrarem de que não sabiam de nada, e o fato não repercutiu extraordinário, o que vem comprovar que tudo se resolve, sem violência ou atos extremos, Kleber ficou olhando para a cunhada, percebeu que a cidade grande proporcionou um bem extraordinário a ela, nada fazia crer que era a mesma pessoa que há um ano atrás tinha lá chegado, e nem sabia o que fazer da vida. Hoje Geralda era uma linda moça, muito bem arrumada, cabelos penteados e domados com estilo, lábios coloridos com um batom suave, Kleber quase teve uma recaída, mas a cara de Gerusa, já denunciava que havia captado, que o marido havia se emocionado.

Dona Rosa, a mais experiente ali presente, tomou a palavra, como quem sabia o que estava dizendo, falou com autoridade:

— Vamos até o IML, para solucionar esse problema desagradável. Expedito não tinha nenhum parente mais próximo, aqui na cidade?

Kleber respondeu: — Acho que investigaram e não encontraram ninguém, eu que o conhecia desde que tinha seis anos de idade, nunca fiquei sabendo de nada. Penso se ele tivesse algum parente ele mesmo desconhecia, nunca comentou nada comigo.

Dona Rosa, tranquilizou a equipe: — Não precisam se preocupar, decidi que vou arcar com todas as despesas, é o mínimo que posso fazer para ajudá-los.

Dona Flor, que observava Gerusa, fez uma pergunta um tanto indiscreta: — É impressão minha, ou você está grávida?

Gerusa corou rapidamente, depois com um sorriso meio sem graça, disse: — Achei que ninguém iria perceber, estou grávida de dois meses.

Geralda, aproximou-se da irmã, abraçando-a, disse: — Parabéns Gerusa, que bom, então vou ser titia?

Aquele gesto de Geralda desarmou completamente Gerusa, a partir daquele momento todo ressentimento desapareceu, as irmãs voltaram ser como antes, Gerusa com seus modos maternos que sempre demonstrou à irmã, e Geralda com seu jeito de filha obediente havia relevado de coração tudo que aconteceu, se a irmã estava bem com o marido, era o que para ela importava. Como disse Dona Rosa, o verdadeiro amor de sua vida deveria estar esperando por ela em algum lugar, da mesma forma que ela também ficaria aguardando, uma hora

certamente se encontrariam. O importante era os dois combinarem, e viverem felizes, sua irmã merecia, tinha sofrido muito em sua infância e adolescência naquele sítio, e era uma boa pessoa.

As duas irmãs se abraçaram demoradamente, depois Gerusa, falou: — Me perdoa Geralda há muito tempo queria ir lá aonde você mora pra gente conversar, e até hoje ainda não deu, mas agora você também sabe onde estou morando.

E todos saíram em direção ao portão que saía para rua, Dona Flor, Gerusa e Geralda, entraram na parte de trás do carro. Dona Rosa, no volante. Kleber sentou no banco do carona, depois de rodarem quase meia hora chegaram em frente ao IML. Kleber, passou o protocolo para Dona Rosa, que rapidamente foi resolvendo tudo, como conhecesse e funcionava o regulamento daquele departamento. Antes das três horas da tarde, o corpo de Expedito, dentro de um caixão modesto, que estava lacrado, apenas um pequeno quadrado de vidro, um pouco embaçado, permitia visualizar sua boca e nariz. Dentro daquele pequeno cemitério, numa região desolada, pouca habitada ainda, apenas cinco pessoas acompanhavam o sepultamento de Expedito, o coveiro habilidoso, fechava com blocos de tijolos, a extremidade da parte frontal do túmulo, por onde o caixão contendo o corpo de Expedito foi colocado. Enquanto as quatro mulheres se mantinham de pé observando os movimentos do funcionário do cemitério, já terminando seu trabalho, Kleber, estava sentado sobre uma

pequena pilha de blocos de tijolos, com o olhar perdido, olhando ao longe, parecia relembrar algum fato que de repente surgiu em suas lembranças. E assim estava consumada a história de Expedito, história que nem ele mesmo conhecia direito, o que podemos dizer com certeza, que por uns cinco ou seis anos foram em um orfanato dessa cidade onde cresceram, depois por mais uns cinco ou seis anos foram pelas ruas dessa mesma cidade litorânea, fazendo estripulias, entre banhos de mar, peladas de bola na praia, mesas de bares, depois por quase dois anos percorrendo cidadezinhas do interior, controlando os movimentos de uma pequena roda gigante, de um parque de diversões, mais um ano, trabalhando como mula, buscando drogas as escondidas, para sustentar os vícios das pessoas, que ele inconscientemente contribuía para que elas se auto destruíssem. Porque uma pessoa como Expedito, tinha naturalmente inclinação para coisas erradas, parecia que esse tipo de vida o perseguia. E ele deixava se atrair por elas quase que instintivamente.

Expedito teve uma existência breve, mas intensa, como se soubesse que logo estaria concluída, viveu de forma inconsequente como já relatamos, sem se preocupar com os compromissos que assumia, com as pessoas que cruzavam seu caminho, nem com os dias de seu amanhã. Essa impressão quem sentiu foi justamente Gerusa, por isso evitou se envolver com ele, se tivesse acontecido, certamente teria se arrependido amargamente. Quanto a Kleber, sentiu profundamente

a perda prematura do amigo. Foi uma infeliz escolha, se envolver com traficantes de drogas, mas quem somos para interpretar as opções alheias? Se muitas vezes, não deciframos nem as nossas próprias resoluções.

São Sebastião do Pontal – MG, 11/08/2022.

Antonio Martines Brentan

Expedito,
Um Bonito
Gesto



DEPOIS DO SEPULTAMENTO DE Expedito, no cemitério recém-inaugurado em um bairro da periferia, Dona Rosa, gentilmente levou o jovem casal até a frente de sua casa, no bairro da Serrinha. Gerusa convidou que todos descessem e fossem juntos tomar uma xícara de café, mas Dona Rosa, justificou que ainda teriam outras obrigações, para aquele dia, ficando a visita, e o café, para uma próxima vez, as duas irmãs despediram se abraçando, Geralda estendeu sua mão e se despediu do cunhado, todos deram-se as mãos e se despediram. Dona Flor, sentou-se no banco carona, e voltaram pra casa.

Passado uns quinze dias, Gersusa recebeu em sua casa, uma correspondência lacrada, enviada por uma agência de um Banco particular, endereçada à Kleber Martins, esperou o marido retornar do trabalho, entregou a correspondência a ele. Kleber ficou indeciso, abriu o envelope leu a cartinha, entendeu que o Banco estava apenas o convidando para que comparecesse na Agência, sem adiantar do que se tratava. Ficou um pouco contrariado, porque nunca teve nenhum negócio com aquele Banco. Passou o papel à esposa, leu e chegou à mesma conclusão. Então no outro dia Kleber, se ausentaria do trabalho por algumas horas e iria até a agência daquele Banco para saber do que se tratava.

À noitinha Kleber, chegou em casa, antes mesmo do banho, sentou-se em uma cadeira, Gersusa percebeu que queria lhe dizer alguma coisa, postou-se ao lado da porta, ficou olhando para o marido, ele falou:

— Depois do almoço, fui com o papel que recebemos até o Banco, fui convidado sentar em uma cadeira, e o funcionário comunicou-me, que há uns seis meses atrás, Expedito, abriu uma conta nesse Banco, e lá fez um seguro de vida, colocando meu nome como seu único beneficiário, caso lhe acontecesse alguma coisa, em que viesse perder a vida. A Seguradora ficou sabendo, não sei como, do acontecido, e disse que o prêmio estaria a minha disposição, caso conseguisse comprovar uns requisitos.

— E disseram, o valor dessa indenização, e quanto tempo vai demorar?

— Disseram para que providenciasse cópia de alguns documentos, daqui uma semana me pagariam, mais ou menos o valor que eu levaria um ano, trabalhando em meu serviço como pedreiro.

— Você já pensou o que fazer com esse dinheiro?

— Depois que receber, estou pensando pagar o restante do que devo da casa ao Sr. Nilson. O que você acha?

— Acho uma boa ideia. Quem diria que Expedito se lembraria de você?

— É que nunca lhe contei, mas há muito tempo Expedito, me devia parte desse valor, só que nunca lhe cobrei, para que me pagasse.

— Será que depois que você pagar a dívida com Sr. Nilson, vai sobrar alguma coisa?

— Talvez um pouco, por que está perguntando?

— Poderia pagar Dona Rosa. Foi ela quem pagou o sepultamento, e as outras despesas no IML.

— É verdade, tinha me esquecido dessa parte, mas acredito que o dinheiro que sobrar não será suficiente para cobrir o que Dona Rosa gastou.

— Mas vai ajudá-la um pouco.

— É verdade. Vamos ver quanto vai sobrar, se for muito pouco, melhor não dizer nada.

— Um desses finais de semana, poderíamos passar na casa de Dona Rosa, conversar um pouco mais com Geralda, quase não conversamos naquele dia.

— Se você quiser, avisamos e vamos.

— Eu quero, sim.

No dia seguinte Kleber, providenciou as cópias dos documentos exigidos, foi até o Banco, entregou ao funcionário responsável. Decorrido o prazo retornou ao Banco, a única exigência que fizeram, que abrisse uma conta, para que o dinheiro do prêmio do seguro, fosse creditado. Feito isso, renegociou sua dívida com Sr. Nilson, como anteciparia o pagamento em seis meses, obteve um desconto. Foram até o Banco, e transferiu o dinheiro para conta do amigo, quitando assim sua dívida. Com o desconto obtido, conheceram o valor que havia sobrado. Gersusa, ligou no restaurante, falou com Dona Rosa, disse a ela que pretendiam visitá-las no próximo domingo pela manhã, Dona Rosa concordou, disse que os esperariam.

No domingo pela manhã, pegaram o ônibus circular e foram até à casa da ex-patroa. Foram muito bem recebidos pelas três. Depois de muito conversarem, e conhecerem as dependências, da confortável residência. Kleber disse à Dona Rosa, sobre o seguro recebido, e que viera entregar-lhe um cheque do valor que havia restado, que quase cobria, o que ela havia gastado com as despesas do sepultamento de Expedito. Dona Rosa, agradeceu o gesto do casal, e disse:

— Vamos fazer o seguinte: Esse valor que sobrou, será um presente nosso, de nós três, para vosso filhinho

quando nascer. Agora se aceitarem, gostaríamos que fossem almoçar com a gente lá no restaurante.

O casal emocionado, agradeceu o presente e sem cerimônias, aceitaram o convite para o almoço. E dessa forma, haviam restaurado as relações, com Geralda, e com as senhoras, que eram pessoas muito gentis e caridosas.

São Sebastião do Pontal – MG, 14/08/2022.

Antonio Martines Brentan

Amor Fraternal



AS VIDAS DE KLEBER E GERUSA, seguiam em paz, a indenização recebida por Kleber, lhe tirou um enorme peso das costas, quitar aquela dívida foi muito bom, se não tivesse ocorrido esse fato certamente, encontraria dificuldade para quitar sua dívida, porque com a gravidez de Gerusa, alguns cuidados e despesas extras, começaram aparecer. Mas só pelo fato de saber que não devia mais nada ao colega, o amigo já se sentia mais tranquilizado. O presente que Dona Rosa, deu em seu nome e das amigas à criança, também repercutiu muito positivo para o casal. Engraçado, à princípio, quando Kleber conheceu Gerusa, lá no parque de diversões, apesar de tê-la achado mais bonita que Geralda, porque de fato mesmo era. Não à

cobiçou para si, mas agora sentia que a amava perdidamente, talvez pelo fato de as coisas terem acontecido da forma como aconteceu, e agora sabendo que ela estava esperando um filho seu, o desejo que sentia era vontade de regularizar aquele casamento, de conformidade com as leis. Então numa conversa à noite, como sempre faziam, Kleber confessou a Gerusa, o que pretendia fazer, assim que a situação permitisse.

— Estou pensando quando for nos casar, poderíamos ir nos casar lá onde moram vossos pais, afinal são seus pais. Até lá nosso nenê já nasceu, teremos tempo de guardar algum dinheiro, então nos casaremos na presença deles. O que você acha da ideia?

— Fico feliz, que você pense assim, mas se não der para gente ir até lá, podemos fazer isso tudo aqui mesmo, as despesas serão bem menores. Quando formos registrar nosso filho, ou batizá-lo, talvez até seja preciso que sejamos casados para fazê-lo.

— Falei o que falei pra você, porque como não tenho pais, gostaria muito conhecer seu pai e sua mãe, e ser amigo deles. Como são eles?

— Pra dizer a verdade, os considero muito pouco. Se não tivéssemos fugidos naquele tempo, teria nos vendido para algum coronel, lá do sertão. Eu não tenho nenhum sentimento nem pelo meu pai, nem pela minha mãe, e não gosto de Gilmara. Minha família sempre foi Geralda. Agora tenho você, e nosso filho, ou filha, ainda não sabemos

— E Geralda, o que sente por eles?

— Geralda, gosta ainda menos do que eu. Uma vez conversando em trazê-los para morar aqui com a gente, chegamos à conclusão de que o melhor lugar para eles, é lá na roça mesmo. Pelo menos não brigamos, meu pai não trabalhava, e obrigava a gente trabalhar, mesmo sabendo que aquela roça não produzia nadinha de nada.

— E como conseguem viver naquele lugar?

— Meu pai tem um bode, e umas cinco cabritas, é disso que conseguem viver. Minha mãe costuma vender ovos, frangos e queijos na feira lá do vilarejo.

— E a terra deles, vale alguma coisa?

— Vale nada, além do sítio ser pequeno, o que lá se produz é muito pouco, nem entendo como sobrevivemos lá por tanto tempo.

— E eles têm boa saúde?

— Mais ou menos, meu pai perdeu a vontade de trabalhar.

— Seu pai chama-se Sr. Gabriel Serra e sua mãe Dona Sebastiana Serra, e sua irmã Gilmara Serra? Não os conheço, mas sinto que gostaria muito conhecê-los.

Kleber pronunciou essas palavras, com tanto sentimento na voz, que conseguiu sensibilizar a esposa. Na verdade, revelava o desejo de Kleber conhecer a família dela, por ter sido sempre um menino muito carente. Apesar de Expedito não demonstrar muita consideração por ele, Kleber seria capaz de proteger e defender o amigo, por ser a única pessoa que considerava seu parente, talvez um irmão. Por essa razão não prestou muita atenção em Gerusa, quando a conheceu. Porque Expedito,

sendo mais velho que ele, demonstrou interessar-se por ela, então não a disputou com o amigo. Mas na verdade, as duas irmãs, gostaram dele, porque como disse Gerusa, Expedito era do tipo inconsequente, e não inspirava nenhuma confiança. Em consideração ao que sentia pela irmã Gerusa, Geralda, sofreu um pouco no início, mas agora o que mais desejava, era a felicidade dos dois. E essa declaração não seria necessário fazer, o amor das irmãs superou tudo naturalmente.

A morte de Expedito de certa forma, foi um acontecimento que gerou algumas mudanças, aproximaram as duas irmãs, que haviam se distanciados por razões até incompreensíveis. Mas agora uma nova fase se iniciava. A atitude de Dona Rosa, foi fundamental para que tudo transcorresse sem maiores conseqüências. Não obstante, desde o início ela ter demonstrado uma certa preferência por Geralda, queremos crer que foi por uma questão de afinidade, porque em nenhum momento ela preteriu Gerusa. Essa sim, naturalmente foi se afastando das patroas, e da própria irmã, buscando em Kleber o arrimo que precisava. Demitiu-se do emprego, em clima de mistério, graças a maturidade de Dona Rosa, percebeu o momento oportuno, e saneou as discórdias, e tudo parecia retornar ao caminho previamente traçado, para levar a termo os acontecimentos reservados para depois.

Faz-se oportuno mencionar que o presente, concedido por Dona Rosa, ao filhinho do casal, tivesse utilidade providencial, quando da chegada da criança, mormente um parto difícil, que não só poria em

risco a vida da criança, como da própria mãe, que inevitavelmente exigiram gastos adicionais aos previstos. Mais uma vez Dona Rosa, sensibilizada permitiu que Geralda, ficasse o tempo todo ao lado da irmã, até que o pior havia se passado, foram mais de um mês, inclusive com a participação efetiva de Kleber, que se abdicou do trabalho, para acompanhar passo a passo todo desenrolar da recuperação da esposa. Com às graças de DEUS, tudo acabou bem, e Luana, voltaria nos braços dos pais, para casinha modesta, no bairro da Serrinha, e Geralda continuaria por mais uns dias ao seu lado, enquanto Kleber retornaria ao trabalho.

São Sebastião do Pontal – MG, 17/08/2022.
Antonio Martines Brentan

Visita à
Casa Paterna



E O TEMPO PASSAVA CÉLERE, E A VIDA aos poucos iria retornando seu curso normal, e Luana cada dia dava testemunho, que todo aquele sacrifício tinha valido à pena. A garotinha a cada dia ficava mais bonita e engraçadinha. E Kleber não tirava de sua cabeça, a intenção de visitar os pais de Gerusa, à medida que mãe e filha abandonavam, tudo que havia acontecido, o desejo do marido ia aos poucos convencendo a esposa. Luana estava agora com três meses, as economias de Kleber permitiam, que fizessem a viagem pretendida. Na opinião de Gerusa retornar à casa paterna sem a presença de Geralda, não surtiria o resultado desejado, a irmã resistiu um pouco no princípio, mas diante do parecer favorável da patroa, que reconhecia

que sua presença seria indispensável, porque desde que começara trabalhar na cozinha do restaurante nunca havia tirado uma semana sequer de férias, exceto o tempo que passou ao lado da irmã, na ocasião de seu parto, que não foi nada parecido com um período de férias, muito pelo contrário. O que acabou convencendo-a, e a viagem de ônibus seria realizada. Dessa cidade litorânea, até os agrestes da região de Restinga, seria uma jornada e tanto, e a data foi marcada. Gerusa sabia que levando a irmã ao seu lado, a possibilidade de comover os pais, seria bem maior. Talvez somente na companhia do marido e da filhinha, não teria coragem para retornar, devido à maneira como de lá saíram. Porque quando partiram, não imaginavam que um dia fossem retornar, isso acontecia e acontece amiúde na região, filhos que deixam os pais e jamais retornam, principalmente quando decidem tentar a vida noutra região, num país de dimensões continentais como é o nosso.

Mas a verdade é que a vida das pessoas, entregues à própria sorte, num pequeno sítio numa região seca do agreste, param literalmente. E quando Gerusa e Geralda, acompanhadas de Kleber e da pequena Luana, chegaram ao sítio dos pais perceberam que lá o tempo não havia passado mesmo, e tudo continuava igual, diria que estava mais feio, mais seco, mais triste. pobre e abandonado. O progresso das filhas era infinitamente superior e visível, seus modos de vestir, falar, portar-se, tinha se modificado para melhor, deixaram de ser aquelas duas cabritas espetivadas, que viviam capinando aquelas roças pobres, que

aos sábados costumavam ir ao vilarejo, espairecer e vadiar. Em menos de três anos, agora na plenitude de suas melhores idades, eram moças distintas, muito bonitas e bem cuidadas, e arrumadas, uma metamorfose radical as haviam transformado completamente.

Por esses tempos Gerusa e Geralda, imaginaram que encontrariam o pai, a mãe, e a irmã Gilmara, que pelo tempo transcorrido deveria estar agora com dezesseis anos, mas só encontraram os pais, que tiveram a impressão de que o tempo lhes haviam retirado o restante de alegria que um dia distante haviam possuído. A explicação que ouviram da mãe, que a irmã havia por livre e espontânea vontade, deixado a casa paterna, e estaria morando em um reduto particular, formado por moças, e mulheres jovens descasadas, cujo modo de ganhar a vida era um tanto nebuloso, mas era sabido que coronéis da região, eram frequentadores e mantenedores desse ambiente. Dona Sebastiana lhes assegurava que o pai nada tinha a ver com a opção de a filha, ter aderido a esse modo de vida. Na verdade, ficou chateado no início, mas logo conformou-se devido o decréscimo das despesas, uma boca a menos significava economia significativa.

Enquanto isso Kleber, tentava conversar com o sogro, demonstrando preocupação em saber que eles se encontravam sozinhos e desassistidos da presença e da ajuda das filhas. Mas Sr. Gabriel, nesse sentido era insensível. Quando Kleber aventou a possibilidade dele se desfazer do sítio e os acompanharem para morar também na cidade. Ouviu do sogro que essa possibilidade

não existia, era o mesmo que obrigar um peixe viver fora da água. Um matuto como ele não sobreviveria muito tempo fora do sertão. Alguns homens nasceram para viverem apartados dos filhos, era uma questão de precisão, não lhe restava outra opção, afinal considerava que já havia cumprido boa parte de sua existência, competindo a ele agora somente a obrigação de esperar que seu final chegasse logo, afinal o que uma pessoa como ele podia mais esperar em uma cidade grande.

Aquela informação sobre Gilmara, não agradou nem à Gerusa, nem à Geralda, esse modo de ganhar a vida, apesar de ser uma atividade milenar, para uma mulher de nosso tempo, soava como renunciar a tantos outros recursos de que somos portadores, para ganhar o sustento da vida. O trabalho descente, mesmo que seja humilde, seria a forma mais correta e digna para uma jovem de apenas dezesseis anos. As duas irmãs deliberaram, que antes de voltarem, procurariam pela irmã, e tentariam convencê-la, caso ela aceitasse, estariam dispostas levá-la, para tentar uma maneira mais decente e moral de ganhar a vida, na cidade onde residiam. Esse posicionamento das duas filhas mais velhas, de Sr. Gabriel Serra, deixava bem explícito que apesar das dificuldades que enfrentaram, em nenhum momento se corromperam.

Ao tomar conhecimento da intenção das duas filhas mais velhas, Dona Sebastiana que nunca admitiu que sua filha caçula, a quem criou com todo amor e desvelo, e sempre a protegeu, exercesse função tão de-

gradante, providenciou uma maneira de avisá-la, da visita das irmãs, pedindo que ela viesse vê-las, esperando que ela aceitasse a sugestão das irmãs. Gilmara se deu ao trabalho de vir ao encontro das irmãs, que estavam acompanhadas de Kleber, que nessa oportunidade conheceu a cunhada caçula. Mas Gilmara recusou veemente o convite delas, e acabou revelando sua atual situação. Disse que conhecera um coronel, viúvo e muito rico, que se engraçou por ela, e estava vivendo com esse senhor, agora em sua casa, que apesar de seus oitenta anos de idade, tinha se amasiado com ele, e não o deixaria por nada, que quando ele morresse, sua independência financeira estaria assegurada. Diante desse argumento convincente, as irmãs transmitiram à mãe, o recado de Gilmara, que dizia: Para que ninguém precisasse se preocupar com ela, que não iria deixar o certo pelo duvidoso. Foi o suficiente para convencer a mãe, que a filha caçula que tinha apenas dezesseis anos, sabia muito bem o que estava fazendo, e de inocente e ingênua tinha muito pouco.

Alguns dias no isolamento naquele sítio para Kleber, representou uma eternidade, o sol abrasador não mudava sua posição no céu, despido de nuvens e o dia não transcorria, as noites eram também intermináveis e quentes, os galos com suas cantigas monótonas de tempo em tempo, anunciavam que o dia logo amanheceria, alarme falso, de repente tudo silenciava, a escuridão não se retirava, e o sol recusava aparecer, e a cantoria prosseguia madrugada à dentro, até os ponteiros do relógio

também não colaboravam, e tudo conspirava para que o dia não amanhecesse, e o grilo com sua cantilena estridente e intermitente, oculto em seu esconderijo secreto não se cansava em definitivo, nem tão pouco desligava sua fonte sonora. O tempo naquele sertão, certamente diferia do tempo dos outros lugares, tudo parecia muito lento e demorado, impressão ou realidade? Impressão, quando perceberam havia se passado uma semana, já haviam comido toda a carne do cabrito que Sr. Gabriel, havia sacrificado, para que as refeições fossem mais apetitosas. Não obstante a recepção oferecida pelos anfitriões, havia superado as expectativas, Kleber não intenciona tão cedo trocar sua casa confortável, distante poucos quilômetros da praia, por aquele retiro despido de qualquer atrativo, a não ser se a pessoa gostasse de contemplar uma caatinga esquecida no meio do nada. Mas felizmente havia chegado o dia de ir embora, a obrigação convocava a todos que retornassem, o trabalho os esperava.

Gerusa, Geralda, Kleber, e a pequena Luana, despediram-se de Sr. Gabriel e Dona Sebastiana, para ir até o povoado que não ficava muito distante do sítio, pegariam a jardineira que iria até uma cidade maior, em direção ao litoral, depois era pegar um outro ônibus mais espaçoso e confortável, que os levaria até a Capital, e lá tomariam outro que os levaria até a cidade onde moravam.

Para Gerusa e Geralda, a visita à casa paterna tinha sido muito proveitosa, aquele mal estar que havia perseverado em suas memórias, daquela fuga improvisada,

havia sido superada, e as atitudes do pai demonstrava que aquele coração ressequido pela ação de tantas intempéries estava um pouco mudado, na despedida viram que de seus olhos brotaram algumas poucas lágrimas, foi o suficiente para que as duas se confabulassem, e juntas deliberassem entregar para a mãe, o excedente do dinheiro que possuíam, e quando elas estivessem ido embora, repartisse entre ela e o pai, não era muito, apenas uma ajuda simbólica. Que na verdade para eles era muita coisa, e teria um significado expressivo. As filhas que há três anos eram duas cabritas desarvoradas, agora poderiam ser consideradas duas pessoas distintas e respeitáveis, que com seus poucos recursos instrutivos, havia sozinhas conseguido suas independências e respeitabilidades, o que sem nenhuma dúvida deixaria qualquer pai e mãe orgulhosos de tê-las como filhas muito queridas. E particularmente perceberam que Kleber era um homem muito especial, a forma carinhosa e respeitosa como se relacionava com Gerusa e a filhinha, e sua preocupação com a situação deles, denotava que a filha tinha feito um bom casamento, homem com bons modos como ele, não existia em todo aquele agreste.

São Sebastião do Pontal – MG, 31/08/2022.

Antonio Martines Brentan

A Breve
História de
Rosa e
Otogamiz



E ASSIM AS DUAS IRMÃS, KLEBER, E A pequena Luana, tinham passado uma semana no interior. Fazendo um balanço do sucedido, não foi uma má ideia. Esse é o dever de todo bom filho, apesar dos pesares, tinha sido um bom passeio. O tempo tem o poder de modificar as pessoas, Sr. Gabriel e Dona Sebastiana, mudaram muito, e para melhor. Quem se omitia até olhar para uma filha com carinho, parecia agora comprazer-se em ouvi-las, quando elas relataram a sucessão dos acontecimentos decorridos, a partir do momento que saíram de casa, limitava em ouvir, sem emitir seu parecer de julgamento ou condenação. Em nenhum momento repreendeu Kleber, e demonstrou gostar dos modos preocupados, e atenciosos do genro. Esse posicionamento diferia quando tocavam no nome da filha

caçula, Gilmara, com suas atitudes, conseguiu decepcionar à ambos, principalmente à mãe. Talvez por ser um acontecimento mais recente. Nada como um dia depois do outro, talvez no futuro Gilmara se redimiria, coração de pai e mãe, possui enorme capacidade relevar, porque os pais jamais deixam de amar a um filho.

Mas a vida haveria de continuar, Geralda, ao relatar o passeio à Dona Rosa, e à Dona Flor, não conteve as emoções, e permitiu que as lágrimas jorrassem abundantes. Isso a fez perceber que um filho também, apesar das insensibilidades, paternas e maternas, jamais deixa de amar aos pais, às vezes só conseguem perceberem muito tarde. Mas DEUS, conhece os sentimentos de cada um de SEUS filhos.

Na casa de Kleber e Gerusa, não houve muitos comentários, nem lágrimas, mas o marido percebeu que a esposa, arrefeceu seu posicionamento com referência aos pais, talvez por ter tido às mesmas impressões da irmã Geralda. Mas o que mais desagradou a Kleber, foi a monotonia do lugar, que fazia os dias parecerem mais longos e as noites intermináveis. Mas não seriam esses inconvenientes que os impediriam retornar à casa do sogro. Quando Luana completasse três anos de idade, pudesse correr pelo terreiro atrás das galinhas, e conseguisse conversar com os avós, certamente eram detalhes que ele como pai, não obstaria que acontecesse, são esses acontecimentos aparentemente sem importância, que marcam profundamente as lembranças de uma criança criada na cidade. Para a filha Luana essa viagem certamente não ficaria registrada em sua memória em formação.

Haviam se passados mais de três anos que as irmãs Gerusa e Geralda, residiam nessa cidade litorânea, que não ficava muito distante da Capital. Gerusa, agora com dezenove anos de idade, não mais se envolvia com afazeres fora de seu reduto doméstico. Apesar de morarem em uma casa relativamente pequena, a presença da filha absorvia sua atenção o tempo todo. Kleber, estava feliz em seu casamento, principalmente com a chegada da filha, e agora que tinha ido conhecer os sogros, que apesar das dificuldades em que viviam, gostou da recepção, e das maneiras como foi tratado o tempo todo, a família de Gerusa seria agora mais do que nunca sua única família.

Quando Dona Rosa profetizou que Geralda haveria de conhecer um outro rapaz, que a faria esquecer aquele sentimento que a fez pensar, que sentia por Kleber, não imaginou que as coisas aconteceriam da maneira como se daria, que de certa forma foi por intermédio dela que tudo foi possível.

Há pelo menos dez anos atrás, quando Dona Rosa, que na época era uma jovem que não tinha ainda vinte anos de idade, única filha de um casal de fazendeiros de uma região do interior do estado, cujo pai ostentava a insígnia de Coronel. Rosa Maria Ventura, havia concluído o segundo grau, e seu sonho seria fazer um curso superior, na área de educação, letras ou pedagogia, depois voltar, quem sabe casar-se com Fausto, que era filho de uma família comerciante de origem libanesa, muito bem estruturada na cidade em que moravam, e ali fazer carreira nessa profissão. Não obstante a resistência dos pais,

nada a fez demover da ideia. Rosa deixou os pais e o namorado, e veio para essa cidade litorânea para fazer seu curso, e realizar seu antigo sonho.

Depois de estar morando e estudando nessa cidade, um dia acompanhada de uma colega de faculdade, passando em frente ao restaurante que hoje é a proprietária, resolveram entrar e ali fazer suas refeições. Foram servidas por um rapaz simpático que aparentava ser um pouco mais velho que ela, o interesse do suposto garçom foi tanto, que se livrou de seu avental, e veio sentar-se à mesa das moças, então Rosa descobriu que seu nome era Otogamiz, e que era o proprietário do restaurante, que nessa época estava começando expandir sua clientela.

Otogamiz ficou tão impressionado em conhecer Rosa, que naturalmente foi revelando a ela toda sua trajetória nessa cidade, que de certa forma conseguiu comover e alterar todos os seus sonhos e pretensões. Relatou Otogamiz, que há três anos, havia deixado sua família no interior, e veio para essa cidade com o objetivo em fazer curso de medicina na Capital, então seu pai comprometeu-se contribuir mensalmente com uma mesada para ajudá-lo com as despesas da faculdade. Fazia apenas dois meses que estava cursando medicina, descobriu que não era exatamente aquilo que pretendia. Pegou suas economias e investiu tudo naquele restaurante, sem dizer aos pais que havia abandonado o curso, e seu pai continuou enviando a mesada todos os meses, até que tomou conhecimento que o filho havia trocado o futuro de médico, pelo de dono de restaurante.

Rosa ficou tão impressionada com a determinação de Otogamiz, e com sua história, que no dia seguinte voltou sozinha ao restaurante para almoçar, mais com finalidade de revê-lo. Nesse segundo encontro, o entendimento entre os dois foi tão intenso, que Rosa desistiu de seu curso de pedagogia e resolveu compartilhar da mesma aventura de Otogamiz. Escreveu uma carta ao namorado do interior, rompendo o namoro, justificando que havia conhecido e se apaixonado por um colega de faculdade, sem revelar que na verdade, tinha ido morar com o dono do restaurante. Depois de dois meses, discretamente se casaram, sem ao menos avisarem aos pais.

O fato foi descoberto pelas famílias de Otogamiz e Rosa, quando havia se passado três anos que estavam casados, nessas alturas o casal estava financeiramente estruturado, e muito felizes no relacionamento, e nada puderam fazer ou falar, a não ser lamentar que os filhos não concluíram seus estudos, e aceitar a resolução deles. Quando terminaram de construir a residência, a qual já reportamos, o casal pretendia aumentar a família com no mínimo três filhos, mas infelizmente aconteceu o acidente que interrompeu o sonho deles. E Dona Rosa, agora viúva, deliberou dar continuidade no projeto do marido, que ela ajudou construir.

São Sebastião do Pontal – MG, 31/10/2022.

Antonio Martines Brentan

Encontro Promissor



POR ESSES TEMPOS APARECERAM NA casa de Dona Rosa, os pais de Otogamiz, Senhor Genésio e Dona Leonor, acompanhados do filho caçula Dario, um rapaz de vinte e dois anos, bem apessoado, que recusou continuar seus estudos, para ajudar o pai na condução de seus negócios, em sua propriedade rural. Vieram até a Capital Recife, trazer Sr. Genésio para consultar um cardiologista, e fazer alguns exames preventivos, afinal o sogro de Dona Rosa contava com sessenta anos de idade. Como tudo estava bem, resolveram visitar a nora, que há muito tempo não viam.

Foram recepcionados por Geralda, quando Dario viu a moça não imaginou que se tratava de uma empregada doméstica, sua presença jovem e muito bonita, impressionou o rapaz que ainda era solteiro. Depois de se apresentarem, imediatamente Geralda telefonou para patroa comunicando a presença das visitas. Antes que Dona Rosa chegasse, Geralda esclareceu que começou trabalhando como funcionária do restaurante, a pedido da patroa veio cuidar de sua casa, mas trabalhava para Dona Rosa há algum tempo.

Assim que Dona Rosa chegou, apresentou Geralda aos parentes, não como funcionária da casa, mas como uma amiga, a quem muito estimava. Dario não perdeu tempo, em particular, quis obter informações sobre Geralda. Dona Rosa, o questionou sobre seu romance que era de conhecimento de todos. Então Dario justificou-se que seu romance estava praticamente terminado, só estava faltando que ele conhecesse Geralda para que terminasse de vez.

Assim que a patroa ficou sozinha com Geralda, lhe revelou que o cunhado se interessou por ela, e a conversa que tiveram. Geralda muito tímida e discreta apenas ouviu os comentários de Dona Rosa, sem lhe dizer que também tinha se simpatizado com ele, apenas sorriu disfarçando. Depois de conversarem algum tempo, ficou deliberado que todos iriam almoçar no restaurante, por insistência de Dona Rosa, deliberou que eles fossem embora somente no dia

seguinte, houve resistência somente dos sogros, mas Dario aprovou imediatamente a sugestão da cunhada, alegando que era mais conveniente que saíssem bem pela manhã, interessado em aproximar-se de Geralda, o que não passou despercebido pelas duas.

Geralda para acompanhá-los até o restaurante, vestiu-se adequadamente, deixando transparecer todos seus atributos de moça bonita e bem-comportada, que ninguém diria que se tratava de uma simples empregada doméstica, esses modos civilizados e elegantes, era o resultado da convivência com a patroa e Dona Flor, que sempre lhe orientaram, a maneira correta que uma moça deve se vestir. Não seria necessário dizer que, não somente Dario ficou impressionado com a classe e os modos da mocinha, como também seus pais observaram.

Durante o almoço um assunto que Dona Rosa, considerou oportuno esclarecer foi a real situação amorosa do cunhado. Primeiro ouviu-se a opinião dos pais de Dario, que consideravam que aquele namoro não tinha futuro, um casal de namorados que só viviam brigando, não era conveniente assumir compromisso mais sério. Para surpresa geral, Dario fez uma declaração no mínimo surpreendente. Disse com todas as palavras, que não tinha mais nenhum compromisso com sua ex-enamorada, principalmente depois que conheceu Geralda, ficou toda desconsertada, aquela revelação pública, ela não esperava. Percebendo a situação constrangedora da moça, Dona Rosa, falou em sua defesa:

— Dario, você está enganado sobre Geralda, primeiro você tem que ouvir o que ela pensa sobre o assunto, penso que foi uma indelicadeza de sua parte, desconsiderar o que ela pensa sobre você, para declarar-se.

Agora quem ficou visivelmente embaraçado foi Dario. Geralda, elegantemente falou defendendo seu admirador:

— Não estou ofendida, sou descomprometida, aliás nunca tive um namorado, mas só namoraria com alguém que fosse descomprometido como eu, com quem simpatizasse, e percebesse que fosse sincero. Você teria que provar que possui essas qualidades.

Um pouco mais desembaraçado, Dario falou: — Era justamente isso que queria ouvir de você, se você sentiu um pouco do que senti por você, acho que vamos nos entender facilmente. Gostaria de conversar com você, para que saiba mais sobre mim, concordo com meus pais, aquele meu namoro não tinha mesmo futuro.

Dona Rosa, complementou: — Falei o que falei foi por Geralda, ser para mim uma pessoa muito querida, talvez a irmã que nunca tive, ficaria muito chateada e magoada, se alguém, seja lá quem for, viesse fazê-la sofrer.

Dona Leonor, perguntou a Geralda: — Sua família mora aqui nessa cidade?

— Não, meus pais moram no interior, na região do agreste, num pequeno sítio, perto de um vilarejo chamado Restinga, aqui moramos somente eu e uma irmã,

pouquinho mais velha, casada, tem já uma filhinha, ela se chama Gerusa, e minha sobrinha se chama Luana.

E o almoço transcorreu muito descontraído, todos participando das conversações, Dario dominado por um magnetismo estranho, encontrou nos olhos e no sorriso de Geralda, uma espécie de paz que necessitava, ela também deixou-se conduzir por aquela sensação prazerosa que vinha dele e de todas aquelas pessoas, que lhe transmitiam segurança e carinho, principalmente a mãe de Dario, que demonstrava ter simpatizado muito com ela, e em nenhum momento rechaçou as pretensões do filho, em romper definitivamente seu namoro anterior, e levar adiante a intenção de se aproximar dela com intenção de namorá-la.

Senhor Genésio fez um comentário a respeito da situação sentimental do filho, que deixou subtender que também não acreditava que seu romance pudesse prosperar, dizendo: — Um namoro de verdade para mim, tem que proporcionar felicidade ao casal de namorados, um relacionamento de brigas, atritos e desconfianças não é um sinalizador promissor. Está na hora de Dario encontrar uma pessoa com quem se entenda de verdade.

Dario aproveitou os argumentos do pai, e falou em tom descontraído: — Pois é meu pai, acho que demorou mais agora encontrei quem procurava.

E todos riram, embaraçando mais uma vez Geralda.

Depois do almoço, Dona Rosa pediu à Dona Flor, que fosse com ela até o escritório, e a delegou

algumas funções, justificando que não retornaria ao restaurante naquela tarde, queria fazer companhia para os sogros, e acompanhar a evolução daquele princípio de relacionamento entre Dario e Geralda, entendeu que a amiga iria precisar de sua presença para orientá-la na decisão daquela situação, que certamente iria prosperar.

Enganam-se quem pensa que Geralda recorreu à patroa para se decidir, depois de conversarem a sós por algumas horas naquela tarde, era visível que os dois haviam se entendido com relativa facilidade. No final da tarde, princípio de noite, Dona Rosa e a sogra, organizaram um jantar discreto, seria oportunidade de conversarem sobre o desfecho daquele princípio de romance, Dona Leonor confidenciou à nora, que não fazia nenhum gosto no namoro anterior do filho, e de certa forma ficaria feliz que se entendesse com Geralda, confessou que gostou dos modos da moça, sem dizer que era muito mais jovem e bonita que sua ex.

Durante o jantar, Dario aproveitou a presença de todos, comunicou oficialmente que havia se entendido com Geralda, e as convidaram que fossem visitá-los onde moravam, que não ficava muito longe, e gostaria que Geralda fosse pessoalmente conferir, tudo que lhe havia relatado, e conhecer os demais de sua família, e se quisessem, poderiam convidar para acompanhá-las, a irmã Gerusa e o cunhado. Senhor Genésio e Dona Leonor, refor-

çaram o convite do filho, enfatizando que era uma infelicidade muito grande, não ter mais a presença do filho Otogamiz, a quem muito amavam, para compartilhar aquele momento da vida deles.

À noite Sr. Genésio ocupou-se em assistir televisão, em uma sala exclusiva, Dario e Geralda permaneceram sentados em um sofá numa sala contígua, conversando já como namorados. Dona Rosa, sentiu que Dona Leonor, ficou muito feliz quando o filho revelou que havia terminado definitivamente seu namoro anterior, com intimidade convidou a sogra para conversarem no quarto, pretendendo descobrir particularidades da relação amorosa tumultuada do cunhado, que declarou que estava tudo terminado. Dona Leonor muito sincera sem perceber as intenções da nora, passou revelar as razões por não compartilhar de bom gosto com o namoro do filho. Dona Leonor, começou dizendo:

— Na verdade nem eu nem Genésio, ficamos felizes quando Dario começou namorar Silma, não por ela ser uma moça pobre, mas por ser muito interessante, e vulgar, seus antecedentes não a credencia para ser uma boa esposa, namorou vários rapazes desocupados e irresponsáveis, todos procedentes de famílias abastadas, e foram sempre romances tumultuados, e escandalosos, em uma cidade pequena as pessoas comentam, e a reputação dela acabou-se por denegrir-se completamente. Por falta de opção começou sair com Dario, que não foi diferente,

temíamos que ele não conseguiria livrar-se dela, sem maiores complicações, o relacionamento deles já durava quase um ano. Com tantas jovens bonitas e honestas, existentes em nossa cidade, foi envolver-se com pessoa tão desclassificada. Prefiro mil vezes, que ele se interesse e case com uma moça como Geralda, simples, pobre, mas decente.

— Geralda está comigo há mais de três anos, quando a conheci era uma menina de quinze anos, é trabalhadeira, honesta e confiável. Por isso disse que tenho por ela muito carinho e consideração, não o considero como empregada, mas como uma amiga, confidente, e sinto-me na obrigação de ampará-la e protegê-la.

E assim continuaram até quando Dona Flor chegou do trabalho, deveria ser quase dez horas da noite, antes de cada um ir para o seu aposento, ficou combinado que Dario manteria contato com Geralda, por telefone à partir da tarde do dia seguinte, quanto à viagem assim que surgisse a primeira oportunidade, Dona Rosa comprometeu-se levar Geralda para conhecer os demais membros da família de Dario, sendo dois irmãos e duas irmãs, todos casados, residiam com suas famílias na mesma cidadezinha onde seus pais moravam.

No dia seguinte logo pela manhã, depois do café, as visitas se foram. Antes de sair para o restaurante, Dona Rosa confidenciou à Geralda, algumas informações reveladas por Dona Leonor,

sobre o namoro anterior de Dario, a situação era mais delicada do que ela imaginava, por isso, nada de precipitações, seu cunhado não era tão confiável como aparentava ser, o que de certa forma, tirou o entusiasmo de Geralda.

São Sebastião do Pontal – MG, 03/11/2022.
Antonio Martines Brentan

Feliz Decisão



A NOITE QUANDO DONA ROSA E Dona Flor, retornaram do restaurante, depois do banho costumeiro, Geralda foi até o quarto da patroa, e quis saber na íntegra o que Dona Leonor havia revelado, por que segundo a versão que ela ouviu de Dario o rompimento era definitivo e irreversível. Então Dona Rosa, esclareceu o que tinha entendido:

— Segundo o que ouvi de Dona Leonor, o relacionamento deles é bem complicado, já terminaram e voltaram várias vezes, a moça que se chama Silma, é interesseira e sua reputação não é das melhores, Dona Leonor acha que o filho não conseguirá se livrar dela

sem maiores complicações, ele vem tentando e não consegue. Por isso como lhe disse essa manhã, apesar de Dario ser meu cunhado, não se precipite, não tenha pressa, não sabemos o quanto ele possa estar comprometido com essa moça, estou lhe falando assim, por que não quero que você venha sofrer.

— Para ser sincera acho que já estou sofrendo. Gostei tanto dele e de seus pais, que agora tenho a impressão de que foi apenas um sonho.

— Senti que todos também gostaram muito de você, o que estou tentando lhe dizer, para que tenha cuidado, vamos aguardar a sucessão dos acontecimentos, em minha casa você está amparada e protegida, daqui uns dias vou ligar para Dona Leonor, ela é muito sincera, sinto que podemos confiar nas suas informações. Dario ligou para você essa tarde, como prometeu?

— Esperei, mas não recebi nenhuma ligação.

Ao sair Geralda abraçou Dona Rosa, e lhe agradeceu pelo apoio, depois deixou o quarto cabisbaixa, visivelmente preocupada.

Quando Dario e seus pais chegaram na pequena cidade onde moravam, foram recepcionados por Silma, que os esperavam, com o propósito de reatar seu namoro com Dario, para se evitar barraco, o rapaz convidou-a para conversar na privacidade do interior de sua casa, juntamente com seus pais. Dario foi sincero e objetivo, disse-lhe que desta vez não tinha volta, sem revelar que tinha conhecido Geralda, Sil-

ma ensaiou fazer um escândalo, que obrigou os pais de Dario interceder, posicionando contrário à continuidade do namoro. Silma descontrolada com a possibilidade que o caso era irreversível, alegou que suspeitava estar grávida, Dario indelicadamente disse que não respondia por aquela possível gravidez, que a briga deles havia ocorrido por ter descoberto que ela estava se relacionando as escondidas com um seu ex-namorado. Silma perdeu deliberadamente a classe e ofendeu com palavras de baixo calão. Quando Dona Leonor, disse-lhe que existiam meios para se comprovar uma paternidade, defendeu-se dizendo que não se submeteria a nenhuma humilhação, e ofendeu toda a família com insultos indizíveis, e se retirou da casa dizendo, que as coisas não seriam como eles queriam que fossem, pelo fato dela ser uma moça pobre.

Dario ficou tão descontrolado que foi espairecer na fazenda do pai, por essa razão não telefonou para Geralda, como haviam combinado, e ficou por lá três dias.

Quando retornou sua mãe lhe disse que Dona Rosa, tinha ligado para perguntar por que não havia ligado para Geralda como prometeu. Que ela tinha justificado, dizendo que ele necessitou ir à fazenda, juntamente com o pai para resolver uns problemas que lá surgiram, assim que retornassem ligaria imediatamente.

À tarde Dario ligou para casa da cunhada, e falou com Geralda, omitindo os acontecimentos

desagradáveis ocorrido no dia em que chegaram de viagem, ratificando as justificativas que sua mãe havia passado para Dona Rosa, mas estava tudo bem, que agora passaria ligar todas as tardes. Geralda aca-
toun as explicações, sem suspeitar o que de fato estava acontecendo.

Quando Dona Rosa e Dona Flor, chegaram do restaurante à noite, encontraram Geralda toda sorridente, imediatamente passou relatar às amigas a conversa que teve com o namorado. Então a questionaram se havia perguntado a ele, se havia encerrado de fato seu namoro com Silma? Geralda respondeu: — Como não me disse nada, considerarei constrangedor falar sobre um assunto que me garantiu que estava terminado e resolvido.

— Amanhã quando te ligar, pergunta se realmente tudo ficou solucionado. Ou melhor, amanhã pela manhã, vou ligar para Dona Leonor, para saber se eles não mais se encontraram.

No dia seguinte antes de sair para o trabalho Dona Rosa, ligou para a sogra para obter informações se Dario havia de fato encerrado seu namoro, sem nenhum problema. Dona Leonor que era um poço de sinceridade, relatou à nora o imbróglio que havia se tornado o rompimento do namoro do filho, mas que não dissesse nada para Geralda, que era só uma questão de tempo, tudo estaria resolvido. Silma dessa vez havia extrapolado o limite da decência, a maneira e os argumentos chantagistas que ela usou, revelou-se falsa e dissimulada.

Antes de saírem para o restaurante, Dona Rosa disse para Geralda: — Dona Leonor não me disse nada, prometeu-me ficar de olho no filho, caso voltasse encontrar com a moça. Melhor você não perguntar nada a ele. Daqui há alguns dias vamos até lá, comprovar pessoalmente se podemos confiar na palavra de Dario, se começar com mentiras e falsidades, diz a ele que é melhor continuar sozinha do que mal acompanhada. Que certamente haveria de encontrar uma pessoa em quem poderia confiar.

Geralda ouviu a patroa, depois concluiu: — É isso mesmo Dona Rosa, somente uma pessoa amiga, boa e inteligente como a senhora, poderia me orientar.

À tarde Dario voltou ligar para Geralda, sem que ela esperasse, revelou em detalhes a confusão provocada por Silma, quando veio procurá-lo para reatar o namoro, e as ofensas que ela desferiu contra ele e sua família, quando lhe revelou que dessa vez seria definitivo. Garantiu à Geralda, se antes já havia decidido romper com ela, agora depois de conhecê-la nada nesse mundo os separaria, e reiterou o convite para que viessem visitá-los, caso não fosse possível, ele iria vê-la, por que estava com muita saudade.

Aquela declaração do namorado a convenceu de sua sinceridade, assim que Dona Rosa chegou do trabalho, contou-lhe minuciosamente o que ouviu dele, então a patroa lhe garantiu que logo iriam visitá-los, se quisesse convidar a irmã e o cunhado, poderia fazê-lo.

No domingo logo pela manhã, Geralda tomou um ônibus e foi até à casa da irmã, na presença do cunhado, relatou na íntegra como conheceu o namorado e seus pais, e tudo mais que havia acontecido. Estava ali para convidá-los a acompanhá-las até a cidade onde morava toda a família de Dario, e a ideia de convidá-los havia partido do próprio namorado, que desejava muito conhecê-los, e Dona Rosa entendia que seria muito bom que eles conhecessem Dario e sua família, da qual ela também fazia parte.

Gerusa ficou indecisa e consultou o marido. O passeio seria no próximo final de semana, sairiam no sábado à tarde, e retornariam no domingo na parte da tarde, antes do anoitecer estariam de volta. Kleber fez seu comentário, nesses termos: — De minha parte não vejo nenhum inconveniente irmos, a gente quase nunca saímos de casa, se você gostaria conhecer o namorado de Geralda, de minha parte, também gostaria. Acho que é uma oportunidade.

Então Gerusa deliberou: — Então fica combinado, no sábado à tarde esperaremos por vocês, ficamos felizes que você tenha encontrado um bom rapaz para namorar, principalmente se tratando do irmão do Sr. Otogamiz, marido de Dona Rosa, será um prazer conhecer toda a família dele, de quem ela falava tão bem.

Assim Geralda, almoçou na casa da irmã, brincou muito com a sobrinha Luana, que por esses tempos já ficava de pé por alguns segundos, e parecia entender o

que lhe diziam, sem falar que sorria a todo momento, mostrando seus alvos dentinhos. Percebeu que os pais tinham enorme carinho com a menina, e um cuidado exagerado. Sem dúvida o próximo final de semana seria muito proveitoso, principalmente porque iria rever o namorado.

São Sebastião do Pontal – MG, 06/11/2022.
Antonio Martines Brentan

A Profecia de Dona Rosa



QUANDO DONA ROSA E DONA FLOR chegaram do trabalho, até estranharam Geralda, nunca a tinham visto tão feliz, a patroa não resistiu e perguntou-lhe o motivo de tanta felicidade. Geralda ficou um pouco desconsertada, mas estava tão feliz, que resolveu falar:

— Estou feliz por vários motivos: Primeiro por ter como patroa uma pessoa maravilhosa como a senhora, que apesar de jovem, a considero minha segunda mãe. Segundo, por ter percebido que Gerusa e Kleber ficaram felizes, em saber que eu havia arrumado um bom namorado, principalmente por pertencer

à família de Sr. Otogamiz, talvez por essa razão decidiram ir conhecer-los, família de quem a senhora fala tão bem. Por sentir que estou cada dia mais apaixonada por Dario, e sentir que ele também me ama, pela minha sobrinha Luana, que está cada vez mais linda, e parece que já gosta de sua titia, com aquele seu sorrisinho lindo, e por tudo de bom que graças a Deus, vem me acontecendo, bem que a senhora disse, que eu esperasse, que meu verdadeiro amor iria aparecer, estou sentido que a senhora estava certa.

— O que tenho para lhe dizer: Primeiro, que não a considero minha empregada, a considero como uma amiga, uma irmã mais jovem, que me ajuda muito, e estou torcendo para que seu namoro venha dar certo com meu cunhado, e caso venha se casar com ele, que vocês sejam muito felizes. Mas está se esquecendo de meus conselhos, nada de precipitações, como lhe disse, se Dario for o amor de sua vida, ele vai ser o amor de sua vida, mas faça as coisas da forma correta.

— A Senhora, nos contou que quando conheceu Sr. Otogamiz, abandonou a faculdade e foi morar com ele, depois casou-se sem avisar seus pais. A Senhora não fez as coisas da maneira mais correta.

— Mas o meu amor e de Otogamiz, era especial, uma atração muito forte, precisava fazê-lo entender se ele era capaz de fazer loucuras, deixar o curso de medicina para montar um pequeno restaurante. Pelo nosso amor, eu também seria capaz de fazer loucuras, deixei minha faculdade e fui morar com ele, e passei acredi-

tar no sonho dele, como se aquele sonho também fosse meu, foi a maneira que encontrei para provar que meu amor por ele era verdadeiro. Quando me convidou para morar naquele pequeno apartamento no fundo do restaurante, senti que também me amava. Para dizer a verdade nem pensei, se o que estava fazendo era certo ou errado, pensei somente que desejava ser feliz, e minha felicidade estava nele. O seu caso é diferente, apesar de eles serem irmãos, nem todos os homens são sinceros e confiáveis como Otogamiz, confiei e o admirei desde o instante que o conheci. Quando ele sofreu o acidente e depois veio falecer, eu queria morrer também, minha vida perdeu completamente o sentido, depois de algum tempo, decide continuar vivendo para continuar o amando, convivemos apenas cinco anos, mas sinto que o amarei para sempre, por sentir que ele continua presente em minha vida.

— Será que serei feliz com Dario, assim como a senhora foi com Sr. Otogamiz?

— Somente se vocês se amarem um ao outro, na intensidade como nós amamos, mas isso só perceberemos e descobriremos com o passar do tempo, à medida que deixamos revelar o quanto amamos, e sentimos o quanto somos amados.

Geralda percebeu que Dona Rosa estava chorando, não conteve sua emoção, aproximou dela e a abraçou, e começou chorar.

Aquela semana para Geralda, teve a duração de uma eternidade, isso porque ela falava com Dario

todos os dias pelo telefone. Como Geralda não lhe perguntava sobre seus problemas pessoais, limitava falar sobre o quanto a amava, e seus projetos para o futuro, e ela estava inserida nesses seus projetos do amanhã, o inconveniente maior que ele considerava, era a distância que os separavam, então os dois contavam os dias, em escala regressiva, para amenizar a saudade que sentiam.

E o tão esperado sábado finalmente chegou, Dona Rosa iria trabalhar até o meio-dia, passaria todas as instruções para Dona Flor, e voltaria para pegar suas coisas, pegá-la e passarem na casa de Gerusa, depois pegar a estrada, e em menos de três horas, estariam na casa dos sogros. Não seria necessário descrever a emoção e a alegria de Geralda, mas era perceptível que também estava nervosa e insegura, Dona Rosa tentava descontraí-la fazendo algumas brincadeiras.

Chegaram à casa de Gerusa e Kleber, já estavam esperando, visivelmente emocionados. Geralda pediu ao cunhado que ocupasse o assento do carona, ela pretendia viajar no banco de trás, juntamente com a irmã, e ir brincando com Luana, que estava elegantemente vestida, que ao ver a tia demonstrou reconhecê-la através de seu sorrisinho lindo, que pareceu também tê-la conquistado com seus modos carinhosos. Dona Rosa ficou encantada e fez alguns elogios sobre o tamanho, a beleza e esperteza da criança, como de fato era mesmo.

Por esses tempos Gerusa era uma senhora ainda jovem, não havia completado vinte anos, apesar da maternidade não havia perdido seu encanto de mulher muito bonita, como sempre foi. Diria que Geralda não era tão bonita como a irmã, mas a convivência com as patroas, fez desaparecer por completo aqueles resquícios característicos das moças criadas na roça, tornou-se muito bonita e adquiriu modos e posturas, que lhe imputaram mais classe e desenvoltura no jeito de comunicar e proceder, isso num tempo relativamente curto, menos de quatro anos.

A estrada muito bem conservada, aliada a potência e a qualidade do carro de Dona Rosa, venceu o percurso abaixo do tempo previsto. Antes do entardecer haviam chegado na pequena cidade, pararam em frente à casa do Sr. Genésio e Dona Leonor, que ao lado do filho Dario, os esperavam impacientes. A recepção foi calorosa, Dario foi ao encontro da namorada e se abraçaram demoradamente, como não se vissem há muito tempo, Geralda lhe apresentou a irmã Gerusa e o cunhado Kleber, e a sobrinha Luana, depois aos pais de Dario.

Dona Leonor conduziu a todos para o interior da enorme casa, onde algumas senhoras trabalhavam na espaçosa cozinha, preparando aquilo que seria um jantar muito especial, então Dona Leonor explicou:

— Nossa família resolvemos fazer uma confraternização esta noite onde estarão presentes todos

nossos filhos, noras, genros e netos. Há muito tempo vínhamos planejamos realizar esse encontro, todos achamos que o momento era adequado, devido as presenças sua e de Geralda, que completam nossa família, e mais alguns amigos que consideramos também nossa família.

Dario convidou a namorada, Gerusa, Kleber e a pequena Luana, para uma volta de carro, para que conhecessem a pequena cidade, e logo retornaram. Dona Leonor aproveitou a ausência de Geralda, confidenciou à nora, que felizmente o caso Silma havia finalmente encerrado definitivamente. O comentário na cidade, que ela teria se amasiado com esse ex-namorado, com quem vinha saindo, quando namorava Dario, e agora teriam ido morar em Recife. Dona Rosa deu graças a Deus, e disse que seria melhor que Geralda não soubesse dessas coisas, estava tão entusiasmada e feliz com o namoro. Dona Leonor também deu graças a Deus, mas reconhecia que o fato de Dario ter conhecido Geralda, foi determinante, porque sentia que o filho estava mesmo apaixonado pela moça.

A casa que era grande e espaçosa, ficou pequena quando todos chegaram para a confraternização. Dario quebrou o protocolo, surpreendeu Geralda mais uma vez, deixando-a corada, quando resolveu fazer uma declaração pública, que havia encontrado o amor de sua vida, dizendo para cunhada, que poderia começar procurar uma outra pessoa para cuidar

de sua casa, que Geralda já estava sob aviso prévio, ele haveria de lhe propor algo mais interessante para subtraí-la, e sua proposta seria irrecusável, porque faria ambos muito felizes.

Então Dona Rosa perguntou para Geralda, se ela seria capaz de deixar o conforto de sua casa, e a sua companhia por causa de Dario? Muito embaraçada Geralda conseguiu dizer:

— Isso vai depender da proposta que vou receber, se me interessar, sinto muito, mas terá que arrumar outra pessoa, que não vai ser muito difícil.

Dario aproveitou o ensejo, e lhe disse: — Ainda essa noite, vou fazer minha proposta.

Quando Dario e Geralda, ficaram a sós ele propôs: — Quando você confirmou, que viriam até aqui, fiz uma espécie de loucura, comuniquei meus pais que lhe convidaria para que fosse morar comigo lá na fazenda, existe uma casa montadinha esperando por nós, depois nos casaríamos discretamente, ficar longe de você está sendo uma tortura para mim.

Geralda perguntou-lhe: — E o que seus pais disseram?

— Que você não aceitaria.

Geralda justificou-se: — Não é questão de não aceitar. Acontece que Dona Rosa me pediu, e me comprometi com ela, que não precipitaria as coisas. Se você quiser marcar a data de nosso casamento, me casarei com você, e venho morar onde quiser. Estou lhe impondo essa condição, em consideração à Dona

Rosa, seria incapaz de magoá-la, não por ser minha patroa, mas pela gratidão de tudo de bom que já proporcionou a mim, e a minha irmã Gerusa, principalmente seus bons conselhos, que até agora provou ser a pessoa que mais gosta de mim, e só deseja nossa felicidade.

Dario abaixou a cabeça, ficou pensando, depois falou: — Amanhã durante o almoço posso marcar a data de nosso casamento?

— Pode, não é necessário que faça nenhuma comemoração, trago minhas roupas, nos casamos no civil e no religioso, e vamos para onde você decidir.

— Se eu e minha família desejarmos fazer uma grande comemoração, com tudo que temos direito, vestido de noiva, padrinhos, inclusive com a presenças de seus pais, que comprometo buscá-los e levá-los de volta, você não aceitará?

— Você deseja que seja assim?

— Desejo, porque merecemos, e meu amor por você é tão grande, que pretendo fazê-la a mulher mais feliz desse mundo, não que sejamos muito ricos, sei que minha família como eu desejamos que seja assim, todos meus irmãos casaram dessa maneira, exceto Otogamiz e Rosa, e infelizmente, como você sabe, não tiveram muita sorte.

— Um dia Dona Rosa, disse para que não me preocupasse, um dia conheceria o amor de minha vida, nunca mais pensei nesse assunto. Quando lhe conheci, disse a ela que sua profecia havia se

realizado. Não tive a menor dúvida, sabia que tinha encontrado o grande amor de minha vida, e não imagino como seria minha vida sem você.

São Sebastião do Pontal – MG, 07/11/2022.
Antonio Martines Brentan

Almoço
Inesquecível



A NOITE ANTES DAS FAMÍLIAS DOS filhos de Sr. Genésio e Dona Leonor, retornarem para suas casas, ficou deliberado que o almoço no domingo seria realizado na fazenda, Dario aproveitou o momento para comunicar que já havia conversado com Geralda, mas só revelaria o acordo que chegaram durante o almoço, por essa razão não seria admitida nenhuma ausência. E todos foram para suas casas curiosos sobre o desfecho daquele assunto.

Os demais filhos e genros de Sr. Genésio, tinham suas atividades no âmbito da pequena cidade, uns eram profissionais liberais, outros comerciantes. O único filho que não se desvinculou do pai por opção foi Dario, por isso acabou se tornando seu braço direito,

que acabou delegando ao filho praticamente toda administração executiva da fazenda. Sr. Genésio só não havia lhe passado o controle das finanças. Por essa razão Dario, era muito querido pelos irmãos e cunhados, e pelos funcionários da fazenda, por ser muito competente, responsável e honesto naquilo que fazia. A maior preocupação dos pais e dos irmãos com relação a ele, constituía justamente nos seus relacionamentos amorosos conturbados e descompromissados, sempre envolvido com moças fáceis e de má reputação. Todos enxergaram em Geralda, a pessoa ideal para conter seus ímpetos, não por demonstrar ser uma pessoa firme e controladora, mas pelo fato que pela primeira vez na vida, Dario admitia que estava amando alguém de verdade. As irmãs e cunhadas de Dario, só aguardavam a decisão dela, para juntamente com Dona Leonor e Dona Rosa, darem todo o apoio e alguns conselhos para que ela não perdesse o controle sobre ele. Se é que para corrigir essa anomalia possa prescrever alguma metodologia.

No domingo todos levantaram cedo e se reuniram na casa paterna para o café da manhã, depois as mulheres juntaram toda a comida que havia sobrado do jantar de sábado, os homens retiraram do freezer uma quantidade de carne bovina, e colocaram em caixas de isopor, algumas caixas de cervejas e refrigerantes, em pouco tempo todos estavam a caminho da fazenda que ficava não mais que dez quilômetros da cidade. Para os padrões da região a fazenda de Sr. Genésio, que não era

muito grande, mas considerada, uma das mais bem organizadas e bem administrada da localidade, com boas casas e currais, boas pastarias formadas, e muito gado, e o mais importante, um pequeno rio corrente passava nos fundos da sede da fazenda, que amenizava o flagelo das estiagens prolongadas, ali o gado certamente não morreria por falta de água.

Assim que chegaram Gerusa, Geralda e Kleber, foram até um local elevado onde permitia visualizar uma grande área de pastagens, toda verde, com gado e cavalos pastando ao longe, e ficaram analisando a diferença do lugar onde foram criadas. Kleber comentou: — Aqui sim é um lugar para se morar, bem diferente da região onde moram vossos pais.

Gerusa disse: — Não sei como conseguimos sobreviver naquele lugar por tanto tempo.

Geralda desabafou: — Um lugar onde não chove, e não existem rios correntes, não é lugar onde se deve morar, coitado papai, escolheu para viver num lugar sem futuro, onde não se produz praticamente nada, um lugar como aquele é impossível progredir.

Quando contemplavam a paisagem do lugar, Dario se aproximou e abraçou a namorada, disse que tinha ido nas casas dos funcionários para convidá-los para o almoço, depois perguntou-lhe: — É aqui que pretendo morar com você, e criar nossos filhos. Foi aqui que nasci e moramos até poucos anos atrás, quando meus pais resolveram mudar-se para a cidade. Aceitaria morar aqui comigo, depois de casarmos?

— Fomos criadas na roça, mas num lugar muito diferente. Deve ser um sonho morar num lugar como esse. Vamos até o rio para conhecer?

Havia uma trilha das casas até o rio, que não ficava mais que cem metros de distância, bastava percorrerem uma pequena ladeira. Dario segurando a mão da namorada, Gerusa segurando na cintura de Kleber que ia levando Luana montada em seu pescoço, que parecia estar encantada com tudo que via, alguns sobrinhos de Dario, resolveram acompanhá-los no breve passeio. O riacho deveria ter uns três metros de largura, e mais de um metro de profundidade, Segundo Dario, e os sobrinhos, existiam muitos peixes pequenos naquele rio, que nunca havia deixado de correr, mesmo nas secas prolongadas.

O almoço acompanhado de churrasco, seriam servidos em espaçosa varanda existente na parte dos fundos da casa, onde Sr. Genésio e Dona Leonor, moraram por muitos anos, e criaram os filhos, enorme mesa de madeira maciça, ocupava o centro da varanda, quando todos aproximavam para se servirem, alguém lembrou-se da promessa que Dario havia feito na véspera, então exigiram que ele revelasse a proposta que teria feito à Geralda, e qual teria sido sua resposta.

Dario subiu em uma cadeira para que todos pudessem vê-lo, começou dizendo:

— Na verdade fiz duas propostas para Geralda, a primeira ela recusou, mas a segunda aceitou. Primeiro sugeri que fugíssemos na noite de ontem, e viéssemos

ocupar essa casa que moramos tantos anos. Porque não estou mais suportando ficar longe dela. Ela disse que gostaria muito, mas não poderia devido ao compromisso que havia feito com nossa cunhada, Dona Rosa, mas poderia marcar a data, que se casaria comigo, não precisava fazer nem festa. Então disse a ela que isso vocês não aceitariam. Por isso quero saber o que vocês acham?

Todos gritaram: — Queremos festa.

— Então decidimos que nos casaremos daqui exatamente há um mês, aqui em nossa cidade, com tudo que temos direito: Vestido de noiva, padrinhos, comemoração e lua de mel. O que vocês acharam de nossa decisão?

— Todos aplaudiram e gritaram: — Isso mesmo, é isso mesmo, vocês merecem.

Ato contínuo, todos se abraçaram e parabenizaram os noivos, porque aquele discurso correspondia a um compromisso de casamento, e todos estavam de acordo que assim fosse.

Depois Dona Rosa, sem que ninguém esperasse subiu na mesma cadeira e disse que queria revelar um segredo, todos ficaram em silêncio imaginando o que poderia ser: — Como não gosto de mentiras, vou revelar um segredo que nem eu nem Otogamiz, tivemos coragem de contar para nossas famílias, o que todos sabem é que nos casamos discretamente, sem convidar ninguém, depois de dois meses que nos conhecemos, isso é verdade. O que nunca contamos para nossas famílias, é que Otogamiz, convidou-me para morar com ele, no apartamento que fica nos fundos do restaurante, dois dias

depois que nos conhecemos. Eu já o amava tanto que não consegui recusar, e nunca nos arrependemos dessa nossa loucura.

Todos aplaudiram Dona Rosa, depois vieram abraçá-la, Sr. Genésio e Dona Leonor foram quem mais se comoveram com a revelação e emocionaram-se, depois ainda com lágrimas nos olhos, a matriarca conclamou que todos fossem se servir, que a comida estava esfriando nas panelas. No decorrer daquele almoço o que não faltou, foram assuntos para serem comentados.

No princípio da tarde Dona Rosa reuniu os seus, e disse que estava na hora de pegarem a estrada, os demais não demonstravam nenhuma pressa de irem embora, a churrasqueira continuava assando e havia muita cerveja no freezer, e todos consideravam que estavam em casa. A despedida foi rápida mais comovente, Dario comprometeu-se logo ir à casa da cunhada, para tratar dos detalhes, das providências para o casamento, e buscar os documentos de Geralda, para as formalidades de praxe, exigidas pelo cartório civil.

Durante a viagem Gerusa e Kleber externaram suas impressões sobre Dario, e os membros de sua família, e não poderiam ter tido melhor impressão, foram muito bem recebidos e tratados com toda consideração e carinho por todos da família, e a decisão de Dario, buscar os pais delas no agreste, foi considerado um gesto muito positivo da parte dele. Geralda opinou dizendo, que teriam que avisá-los com antecedência, para se prepararem para o evento, que tinha impressão que os pais não

iriam recusar comparecer. Dona Rosa também disse que telefonaria para seus pais, e os convidariam, seria oportunidade para revê-los e que eles os conhecessem. A verdade é que todos estavam felizes com a realização do casamento. Dona Rosa comentou que Dario disse a ela que compraria o vestido de noiva para Geralda, mas ela não aceitou, respondeu-lhe que essa atribuição seria dela, e não se falava mais no assunto. Então Geralda disse possuir suas economias, que poderia comprar seu vestido de noiva. Dona Rosa disse-lhe que não, que esse assunto já estava decidido, competia a ela somente escolher o vestido que desejava, e teria que ser o mais elegante e bonito.

Quando perceberam haviam chegado, somente Luana não participou das conversas, veio dormindo o tempo todo, no colo da tia, o passeio e o sucesso que provocou deve ter deixando-a muito cansada.

São Sebastião do Pontal – MG, 08/11/2022.
Antonio Martines Brentan

As Preliminares do Casório



A EUFORIA DE GERALDA ERA contagiante, ao chegar em casa abraçou e beijou Dona Flor, como não a visse há muito tempo, que Dona Rosa achou graça de suas atitudes, Dona Flor perguntou à amiga: — O que aconteceu para que Geralda chegasse assim tão feliz?

Dona Rosa respondeu: — Não é todo dia que se recebe um pedido em casamento.

— Geralda já vai se casar?

— Pergunte a ela.

— É verdade que já vai se casar Geralda?

— É verdade, mas ainda demora, somente daqui um mês.

Ao ouvirem a resposta e a maneira como Geralda respondeu. As duas caíram na risada, pois deu impressão

que faltava uma eternidade para chegar o dia. Então perguntou à Dona Flor: — A senhora me ajudaria escrever uma carta, convidando meus pais para virem no meu casamento?

— Mas seu casamento ainda demora.

— São tantas as providências, que era mais simples eu ter feito como Dona Rosa e Gerusa.

— Calma menina, tudo vai dar certo, o mais difícil você já conseguiu, arrumar o marido.

A felicidade de Geralda era tanta e visível, que acabou contagiando a todas, isso porque gostavam muito dela, e desejavam que fosse feliz assim para sempre.

Todas as tardes o telefone tocava na casa de Dona Rosa, e o casal de noivos trocavam ideias e faziam confidências, e o amor e a saudade aumentavam a cada dia, no início Geralda relatava às patroas o que conversavam, elas riam e faziam comentários censurando seu excesso de confiança no namorado, que refletia o quanto Geralda estava despreparada, caso Dario depois do casamento, decidisse continuar suas aventuras amorosas com moças fáceis, isso chateava Geralda, então deixou de revelar o que conversava com o noivo.

Passados dez dias, Dario apareceu na casa da cunhada ainda na parte da manhã, acompanhado dos pais, e para sacramentar seu compromisso, e deixar Geralda mais apaixonada do que já estava, trouxe um par de alianças de ouro, com seu nome gravado na aliança dela, e o nome dela gravado em sua aliança, imediatamente colocaram em seus dedos anelares de suas mãos direitas,

Geralda toda atrapalhada telefonou para Dona Rosa vir ajudá-la, era muita informação e providências para sua cabeça que necessitava continuar também sonhando.

Dona Rosa muito eficiente anotou todas as providências em um caderno, entre tantas deliberações, ficou acertado que na quarta-feira que antecedia o casamento, que aconteceria em um dia de sábado, todos iriam para cidade onde moravam os pais de Dario, exceto Dona Flor que iria somente no dia do casamento logo bem cedo, devido ao trabalho no restaurante. Um dos irmãos do noivo, chamado Cássio, encarregou-se de buscar, e levar de volta os pais da noiva no agreste. Os pais de Dona Rosa, Sr. Belizário e Dona Celestina, com alguma antecedência iriam diretamente de onde moravam para o local do casamento, que não ficava muito distante. O vestido da noiva já havia sido escolhido e comprado, estava na costureira para pequenos ajustes. Os padrinhos de Geralda seriam Kleber e Gerusa, Dona Rosa e provavelmente Sr. Belizário, seu pai.

Depois de acertarem todos os detalhes, todos foram para cidade comprar o que estava faltando, principalmente Dario que intencionava comprar seu terno para o casamento, e queria aprovação da cunhada e da noiva. Dona Leonor e Sr. Genésio também pretendiam gastar uma parte do dinheiro que possuíam guardado. Pretendiam retornarem no mesmo dia para o interior, mesmo que fosse à noite, mas diante dos argumentos de Geralda e Dona Rosa, desistiram porque havia sido um dia muito cansativo, com tanta correria, os noivos não tinham tido

oportunidade de ficarem nem um tempinho a sós, para as tratativas que se faziam necessárias e imprescindíveis.

Retornando à noite quando Geralda com a ajuda de Dona Flor, redigiram a carta para os pais, convidando para o seu casamento, endereçaram para um velho conhecido da família que morava no vilarejo, esse endereço já tinha sido utilizado por elas algumas vezes para mandar notícias, e era bastante seguro. Assim que a carta chegou no endereço em Restinga, Sr. Cosme se deu ao trabalho de ir caminhando até o sítio de Sr. Gabriel, para entregar a correspondência, poderia se tratar de notícia que requeria urgência. Como Gilmara não morava mais lá para ler a carta, Dona Sebastiana, foi até à casa de um vizinho, pediu a ajuda de um rapazinho, que viesse com ela até sua casa, para ler a carta da filha para eles. O rapazinho que se chamava Raimundinho, leu várias vezes a carta em voz alta, bem cadenciada, e todos deram por entendido. Geralda ia se casar, ela e Gerusa, como o noivo e a família dele, faziam questão da presença deles, inclusive de Gilmara. Informava que alguém da família do noivo iria buscá-los de carro, dois dias antes da data do casamento. e os levariam de volta depois do casamento, assim que desejassem retornar.

Sr. Gabriel e Dona Sebastiana, ficaram muito felizes com a notícia do casamento da filha, e faziam gosto que eles estivessem presentes. Emocionados agradeceram muitas vezes Raimundinho pelo favor prestado. Depois que o rapaz e Sr. Cosme se foram, ficaram avaliando e discutindo os transtornos que teriam de deixar o sítio, para fazer viagem tão longa. Dona Sebastiana deliberou

que mandaria um recado para que a filha caçula, viesse até a casa deles, para saber o que pensava sobre o assunto, e se gostaria acompanhá-los.

Daí três dias apareceram no sítio do pai, Gilmara que estava acompanhada do Coronel Odorico, era a primeira vez que o amásio da filha se dispôs acompanhá-la até lá. Gilmara estava irreconhecível, muito bonita, bem-vestida, ostentando joias valiosas. Coronel Odorico, um ancião octogenário, como já informamos, mas muito bem conservado, a filha o apresentou aos pais, Dona Sebastiana convidou para que todos se sentassem em cadeiras, depois de conversarem alguns minutos, buscou a carta de Geralda, e entregou para que filha lesse. Gilmara leu em voz alta para que todos ouvissem. Sem consultar o coronel deliberou:

— Infelizmente mamãe não posso acompanhá-los, mas entendo que vocês devem ir nesse casamento, Geralda ficaria muito chateado se não fossem. Não posso deixar Odorico sozinho, ele precisa de mim o tempo todo ao seu lado, sou eu quem preparo sua alimentação, dou seus remédios nos horários certos, não é mesmo meu bem?

— É isso mesmo Marinha, mas também entendo que devem ir ao casamento da filha, se precisarem de alguma coisa, podem contarem com a gente.

Sr. Gabriel que se mantinha calado, falou: — O que estou achando mais difícil é deixar o sítio sozinho, temos os animais, as galinhas, as plantas para cuidar.

— Quanto a isso Sr. Gabriel, fique despreocupado, peço para um de meus empregados, ficar aqui tomando conta de tudo, pelo tempo que se ausentarem.

Gilmara sorriu carinhosa para Odorico, e completou: — Vamos dar a vocês dinheiro, para que comprem roupas e calçados apropriados para um casamento, e tudo mais que precisarem, se quiserem podemos levá-los para que façam as compras, não é mesmo meu bem?

— Estou de acordo Marinha, é só me dizer quando querem ir, e o quanto vão precisar.

Sr. Gabriel concluiu: — Se é assim, então eu e Sebastiana, iremos no casamento de Geralda, minha preocupação era mesmo com os bichos aqui de casa.

Não seria necessário dizer que a postura e a benevolência do casal, desarmou completamente os pais de Gilmara, se antes tinham algum ressentimento com relação à escolha da filha, perceberam que ela estava feliz ao lado do Coronel Odorico, que demonstrou ser uma pessoa boa, e demonstrava gostar muito da filha deles. E o mais importante, pareceu-lhes que conviviam muito bem. Depois de conversarem bastante, Gilmara perguntou aos pais, quando queriam que ela viesse buscá-los, para fazer as compras?

Sr. Gabriel disse a ela: — Não carece você vir não, a gente mesmo resolve isso, não é mesmo Sebastiana?

Como a esposa concordou, coronel Odorico passou sua carteira recheada de dinheiro para Gilmara, ela separou uma boa quantia, o mais que suficiente para comprarem tudo que necessitavam, antes de devolver a carteira para o coronel, perguntou-lhe?

— Meu bem, podemos mandar um dinheiro para Geralda comprar uma lembrança nossa, como presente pelo seu casamento?

— Muito bem lembrado Marinha, mande.

Depois se despediram com intimidade de parentes. Gilmara pegou na mão de Odorico, o conduziu até o lado do carona do carro e abriu a porta, depois assumiu o volante, deu partida, e acenaram se despedindo mais uma vez.

E o tempo com seu ritmo lento, mas constante, permitiu que todas aquelas pessoas que participariam daquele evento, realizassem as providências pertinentes, para se apresentarem o mais condizente possível, e para isso lançaram mão de todos os recursos que dispunham para, como diz o adágio, ficarem bonitos na foto. Na quarta-feira como haviam combinado, Dona Rosa acompanhada de Geralda, Gerusa e família, pegaram a estrada logo bem cedo. Chegaram em tempo, para passarem as instruções do roteiro para Cássio, como deveria fazer para encontrar Restinga, e o sítio de Sr. Gabriel Serra. Kleber até se disponibilizou acompanhá-lo, mas Cássio considerou desnecessário, certamente ele os encontraria, lá na cidade ao lado de Dario, e os demais, ele seria mais necessário.

Os convidados não seriam muitos, não mais que duzentos, entre jovens e adultos, se restringia basicamente aos parentes diretos e indiretos, e uns poucos amigos muito próximos. Depois do casamento no religioso, os convidados seriam recepcionados nas dependências do único clube da cidade, espaço mais apropriado e utilizado para esse tipo de evento.

Na quinta-feira começaram chegar os convidados que moravam mais distantes, primeiro chegaram Sr. Belizário e

Dona Celestina, pais de Dona Rosa, cuja consideração entre as duas famílias era recíproca. Na parte da tarde chegaria Cássio, trazendo os pais da noiva, imediatamente foram acolhidos e apresentados ao futuro genro Dario, e a toda sua família presente, inclusive à Dona Rosa e seus pais. Sr. Genésio e Dona Leonor, sugeriram que Geralda e seus familiares, ocupassem a casa principal da fazenda, exatamente onde Dario e Geralda morariam, o que foi aceito sem nenhuma restrição, as filhas queriam ver a reação dos pais, quando conhecessem a propriedade rural de Sr. Genésio, que era completamente diferente do lugar onde moravam, pôr a região não ser tão árida como à que moravam.

No final da tarde Dario levaria a família do futuro sogro, para se hospedarem na sede da fazenda, quando lá chegaram, depois de conhecer as instalações da residência, convidou o futuro sogro e o futuro cunhado, para darem uma pequena volta próximo ao quintal da casa, nos chiqueiros, nos currais, depois foram até o riacho, Sr. Gabriel estava deslumbrado com tudo que via, disse mais de uma vez aos genros, que num lugar como aquele valia a pena trabalhar, uma terra sem água não tinha futuro. Exatamente a conclusão que sua filha Geralda havia chegado, quando esteve ali pela primeira vez.

Outro detalhe observado por Sr. Gabriel, a presença de energia elétrica, proporciona outra qualidade de vida, o homem necessita trabalhar, mas não merece sofrer tanto. No início dissemos que o coração de Sr. Gabriel havia enrijecido como o solo do sertão, fustigado pela ação do sol intermitente, através de suas palavras justificava seu

desânimo, ninguém consegue ser feliz convivendo com o fracasso permanente.

Dario deu seu depoimento de homem do campo, ou da roça: — Mesmo numa região como essa, considerada semiárido produtivo, a atividade rural é deficitária, tanto que todos meus irmãos procuraram profissões alternativas, os rendimentos aqui conseguidos mantêm apenas a família de meu pai, que somos apenas em três pessoas, e mais duas famílias de funcionários, há muito tempo meu pai não consegue fazer investimentos, nossa atividade aqui pode ser considerada de sobrevivência. Não passamos necessidades, nem estamos endividados, porque meu pai administra nossas finanças com austeridade. Eu não quis estudar, e estou aqui porque gosto, se não tivesse ao lado de meu pai, penso que sozinho ele já teria desistido.

Diante daquela conversa ia se construindo um bom relacionamento entre ele e o futuro genro. Ele que sempre lamentou não ter tido um filho homem, não imaginava que Deus através de seus desígnios pode nos revelar bons filhos através das pessoas de nossos genros. Até o coronel Odorico, a quem ele repudiava no início, estava se revelando ser um bom homem, isso porque demonstrava gostar muito de sua filha, e se não fosse por ele, ela poderia estar em situação infinitamente pior, porque a retirou de uma casa de mulheres da vida.

São Sebastião do Pontal – MG, 11/11/2022.

Antonio Martines Brentan

O Casamento



E FINALMENTE O SÁBADO QUE PARECIA estar tão distante, na opinião da noiva apressada, havia chegado, e tudo indicava que seria um dia muito movimentado. Logo pela manhã Dario chegou para buscar a família da noiva, que de certa forma todos teriam que participar. Sr. Gabriel e Dona Sebastiana por serem os pais da noiva, Kleber e Gerusa seriam um de seus padrinhos. Então todos foram para a cidade, às dez horas da manhã, uma pequena comitiva os acompanharam até o Cartório, para realizarem o casamento civil, as quatro horas da tarde seria o casamento religioso. Depois do breve almoço, a noiva acompanhada de Dona Rosa desapareceu, e passariam toda tarde em um salão de beleza, e só reapareceriam na igreja, depois do

horário previsto, onde uma multidão lotava a pequena igreja, que estava toda enfeitada com flores naturais.

Antes do horário marcado, em frente ao púlpito os quatro casais de padrinhos, e o noivo impaciente, andava de um lado para o outro, sem deixar de olhar para a porta da igreja a todo momento, e nem sinal da noiva. Como dissemos que a noiva se atrasaria um pouco, vamos aproveitar esse espaço de tempo e identificar os padrinhos e as madrinhas dos nubentes. Como já dissemos os padrinhos de Geralda, Kleber e Gerusa, Sr. Belizário e Dona Rosa. Os padrinhos de Dario, Vicente e Virginia, (irmão e cunhada), Otávio e Solange (cunhado e irmã), todos elegantemente vestidos, entendemos que essa quantidade de padrinhos, corresponde ao número necessário para essa finalidade. De repente, todos ouviram o som de uma música tradicional, que todos interpretaram que finalmente a noiva havia chegado. Um padre ainda jovem e simpático ocupou seu lugar, para realizar sua função, abençoar aquela união como recomenda a tradição da igreja. À frente um casal de crianças, sobrinhos do noivo, elegantemente trajados, traziam as alianças. Logo depois a noiva, vestindo um longo vestido branco, que trazia arrastando uma longa cauda, um véu transparente igualmente branco cobria seu rosto impecavelmente maquiado, segurava no braço de seu pai Sr. Gabriel, que vestia um terno preto, vinha conduzindo a filha em direção ao altar. Chegando próximos, o noivo foi ao encontro deles, cumprimentou seu pai, que lhe passou o braço da filha, o noivo delicadamente descobriu seu rosto, depois beijou sua testa.

E o padre sensato fez breve explanação do sentido de uma união conjugal, dos deveres, das responsabilidades, da finalidade, e o grande significado da família, na orientação dos filhos. Diria que o sacerdote abordou de forma esclarecedora, a importância do vínculo afetivo e espiritual que um assumia perante o outro, diante da sociedade, perante a igreja, e porque não dizer, perante suas consciências, daquilo que estavam de livre e espontânea vontade realizando, e no prazo de menos de meia hora estava concluído o cerimonial religioso.

Como adiantamos a recepção seria nas dependências do único clube da cidade, depois dos cumprimentos, os noivos ocuparam um espaço especial exclusivo a eles, os padrinhos e aos pais, os convidados foram preenchendo as mesas espalhadas de forma organizada no enorme salão interno, onde foi servido o jantar, com todos os ingredientes de um rico banquete regrado a opções para todos os gostos, e bebida à vontade. Os noivos se recusaram abandonar o ambiente da festa, ficariam até seu final, deliberaram que somente no dia seguinte decidiriam sobre a viagem que pretendiam fazer, isso por que Dario fazia questão que fosse assim.

Depois do jantar Kleber e Gerusa foram até onde estavam os recém-casados, e comunicou que estavam indo para a fazenda, Luana já estava dormindo, e Sr. Gabriel e Dona Sebastiana queriam descansar, Dario ofereceu-se para levá-los, Kleber agradeceu e disse que havia aprendido dirigir, iria ele mesmo dirigindo o carro de Dona Rosa. Dario, informou-lhes que poderiam

trancar as portas, eles haviam reservado um apartamento no melhor hotel da cidade, acompanharam Kleber e a esposa até a mesa onde estavam Sr. Gabriel e Dona Sebastiana, que segurava a neta no colo, que há muito tinha dormido, se despediram, e foram embora.

Quando saíram da cidade, a escuridão permitiu que percebessem, que relampeava na direção do litoral. Na madrugada acordaram com o barulho dos trovões, e da chuva que caía generosa sobre o telhado, Sr. Gabriel e Dona Sebastiana não resistiram, abriram a janela e ficaram contemplando a chuva que caía abundante, e os relâmpagos que iluminava ao longe, as plantas todas molhadas.

Dario e Geralda não fazia muito tempo que haviam chegado ao hotel, deitados abraçados, ouviam a melodia da chuva, que pareceu-lhes ter vindo de muito longe, para desejar-lhes toda felicidade do mundo.

No domingo pela manhã Sr. Gabriel levantou cedo, saiu no terreiro e ficou admirando a terra molhada, as plantas todas verdes, cheias de vida. Pensou consigo mesmo, aqui é um bom lugar para se morar, e trabalhar, mas já não presto para mais nada, estou velho e cansado. Esse lugar será bom para Dario e Geralda, são novos e estão começando suas vidas. Retornou para dentro da casa, Dona Sebastiana tinha acabado de coar o café. Logo chegaram na cozinha Kleber e Gerusa, perguntando se tinha chovido à noite. Sr. Gabriel respondeu: — Choveu como há muito tempo eu não via chover, abrimos até a janela para apreciar a chuva, já era madrugada quando começou chover.

— Bem que vimos relâmpagos, quando voltávamos ontem à noite.

— Pois é, lá onde moramos às vezes vemos os relâmpagos, mas muito dificilmente a chuva chega até nós.

Kleber opinou: — Porque o Senhor não se muda com Dona Sebastiana, para essa fazenda?

— Só se abandonarmos nosso rancho e nossos bichos, e se o pai de Dario consentisse.

Gerusa perguntou para a mãe: — A Senhora se mudaria com o pai?

— Lá sozinha é que eu não ficaria.

Kleber insistiu: — Posso falar com Dario que o Senhor gostou daqui?

— Isso já falei pra ele, mas mudar, não seria capaz de deixar minha casinha velha, e minhas cabras.

Depois do café Kleber e o sogro saíram no terreiro, viram um dos funcionários no alpendre de sua casa, resolveram ir até lá para cumprimentá-lo. Convidou-os para que se sentassem em um banco de madeira, e passaram conversar. Disse já ter tirado o leite para as crianças, depois passou comentar a festa do casamento do patrãozinho, nunca tinha visto tanta fartura numa festa de casamento.

Kleber comentou que não tinha visto ele na festa, ele muito sorridente disse:

— Nós vimos vocês na igreja, depois vimos também no clube.

— Como foram no casamento?

— Sr. Genésio pediu para o Dr. Cássio vir com a camioneta, buscar minha família e de meu colega de

trabalho, ficamos na festa até depois do meio da noite, depois um rapaz que não conheço veio com a camioneta do patrão trazer a gente, porque Dr. Cássio tinha exagerado na bebida. Quando aqui chegamos vimos vosso carro na garagem, estava relampeando forte, e trovoando, logo a chuva caiu. Mas teve bom demais, agora acabaram os casamentos, só faltava casar Dario.

Kleber curioso perguntou-lhe: — Quem mora naquela última casa?

— Naquela casa não mora ninguém há muitos anos, serve para guardar as ferramentas, e alguns insumos usados aqui na fazenda.

— É uma casa boa?

— Igual a essa que moro, as três casas são iguais, e do mesmo tamanho. Quando Sr. Genésio e Dona Leonor, moravam aqui na fazenda com os filhos, ele tinha três empregados, depois ele se mudou, e diminuiu um dos empregados, ficamos apenas em dois.

Nisso ouviram e viram um carro que estava chegando, perceberam que Dario e Geralda estavam chegando. Pediram licença para o dono da casa, e voltaram para a sede. Depois de todos os presentes cumprimentaram os recém-chegados, sentaram-se em torno da enorme mesa localizada na varanda, e passaram falar da festa, que teria se prolongado madrugada à dentro, até quando passou a chuva. Mas eles teriam saído sorrateiramente sem ninguém perceber, bem mais cedo. Teriam vindo assim tão cedo, para decidirem sobre a viagem que pretendiam realizar. Na opinião de Dario, pretendia conhecer Rio

de Janeiro, mas Geralda preferia uma das tantas lindas Capitais do nordeste, por ser mais perto. Então Dario delegou a ela que escolhesse a Capital, e ela não havia ainda decidido.

Então quiseram saber de Sr. Gabriel e Dona Sebastiana, se os esperariam uma semana até voltarem, porque pretendiam levá-los de volta até onde moravam, porque ele desejava conhecer o local. Sr. Gabriel considerou que seria muito tempo, que se fosse possível preferia que conseguissem alguém para levá-los no dia seguinte, e quando quisessem poderiam ir visitá-los. Então Geralda confabulou em particular com o marido, e retornaram com uma solução. Primeiro os levariam, depois viajariam despreocupados pelo tempo que desejassem.

Kleber e Gerusa disseram que já haviam combinado com Dona Rosa, que iriam embora naquele domingo à tarde. Dario disse que estavam voltando, que estavam organizando um almoço em família nas dependências do clube naquele domingo, que havia sobrado muita comida e bebida, e que os esperariam para que também participassem.

Logo depois que os dois se foram, os que ficaram, começaram se organizarem para também irem para a cidade participar do almoço restrito aos familiares.

São Sebastião do Pontal – MG, 12/11/2022.
Antonio Martines Brentan

Dario, Conquista
a Simpatia do
Sogro



PARA QUEM PREFERE PRIVACIDADE, diria que o ambiente daquele almoço estava mais condizente, todos puderam conversar e se interagir à vontade, sem o tumulto da véspera, devido o número de participantes. Quem observassem os recém-casados atentamente, perceberiam o quanto estavam felizes e carinhosos um com o outro. A iniciativa de adiarem a viagem para levar os sogros, todos consideraram um gesto louvável da parte do genro para com os pais de Geralda, que demonstrava possuir boa índole e consideração.

Depois do almoço aqueles que pretendiam retornar no domingo, logo se despediram e pegaram as estradas, com o esvaziamento da casa dos pais de Dario, decidiram buscar as bagagens dos pais de Geralda, e todos pernoveram na cidade, porque pretendiam sair pela manhã. Viajaram direto e chegaram ao destino depois do meio-dia. Lá encontraram o funcionário do Coronel Odorico, que se chamava Sr. Sinésio, e constatou-se que tudo estava em perfeita ordem. Sr. Gabriel perguntou-lhe quanto deveria pagar pelo seus serviços, disse que não lhe devia nada, estava à serviço do Coronel, seu patrão. Quando ia saindo para ir embora, perguntou para Sr. Gabriel, que estava na presença da esposa, da filha e do genro:

— O Senhor não me leve a mal, tenho umas economias e gostaria adquirir um pequeno sítio como esse, o amigo não pensa em vendê-lo?

— Para dizer a verdade já pensei, como não encontrei o comprador que pagasse o preço que pedi, desisti, mas vou pensar no assunto depois lhe darei uma resposta.

— Muito obrigado, vou esperar sua decisão.

Quando Sr. Sinésio saiu e foi embora, Sr. Gabriel, pôs em dúvida se o empregado do Coronel teria condições para comprar seu sítio, mesmo sabendo que não valia muito dinheiro. Então Dario perguntou-lhe se pensava vender o sítio, ele respondeu:

— Na verdade estava pensando vender as cabras, os porcos e as galinha, e abandonar isso aqui, e nunca mais voltar.

— Se é assim que o Senhor pensa, oferece o sítio com tudo que aqui existe, por um preço que considerar justo, talvez ele compre, está pensando investir suas economias.

— Isso era o que mais gostaria, mas acho muito difícil, primeiro, por menos que eu peça pelo sítio e os bichos, ele não teria esse dinheiro. Segundo, para onde eu e Sebastiana iríamos?

— Vamos por parte, primeiro espere passar uns dias, depois mande um recado para que venha até aqui. Qual o valor que o Senhor acha justo por tudo?

— Por trinta contos, venderia tudo, retiraria somente as roupas e algumas panelas.

— Peça cinquenta contos, e espere que ele faça uma contraproposta, se o que oferecer lhe interessar, venda tudo, e pode ir lá pra fazenda, depois achamos uma solução. Para

ser sincero, Geralda havia me falado que aqui era muito difícil por causa da secura. Mas não pensei que fosse tanto. Não é vida morar num lugar como esse, aqui não adianta trabalhar.

Sr. Gabriel ficou emocionado, não acreditava que isso poderia lhe acontecer. Há muitos anos pensava deixar aquele lugar, estava cansado de ver tanta miséria e sofrimento. Aquela viagem lhe abriu os olhos, existiam outros lugares melhores para se viver, as famílias dos empregados da fazenda de Sr. Genésio viviam melhor do que a família dele, moravam em casa de alvenaria, tinham energia elétrica, água nas torneiras, leite para as crianças, cavalos para ir à cidade. As palavras do genro fizeram renascer nele vontade de continuar vivendo. Seria a oportunidade que Deus estaria lhe dando, para reaproximar das filhas, e tentar desfazer aquela imagem de pai cruel que sempre foi.

Sr. Sinésio naquela mesma tarde quando foi embora, passou na casa do Coronel Odorico e comunicou que estava indo para fazenda, que Sr. Gabriel e a esposa já tinham retornado de viagem, e a filha que tinha acabado de se casar, juntamente com seu marido, era quem tinha trazido eles. Então Gilmara convidou o Coronel para visitar os pais e conhecerem o marido da irmã, e naquela mesma tarde foram até o sítio.

Foram muito bem recebidos, Geralda agradeceu a eles pelo presente enviado, e os convidaram para qualquer hora irem visitá-los, Dario como se nada quisesse, agradeceu ao Coronel por ter disponibilizado um de seus funcionários para cuidar do sítio do sogro, dizendo que se simpatizou muito com o rapaz. Displícitamente Coronel fez uma revelação que veio ao encontro daquilo que Sr. Gabriel desejava saber:

— Pedi para que Sinésio viesse fazer as obrigações e olhar pelo sítio, por ser um funcionário de minha confiança, por ser muito responsável, mas infelizmente acho que logo vai sair da fazenda, há muito tempo vem economizando para comprar um pequeno sítio, e umas cabritas. E logo vai conseguir, só em minhas mãos ele tem trinta contos, que lhe rende juros todos os meses, mas sei que possui mais dinheiro. Eu disse a ele, que é melhor ser empregado do que ser proprietário, mas ele não entende assim, aliás acho que todo empregado pensa que possuir um pedaço de terras rende grande coisa.

Dario olhou para o sogro, fez um gesto para que não dissesse nada, era melhor que não soubesse. E a conversa continuou, Dona Sebastiana disse que faria janta para todos, Gilmara agradeceu à mãe dizendo que o Coronel tinha uma dieta especial, recomendação de uma médica que cuidava dessas coisas, devido sua saúde. Logo se despediram, ela o pegou carinhosamente pela mão, conduzi-o até o carro, abriu a porta do lado do assento do carona, ele acomodou-se, ela assumiu a direção, deu partida, manobrou o carro e acenou se despedindo.

Dario disse à Geralda: — Quando retornarmos da viagem, a primeira coisa que vou fazer, ensiná-la dirigir.

— Será que vou conseguir?

— Claro que vai, sua irmã não conseguiu?

Dona Sebastiana informou: — Ela foi na escola, e logo aprendeu.

— Talvez seja melhor mesmo, na autoescola. Mas quero você dirigindo, e terá o seu carro.

Depois Dario aproximou-se do sogro e o instruiu: — O Senhor vai pedir cinquenta contos, se a oferta dele for trinta, acabará pagando no mínimo trinta e cinco. Mas se oferecer quarenta, não feche o negócio imediatamente, ele pode se assustar, diz a ele que por esse preço os animais estão saindo de graça, que precisa pagar por eles, tudo que pagar pelos animais será bem-vindo.

Sr. Gabriel entendeu a estratégia, o genro era esperto, Dario continuou: — Supomos que vocês cheguem num acordo, vamos dizer, quarenta e quatro contos, diz a ele que o correto para segurança dos dois lados, seria conveniente lavrar um contrato, especificando a forma de pagamento, fixar o prazo para entrega do imóvel, autorizar que o imóvel seja transferido para o comprador, duas testemunhas, e o negócio estaria seguro. O Senhor poderá telefonar para Dona Rosa, ela comunica meu pai, eu venho com a caminhoneta, e levo vocês e vossas coisas.

— Desse jeito dá certo? Eu pago seu pai pela viagem.

— Dá certo sim, não vamos cobrar pela viagem.

— O bom se ficasse aqui para me ajudar no negócio.

— Não será necessário, é só ter muita calma, não demonstrar desespero para vender o sítio, dizer que sempre morou aqui, e não se importaria continuar morando. Nós não podemos ficar, temos que ir embora amanhã, temos que fazer nossa viagem, e o negócio poderia demorar alguns dias para se concretizar. Mas tudo vai dar certo.

São Sebastião do Pontal – MG, 12/11/2022.

Antonio Martines Brentan

Difícil Negociação



NO OUTRO DIA BEM CEDO DARIO e Geralda retornaram para cidade onde moravam seus pais, aquele resto de dia passaram levando suas coisas para a casa da fazenda, na quarta-feira saíram para viajar, iriam de carro, viajando margeando o litoral sem nenhuma pressa, parando para conhecer as pequenas cidades muito conhecidas, e suas praias maravilhosas. Enganam-se quem pensa que as melhores praias, estão nas orlas das Capitais, as praias mais limpas, mais tranquilas estão afastadas dos grandes centros urbanos, sem dizer que as hospedagens e as refeições, são mais acessíveis e tão boas quanto. Mas não temos a intenção de interferirmos na privacidade nem no passeio deles, afinal

estão em lua de mel, quem sabe quando retornarem deliberarem revelar algum fato ou detalhe que considerarem pertinente, então tomaremos conhecimento.

E a vida das demais pessoas nossas conhecidas, retornariam as suas rotinas, cada um desempenhando sua luta cotidiana, para dar continuidade nas suas vidas. Não seria necessário dizer que a ausência de Geralda, na casa de Dona Rosa e Dona Flor, deixou um vazio imenso, não necessariamente pelo trabalho que ela executava, mas pela companhia que ela proporcionava às duas Senhoras, que chegavam sempre depois das dez horas da noite, e agora não tinham mais com quem conversar. Poderiam até encontrar uma outra pessoa para substituí-la, mas não seria a mesma coisa. Durante todo o tempo que Geralda permaneceu trabalhando naquela casa, nunca necessitou nem foi repreendida ou admoestada pelas patroas por qualquer motivo que seja, não esperava que fosse mandada, sabia e executava suas funções, sempre feliz como estivesse fazendo seu trabalho naturalmente, sem nunca reclamar ou reivindicar nada, nem mesmo quando acontecia de Dona Rosa esquecer de pagar o seu salário. Enganam-se os que pensam que por ser assim era explorada por elas. Por essa razão temiam que depois do casamento, quando Dario a conhecesse melhor, e descobrisse como de fato era, poderia interpretar como passividade, e querer aproveitar-se, mas se fosse um marido amável e inteligente, descobriria que aquele proceder era pura amabilidade e doçura, virtudes raramente se encontrada nas pessoas.

Quando Dario e Geralda estiveram em Restinga para levar Sr. Gabriel e Dona Sebastiana, deixaram com eles o número do telefone da casa de Sr. Genésio. Passado uns quinze dias de quando lá estiveram, Dona Leonor recebeu uma ligação de Restinga, a pessoa pedia que comunicasse Dario, que ele poderia vir buscá-los, que havia vendido o sítio. Com o atropelo dos preparativos da viagem acabou esquecendo de falar aos pais, o que havia combinado com o sogro. Quando Sr. Genésio chegou em casa, e a esposa lhe falou sobre a ligação, e do que se tratava o assunto, Sr. Genésio não entendeu nada, por se tratar de assunto afeto a ele. À tarde foram os dois até a fazenda para transmitir o recado ao filho, que fazia dois dias que tinham voltado do passeio de lua de mel, para entenderem direito do que se tratava.

Quando chegaram na fazenda, Geralda estava sozinha em casa, Dario estava trabalhando com os funcionários. Quando disseram a ela o recado que haviam recebido, Geralda achava que o marido tinha e devia ter falado com os pais, sobre a possibilidade dos pais dela virem para a fazenda, até encontrar uma solução, então perguntou ao sogro:

— Dario não disse nada para o Senhor?

— Não estamos sabendo de nada.

— Ah meu Deus. Eu não sei explicar para o Senhor, mas Dario combinou alguma coisa com meu pai, somente ele poderá dizer direito.

— Eu sei onde estão trabalhando, vou até lá, não fica muito longe.

Passado pouco mais de meia hora, os dois chegaram. Dario tinha explicado para o pai, o acordo que fizera com o sogro, que devido aos preparativos da viagem, acabou esquecendo, sentaram os quatro em torno da mesa da varanda, e Dario explicou nos mínimos detalhes a situação dos pais de Geralda, e o que haviam combinado. Dona Leonor perguntou:

— Onde eles vão morar meu filho?

— Por enquanto aqui com a gente, depois vamos decidir melhor.

Sr. Genésio era um homem sensato, não contestou a deliberação do filho, ter assumido um compromisso sem antes falar com ele, disse apenas:

— Vou levar a camioneta para fazer uma checagem antes de você pegar a estrada, amanhã de manhã vocês vão com meu carro, e Geralda fica lá em casa até vocês voltarem.

— Obrigado meu pai, depois me entendo com meu sogro, tudo vai dar certo, o Senhor não precisa ficar preocupado.

Sr. Genésio pegou a camioneta que estava à disposição do filho na fazenda, juntamente com Dona Leonor voltaram para cidade.

Compete-nos narrar como se deu a negociação entre Sr. Gabriel e Sr. Sinésio: Passado uns dois dias, Sr. Gabriel foi até o vilarejo, pediu a um amigo que fosse até a fazenda de Coronel Odorico, e dissesse ao Sr. Sinésio que viesse até sua casa no sítio. No outro dia pela manhã ele apareceu,

então Sr. Gabriel seguindo as orientações do genro começou dizendo:

— Para dizer a verdade nem estava mais pensando vender o sítio, como não é toda hora que se encontra alguém interessado comprar, conversei com minha mulher, e decidimos vendê-lo juntamente com todos os animais, que você já conhece, são dez cabeças de cabritos, entre grandes e pequenos, seis cabeças de porcos ao todo, e todas as galinhas, galos e pintinhos. De dentro da casa levaríamos as roupas, as panelas, nossa cama com o colchão. Comprometo mudar assim que tudo estiver resolvido.

Sr. Sinésio deu uma limpada na garganta, e disse: — O Senhor só não falou o principal, quanto quer pelo sítio e os animais?

Então foi a vez de Sr. Gabriel limpar sua garganta, tossiu e falou: — Quero cinquenta contos por tudo.

Sr. Sinésio deu uma risadinha, e falou: — O sítio é do Senhor, é seu direito pedir o que acha justo, mas para minhas forças é um pouco puxado.

— Faça sua proposta, a forma de pagamento, podemos estudar, se eu achar que posso atender suas forças, estamos conversando para chegar num acordo.

— Minhas forças Sr. Gabriel, para comprar seu sítio, com todos os animais e os tratos que estão aí. De dentro da casa podem levar até tudo se quiserem, porque eu tenho minhas coisas. Eu posso lhe pagar quarenta contos, tudo de uma só vez, assim que juntar meu dinheiro, que está em boas mãos.

Sr. Gabriel abaixou a cabeça, ficou pensando, depois falou: — Desse jeito, você não está pagando nada pelos meus bichos?

— Como disse ao Senhor, essas são minhas forças, é tudo que posso pagar.

— O que posso fazer é quarenta contos pelo sítio, e cinco contos pelos animais, se suas forças não dão para comprar tudo, compre só o sítio. Eu vendo os animais para outras pessoas.

— Amanhã eu volto e lhe dou minha resposta.

— Até amanhã eu lhe espero, depois de amanhã, posso mudar de ideia e não mais vender nada.

— Até amanhã eu decido, até amanhã Sr. Gabriel.

Na verdade, depois que Sr. Sinésio saiu, Sr. Gabriel ficou todo pesaroso, com receio que o comprador mudasse de ideia, e não mais voltasse. Então sua esposa perguntou-lhe por que não vendeu, quando ofereceu quarenta contos, respondeu:

— Estava seguindo as orientações de Dario, se fosse pela minha cabeça, venderia até por menos, mais fui à conversa dele, talvez perca até o negócio.

Naquela noite Sr. Gabriel pouco dormiu, há quantos anos desejava vender o sítio, e nunca apareceu se quer um comprador, agora que havia recebido oferta acima do que imaginava receber, resolveu seguir os conselhos do genro, um rapaz com idade para ser seu filho, seu medo era que o comprador não voltasse mais. Mas finalmente o dia amanheceu, e foi cuidar das obrigações.

Então percebeu que Sinésio estava chegando ao sítio, Sr. Gabriel estava terminando de tratar os bicho, como ele dizia. Convidou o amigo para tomar uma xícara de café, que aceitou sem nada dizer, depois sentaram em cadeiras, a ansiedade o forçou quebrar o silêncio, perguntou: — Então veio fechar o nosso negócio?

— Pensei muito essa noite, cheguei à conclusão que o máximo que posso pagar por tudo, é quarenta e três contos. Fechamos agora ou vou desistir do negócio.

— Como você é uma boa pessoa, vou te vender o sítio, mas para o negócio ficar bem seguro, para nós dois, vamos mandar fazer um documento de compra e venda, depois pode levá-lo no Cartório de Registro de Imóveis, para passar para seu nome.

Então combinaram que na parte da tarde, se encontrariam no único escritório do vilarejo para mandar redigir o documento de compra e venda.

São Sebastião do Pontal – MG, 13/11/2022.
Antonio Martines Brentan

Sr. Gabriel,
Proprietário
Novamente



ENQUANTO A LAVRATURA DA escritura de propriedade de imóvel, era realizada no Cartório competente da Comarca, Sr. Sinésio comunicava aos seus devedores que providenciassem o seu dinheiro, que ele havia comprado o sítio de Sr. Gabriel Serra, e teria que pagá-lo.

Ao tomar conhecimento, Coronel Odorico acompanhado de Gilmara, foram até à casa de Sr. Gabriel, propor continuar com o dinheiro que devia, resgataria o documento que havia assinado com Sr. Sinésio, e faria um documento de dívida com Sr. Gabriel.

Muito constrangido Sr. Gabriel, disse a eles que infelizmente não seria possível, que se mudaria para perto de Dario e Geralda, e tinham planos para investir o pequeno

capital que havia apurado com a venda do sítio, naquela região, então ouviu do Coronel uma possibilidade, que deixou transparente muito bem sua verdadeira índole.

— Muito cuidado se está pensando entregar seu dinheiro nas mãos daquele moleque, o dia de amanhã não venham nos dizer que não os alertamos. Terá seu dinheiro, para fazer dele o que quiser, boa sorte.

Quando se foram perceberam que a filha Gilmara, estava até mais contrariada que o seu Coronel, só não perceberam que o plano de ambos era apropriar-se do dinheiro deles, eles se mereciam, eram dois chacais. Isso ficou evidente quando Sr. Sinésio, veio efetuar o pagamento do que lhe devia, e disse que coronel descontou do valor que devia, os cinco dias que Sr. Sinésio ficou olhando pelo sítio, quando ficaram ausentes. Na verdade Coronel Odorico estava contrariado por duas razões: Por não conseguirem impetrarem o golpe financeiro em Sr. Gabriel, e por perder seu melhor funcionário.

No dia em que Dario chegou para buscar os pais de Geralda, e sua pequena mudança, Sr. Gabriel e Dona Sebastiana, esperavam que ao menos a filha Gilmara aparecesse para se despedir, mas isso não aconteceu. Dona Sebastiana até cogitou de ir até onde ela morava com o coronel, mas o marido que desconfiava das razões por que não veio, descartou a menor possibilidade.

Como já dissemos a casa principal da fazenda de Sr. Genésio, onde Dario e Geralda moravam, era suficiente para abrigar uma grande família, Dario e Geralda consideraram que não haveria

nenhuma inconveniência acolherem os pais dela, desde que a convivência fosse tranquila e sem atritos, até tinha o lado positivo, nas ausências do marido, quando precisasse sair ou ir trabalhar com os funcionários da fazenda, ela não ficaria sozinha. Se bem que as casas dos funcionários ficavam todas muito próximas.

Fazia uma semana que Sr. Gabriel e Dona Sebastiana, estavam morando com o genro e a filha, às vezes Sr. Gabriel nas horas mais frescas do dia, pegava uma enxada e ficava capinando o quintal. Numa das visitas que Sr. Genésio fez à fazenda o viu capinando no quintal, chamou o filho em particular, e perguntou-lhe sobre o que seu sogro havia feito com o dinheiro da venda do sítio, Dario disse não ter a menor ideia, como nunca tinha dito nada, nada também perguntou, só sabia que eram quarenta e três contos.

Sr. Genésio disse ao filho: — Caso ele esteja com todo esse dinheiro guardado dentro de casa, seria mais prudente que depositasse em um Banco, na poupança, ou investisse em algum imóvel urbano e alugasse. Por que não diz isso a ele?

— Prefiro que o Senhor mesmo diga, nunca me disse nada sobre esse assunto.

Então Dario foi até onde capinava, e pediu que viesse com ele até a varanda onde estava seu pai, para conversar. Ele deixou a enxada e acompanhou o genro até a varanda. Sr. Genésio decidiu conduzir a conversa, nesses termos:

— Sr. Gabriel como sabemos vendeu o sítio, imaginamos que esteja de posse do dinheiro da venda, conversando com Dario, achamos mais prudente que o depositasse, e o aplicasse em um Banco, ou investisse em imóveis urbano e alugasse, o que acha da ideia.

— Era justamente essa minha preocupação. O que se pode comprar aí na cidade com cinquenta contos?

Dario olhou para o pai surpreso, Senhor Genésio pensou, e respondeu: — Acredito que com esse dinheiro é possível comprar até três casas boas, que lhe renderiam um bom aluguel todos os meses. Poderia comprar até mais casas inferiores, mas não aconselho.

— O Senhor me ajudaria a encontrar esses imóveis, não conheço ninguém na cidade.

— Com todo prazer, nós vamos com o Senhor procurar, se quiser levar a esposa e a filha seria muito bom, as mulheres entendem sobre casas, melhor que os homens.

— E quando poderíamos ir?

Dario opinou: — Pode ser amanhã pela manhã, temos assim o dia todo para pesquisar, mas o Senhor não se esqueça, que é necessário reservar dinheiro para a documentação.

— Vai sobrar alguma coisa, que talvez seja suficiente.

Dario completou: — Guardar dinheiro em casa Sr. Gabriel, é muito perigoso, sem dizer que dinheiro parado desvaloriza, para isso existem os Bancos.

Como haviam combinado, no dia seguinte Dario e Sr. Gabriel, acompanhados das esposas, foram até à casa

de Sr. Genésio, que já tinha contatado um corretor de imóveis na véspera, e a notícia era animadora, o corretor que era conhecido como Sr. Pedrinho corretor, tinha conhecimento da existência de algumas boas residências à venda na cidade, sem revelar quem seria o provável, ou os prováveis compradores, porque Sr. Genésio adiantou que intencionavam comprar mais de um imóvel, até o valor de quinze contos.

Sr. Pedrinho corretor havia confidenciado, que o momento era propício para se comprar, devido a quantidade de oferta, e a baixa procura, devido à crise de dinheiro. Muita gente endividada vendendo seus imóveis para quitar dívidas. Durante aquele dia vistoriaram dezenas de imóveis, e acabaram por selecionar três boas casas, que cabiam na disponibilidade financeira de Sr. Gabriel, com a ajuda de Dario e Sr. Genésio, não foi difícil efetuar as transações, por se tratar de pagamento à vista, em moeda corrente, concomitante à legalidade da documentação, que contaria com o acompanhamento de Dr. Cássio, que somente agora tomamos conhecimento que se tratava ser advogado, e possuía um escritório na cidade. E ficou encarregado de assessorar todo o processo de escrituração dos imóveis.

Vender três imóveis em um único dia proporcionou à Sr. Pedrinho corretor um ganho extraordinário, considerando que costumava vender essa quantidade em um mês, reconheceu que havia conseguido esse feito graças ao Sr. Genésio, que lhe indicou o comprador, então deu-lhe uma boa gratificação.

Dario só tomou conhecimento onde estava escondido o dinheiro de Sr. Gabriel, no dia em que foram fazer os respectivos pagamentos dos imóveis, nem Dona Sebastiana tinha conhecimento do lugar secreto. Agora Sr. Gabriel que contava com pouco mais de cinquenta anos, e gozava de relativa saúde, poderia viver despreocupado, com os rendimentos obtidos com os aluguéis dos imóveis. Depois de tudo resolvido, fez uma confidência ao genro, dizendo que estava muito feliz, e quando ele e a esposa morressem, deixariam uma casa para cada uma das filhas, coisa que nunca imaginou que conseguiria, e reconhecia que havia conseguido graças à ajuda de Dario, que consideravam seus dois genros, Kleber e Dario como à bons filhos, quanto ao coronel Odorico, esse não tinha nenhuma consideração, principalmente depois que percebeu que pretendia com a convivência da filha, apropriarem-se de seu dinheiro.

São Sebastião do Pontal – MG, 15/11/2022.
Antonio Martines Brentan

Parte II

Ciranda de Acontecimentos



DEPOIS DA MUDANÇA DE SR. GABRIEL e Dona Sebastiana, para casa do genro, e investido seu dinheiro em residências urbanas, diria que se tornou outra pessoa, mais falante e bem-humorado, até o hábito de trabalhar que sempre hostilizou, agora havia pegado gosto, Dario com autorização do pai, lhe concedeu um espaço próximo ao riozinho, de terras muito férteis, para que cultivasse uma horta. Agora passava a maior parte do dia envolvido com suas verduras e legumes, inclusive Dona Sebastiana havia adquirido mais viço, devido à boa vida que agora levava, como sempre gostou de trabalhar, voluntariamente começou ajudá-lo nos serviços na horta, e o relacionamento deles que antes era um tanto áspero e truncao, agora era visivelmente cordial e harmonioso.

Por duas vezes aconteceram de Dario e Geralda, irem à Recife e Olinda, e os levaram para passearem, e visitarem Gerusa e Kleber, e a pequena Luana, que já corria para todos os lados, e pronunciava algumas palavras. Depois iam rapidamente visitarem Dona Rosa e Dona Flor no restaurante. Para quem até seis meses atrás, viviam confinados, em uma casa

de pau a pique, no meio da caatinga, cuidando de porcos, cabras e galinhas, e só saíam a pé para irem no vilarejo chamado Restinga, para venderem seus produtos, e fazerem algumas compras, suas vidas estavam bem mais interessantes.

Como Dario havia prometido, Geralda frequentou a autoescola e aprendeu dirigir, só não tinha ganhado o seu carro, como ele tinha falado, e se dependesse dela nunca ganharia, por que ela nunca o havia cobrado, mas adorava levar seus pais todos os domingos pela manhã, para vender suas verduras na feira da cidade, dirigindo a camioneta do sogro, mesmo quando Dario também ia com eles.

Kleber continuava trabalhando no ramo das construções, como pedreiro juntamente com o antigo companheiro Sr. Nilson. Então comentou com o amigo, que estava pensando comprar um bom carro, para de tempos em tempos visitarem os pais de Gerusa, e os cunhados Dario e Geralda, e acabou revelando quanto dispunha para comprar o carro que pretendia. O amigo e companheiro de trabalho fez um comentário, que o fez repensar seus planos. Que também estava pensando comprar um bom carro, mas conversando com a esposa, tinham mudado de ideia. Decidiram vender a boa casa que moravam, com o dinheiro que possuíam, e mais um financiamento comprariam uma excelente moradia, em um bairro ainda melhor, que seria um investimento para toda a vida.

Comentando com Gerusa as pretensões do amigo, ela sugeriu que eles fizessem o mesmo. Como conheciam a casa do colega, que era bem melhor que a deles, e se localizava em um bairro muito bom. Com um pouco de

sacrifício seria possível, mudarem para uma casa melhor, que igualmente seria um investimento para o futuro deles. Ao ouvir a opinião da esposa, Kleber entendeu que era a oportunidade de eles também progredirem.

No dia seguinte os dois amigos voltaram ao mesmo assunto. Kleber despreziosamente perguntou quanto queria em dinheiro de volta, para trocaram as casas. Em vez de vender a casa que morava, venderia a que ele morava. Sr. Nilson não descartou a possibilidade, pediu-lhe uns dias para pensar no assunto, procurar outro imóvel para comprar, e um comprador para casa dele. Consideraram que seria mais fácil encontrar um comprador para casa de Kleber, por ser de menor valor.

Chegando em casa Kleber relatou à esposa a proposta que havia feito ao amigo, e seu parecer. Imediatamente a ideia de comprar o carro, foi descartada de seus planos. O comentário feito por Gerusa, convenceu o marido que aquele não era o momento de eles possuírem um carro, usando esses argumentos:

— Sr. Nilson é dez anos mais velho que você, em vez de possuir um carro, ele e a esposa desejaram uma casa ainda melhor, entendo que devemos pensar da mesma maneira, quando pagarmos a nova casa compraremos o carro, ou outra casa melhor ainda.

— Isso não, aí compraremos nosso carro.

Dizem que por trás de um grande homem, sempre existe uma grande mulher. Acreditamos que o adágio reflete uma grande verdade. Às vezes o marido deixa de realizar um empreendimento para não contrariar a esposa, ou vice-

-versa. Todo casal necessariamente tem que caminhar na mesma direção, um dando apoio ao outro, principalmente quando se é jovem, e quando tem oportunidade de prosperar. Isso não envolve somente as conquistas materiais, existem maridos que não permitem que as esposas frequentem uma escola, uma faculdade ou mesmo um trabalho. O marido por mais inteligente que se julgue, sempre deverá levar em consideração a opinião da esposa, isso não significa obrigatoriamente que terá que acatá-la, mas ponderá-la, às vezes a opinião dela revela detalhes que ele não havia percebido, que fará mudar sua decisão, duas cabeças pensam e interpretam melhor que apenas uma.

Sr. Nilson era uma pessoa muito bem relacionada nesse ramo de compra e venda de residências, através de um amigo corretor que se ocupava com exclusividade dessa atividade, descobriu o proprietário de uma excelente residência, que tinha urgência em vendê-la, para com parte de seu valor quitar uma dívida inadiável, ou corria o risco de perder o próprio imóvel, e com o restante intencionava adquirir uma casa de menor valor. Então Sr. Nilson propôs permutar a casa de Kleber e voltar o valor correspondente aos dois carros que pretendiam comprar à princípio, como a volta que receberia era suficiente para quitar seu compromisso, depois de inspecionar o imóvel de Kleber efetivou o negócio com Sr. Nilson. E assim os dois amigos conseguiram trocar suas residências, por outras bem melhores, sem ser necessário contrair nenhuma dívida adicional. Quando Kleber ficou sabendo, o negócio já estava fechado, cabendo a ele somente passar seu dinheiro para o amigo. O mais in-

interessante que as três mudanças obrigatoriamente teve que serem realizadas ao mesmo tempo, à medida que uma era retirada da casa, a outra ocupava o espaço. No final daquele dia as três famílias haviam mudado seus endereços, no entanto sem os endereços serem alterados.

Outro fato acontecido com nossos personagens, que ficaram esquecidos lá no agreste pernambucano. Como é do conhecimento de todos, Gilmara saiu da casa paterna antes de completar dezesseis anos, residiu por uns tempos em uma espécie de cabaré de luxo, mantido por Coronéis e comerciantes abastados, em uma chácara de propriedade de uma cafetina de mais de sessenta anos de idade, conhecida como mãe Neném, que fora uma famosa cortesã em seus tempos áureos.

Aconteceu que quando Coronel Odorico conheceu e se engraçou por Gilmara, e deliberou retirá-la daquela casa, causou um certo prejuízo financeiro à cafetina, que havia investido uma certa quantia para tê-la em sua casa, e Coronel Odorico se negou em indenizá-la, houve trocas de acusações e ofensas, e influenciados pelo coronel alguns de seus correligionários, migraram para outros prostíbulos.

E quando mãe Neném, teria dito a Gilmara, que assim que o Coronel Odorico morresse, ela bateria em sua porta para ser aceita de volta. Gilmara teria falado em alto e bom som, que quando Coronel Odorico morresse, ele tinha prometido que ela herdaria sua enorme casa localizada na cidadezinha, então montaria um cabaré muito superior ao dela, que a levaria à falência, ou não se chamava Gilmara Serra. E essas falas de Gilmara acabaram chegando até

os filhos do Coronel, que já haviam por direito, e por conivência dele herdado todas suas terras, e exigiram que ele também passasse a casa, para eles. Diante dos malfazejos propósitos de Marinha, que pretendia depois de sua morte, transformar sua casa em um cabaré, Coronel que sempre foi reconhecidamente um pérfido chacal, passou a casa para os filhos, sem dizer nada a amásia.

Mas como tudo acaba sendo descoberto, Gilmara acabou descobrindo que não herdaria a casa, então passou espoliá-lo, exigindo joias e roupas caras, e se apropriando de todo dinheiro a seu alcance, e exigiu que colocasse o carro em seu nome. E por acréscimo como vingança, se relacionava às escondidas, com um seu inimigo declarado, ex-funcionário da fazenda demitido injustamente, sem receber seus direitos, e esse acontecimento já era de conhecimento público. Como todos sabemos, era ela quem cuidava de sua alimentação, e de sua medicação.

O autor intelectual do golpe que pretendiam aplicar em Sr. Gabriel, era de autoria do Coronel, mas a beneficiada seria Gilmara. Caso Sr. Gabriel tivesse aceitado a proposta deles, ele assinaria um documento de dívida com Sr. Gabriel, e depois que se mudasse, daria o dinheiro todo à Gilmara, e ela assinaria um documento ao Coronel, declarando que havia recebido a dívida a pedido do pai, então desapareceria com seu amante.

Como o golpe não logrou êxito, o relacionamento deles deteriorou de vez, e Gilmara se negou deixar sua casa com as mãos abanando, passou ministrar as escondidas dosagens excessivas de medicamentos, Co-

ronel Odorico começou apresentar crises. Os filhos o internaram algumas vezes em bons hospitais, quando melhorava retornava à casa, e Gilmara reiniciava o processo com excesso de medicamentos.

Coronel Odorico era uma fortaleza, resistiu um ano sofrendo esse processo de lenta intoxicação, sem os médicos de nada desconfiar. Mas como tudo se descobre, às vezes um pouco tarde demais, quando faleceu, através de uma exumação cadavérica rigorosa, cobrada pelos filhos, descobriu-se o que lhe havia causado a morte.

Mas provar que fora Gilmara que lhe intoxicara intencionalmente, não seria fácil. Como era menor de idade quando foi retirada do cabaré, e a doação da casa aos filhos deu-se depois desse fato. Logo depois da morte de Coronel Odorico, Gilmara instruída por inimigos da família dele, contratou um advogado experiente, que lhe garantiu que anularia a doação da casa aos filhos, que por direito a casa era dela.

Essa é a atual situação de nossos personagens, que permaneceram lá na região do agreste, que iremos relatando à medida que os acontecimentos forem se sucedendo. Sem esquecermos de informar, que os filhos do Coronel, também possuem os instintos de chacais, herdados do pai.

São Sebastião do Pontal – MG, 17/11/2022.
Antonio Martines Brentan

Fatos e Boatos



FAZIA MAIS DE UM ANO QUE SR. Gabriel e Dona Sebastiana, moravam com o genro e a filha, aconteceu de um dos funcionários de Sr. Genésio se mudar, exatamente o que morava mais próximo da casa principal. Dario teve uma conversa com seu pai, expondo seu parecer. Agora que ele morava efetivamente na fazenda, entendia que o pai não necessitaria contratar outro funcionário. E achava desconfortável pedir dinheiro a ele toda vez que precisava, sugeriu que o pai lhe pagasse o mesmo salário que pagava ao funcionário que deixou o trabalho, e cedesse a casa que foi desocupada para Sr. Gabriel e Dona Sebastiana, que por esses tempos estavam muito bem financeiramente, contavam com os aluguéis de suas casas, e com os rendimentos que a horta lhes proporcionava, poderiam muito bem arcar com suas próprias despesas.

Sr. Genésio considerou justa a pretensão do filho, mas entendia não ser nenhum constrangimento que lhe pedisse dinheiro quando precisasse, afinal o negócio dele, era também seu negócio. Mas pelo fato dele agora ser casado, queria administrar seu dinheiro e arcar com suas

próprias despesas, esse era um desejo dele e de Geralda. Confidenciou ao pai que pretendia economizar, para dar um carro de presente à esposa, que esse era um desejo seu.

Sr. Genésio aprovou na íntegra as mudanças que o filho pretendia implantar. Mas ele economizar para comprar o carro para Geralda, poderia demorar muito, autorizou Dario comprar um carro em bom estado e presenteá-la, que ele pagaria, depois quando ele tivesse economizado o suficiente, daria um carro melhor para ela. Dario agradeceu ao pai, e disse que, apesar de nunca ter tido nenhum problema com os sogros por morarem juntos, percebia que Sr. Gabriel e Dona Sebastiana, gostariam muito ter sua própria casa.

Foi justamente nessa época que Sr. Gabriel e a esposa se mudaram para casa que ficava há menos de cinquenta metros da sua, que receberam a notícia de que Coronel Odorico, há algumas semanas, havia falecido lá no agreste, e a filha Gilmara que não tinha completado dezoito anos, já era viúva. Mas todos desconheciam aqueles pormenores que narramos. Porque Gilmara havia assegurado, que quando o Coronel morresse, ela não ficaria desamparada, muito pelo contrário, conquistaria sua independência financeira.

Não seria necessário dizer que os pais de Gilmara, sentiram a morte de seu marido, por que na verdade desconheciam a real situação da convivência dos dois, principalmente dos últimos tempos, mas lá em Restinga, todos tinham conhecimento da situação tumultuada que viviam o casal, mas a opinião pública era unânime em afirmar, que nenhum dos dois eram santos, Coronel Odorico sempre

teve um passado obscuro, repleto de falcatruas e inimizades, e Gilmara antes de se amasiar com ele, ninguém a conhecia, depois tornou-se orgulhosa e prepotente, desfilando de carro para cima e para baixo, querendo receber uma consideração que nunca fez por merecer, sem dizer que seu passado, apesar de ser ainda jovem, nada a credenciava para ser respeitada. Mas os pais, principalmente à mãe, relevavam as fraquezas da filha caçula, que não tinha a mesma garra e determinação das duas filhas mais velhas, que saíram de casa ainda jovem, para encarar o trabalho duro, e nunca tiveram conhecimento que viessem cometer alguma espécie de indecência.

Mas as notícias têm um poder de disseminação impressionante, principalmente quando são distorcidas pela opinião pública, cada um que a transmite agrega em sua essência sua opinião e seu parecer, não demorou muito tempo para chegar ao conhecimento dos pais de Gilmara, que ela havia contribuído diretamente para antecipar a morte do Coronel. Isso vem atestar a veracidade do adágio que prescreve, que a verdade demora mais acaba aparecendo. Uns diziam que Gilmara estaria presa. Outros desdiziam, e falavam que ela estaria muito rica. Outros que ela estaria demandando com os herdeiros do Coronel, reivindicando parte de sua herança que era uma fortuna.

Como Gilmara nunca procurou ninguém de sua família, isso significava que deveria saber defender-se sozinha. Ninguém podia fazer nada para ajudá-la mesmo, o jeito era esperar que certamente uma hora conhecessem a verdade.

Por esses tempos apareceram na fazenda Dona Rosa, acompanhada de Kleber, Gerusa e Luana, que já estava uma garotinha muito bonita e inteligente, Dona Rosa preferiu hospedar-se na casa de Geralda, enquanto os demais optaram em ficarem na casa dos sogros, como já dissemos, quem conheceu Sr. Gabriel lá no agreste, não o reconheceria mais, não fisicamente falando, mas completamente diferente no trato. Era a primeira vez que Kleber e Gerusa retornavam à fazenda depois do casamento, então tinham muito que conhecerem, a horta que estava muito bem cuidada, depois foi até à cidade conhecerem as casas adquiridas por Sr. Gabriel. O carro de Geralda que estava bem conservado, comprado por Dario. E falaram muito sobre o caso da morte de Coronel Odorico, que havia repercutido até nos jornais de grande circulação, que querendo ou não, era o marido posticho de Gilmara. Mas o que de fato aconteceu, e ainda estaria acontecendo ninguém saberia dizer.

Kleber contou em detalhe como conseguiu barganhar sua casa, e como se deu a realização das três mudanças concomitantemente, uma experiência sem precedentes, pelo menos nunca tinha ouvido nada parecido. Então Sr. Gabriel que quando morava no agreste muito pouco, ou quase nada conversava, resolveu contar um caso acontecido no sertão, todos ficaram em absoluto silêncio para ouvir seu caso:

— Existia no sertão três compadres, João, Pedro e Antonio. João devia dois contos para Pedro, que por sua vez devia dois contos para o Antonio, que devia dois contos para João. Pedro esperava receber de João para pagar Antonio, e Antonio esperava receber de Pedro para pagar João.

Um velhinho muito sábio ouviu essa situação e concluiu de imediato. Se é assim, ninguém deve ninguém, os três compadres discordaram do velhinho, não era possível ninguém dever ninguém, se os três eram devedores confessos.

— O velhinho pegou um pedaço de tijolo deu para João, e lhe disse: Esse pedaço de tijolo vale dois contos, pague Pedro, Pedro de posse do tijolo, ouviu do velhinho, pague Antonio, Antonio de posse do tijolo, ouviu do velhinho, pague João, pegando o pedaço de tijolo de volta, o velhinho disse: Ninguém deve mais ninguém, todos pagaram e todos receberam.

Dario resolveu também montar um quebra-cabeça: — Eu emito um cheque meu para pagar uma dívida com Kleber. Nessa transação quem é o devedor, e quem é o credor?

Todos foram unânimes, e responderam: — Você é o devedor e Kleber o credor.

— Errado, o Banco é o devedor e Kleber o credor. Porque quando depusitei meu dinheiro no Banco para pagar o Kleber, automaticamente o Banco passou ser meu devedor, e eu seu credor.

Não obstante o nível de conhecimento daquelas pessoas serem um tanto limitado, aquelas conversas refletiam certa capacidade em concatenar raciocínios coerentes. Talvez um pouco simplório, mas lógico e coerente.

São Sebastião do Pontal – MG, 19/11/2022.

Antonio Martines Brentan

Visita ao Agreste



COMO PROMETEMOS QUE À MEDIDA que os fatos fossem acontecendo lá no agreste, íamos revelando, compete-nos esclarecer que quando ainda em vida Coronel Odorico, passou todas suas terras para os quatro filhos, reservou uma parte para seu uso fruto vitalício, onde mantinha algumas centenas de cabeças de gado, inclusive tinha funcionários contratados, para cuidar de seu rebanho. O advogado contratado por Gilmara, para anular a doação da casa em que morava com o Coronel, efetivou uma busca no órgão competente, e constatou que não existia mais nenhuma cabeça de gado registrada em seu nome, e que todo gado existente na propriedade pertencia por direito aos seus herdeiros, e seus funcionários havia sido legalmente demitido.

Os filhos do Coronel eram quatro, como já dissemos haviam herdado do pai todo instinto maquiavélico e egoístico. Por sorte Gilmara recebera orientação jurídica, e providenciou tempestivamente os meios, obtendo sua assinatura em algumas folhas de cheque em branco, para limpar todo saldo bancário que estava em suas contas correntes e aplicações financeiras, com a morte do pai, quando os filhos correram aos Bancos não encontraram mais nada. Mas tiveram conhecimento do valor que foi sacado por ela, antes de seu falecimento, que se aproximava dos duzentos contos. E somente ela e ninguém mais, sabia onde se encontrava todo esse dinheiro.

O processo judicial para tornar sem efeito a doação da casa, graças à competência e eficiência do advogado por ela contratado, transcorreu rapidamente, por uma série de fatores favoráveis à reclamante, inclusive por se encontrar na posse do bem, devidamente orientada pelo causídico, ela se negou desocupar o imóvel, o advogado não teve muita dificuldade em anular a decisão anterior.

Conclusão: Após quitar os honorários com o advogado Dr. Mathias, Gilmara era proprietária legítima de umas das melhores, para não dizer da melhor residência, existente no vilarejo, conhecido como Restinga, totalmente mobiliada, de todo numerário que o Coronel possuía, que com certeza era superior aos duzentos contos, por que há algum tempo ela vinha se apropriando de seu dinheiro às escondidas, de um carro de luxo, praticamente novo, que exigiu que colocasse em seu nome, e muitas joias de valor que ao longo do tempo vinha ga-

nhando dele, para satisfazer seus caprichos. E uma ação judicial em trâmite, impetrada em seu nome pelo seu advogado Dr. Mathias, contra os herdeiros, para reaver as duzentas e cinquenta cabeças de gado, que Coronel Odorico possuía antes de ficar doente, e desapareceram durante seu período de convalescença, segundo o órgão competente, essas baixas teriam sido realizadas de conformidade com a lei, com anuência legal do proprietário. Segundo Dr. Mathias, o êxito dessa ação teria remotas possibilidades de conseguirem.

Passado mais de oito meses da morte de Coronel Odorico, como Gilmara não procurou seus pais, e as informações que chegavam até eles, eram imprecisas e desencontradas, Sr. Gabriel, por insistência de Dona Sebastiana, acabou sendo convencido pedir ao genro que os levassem até lá, para saber exatamente o que estava acontecendo. Acompanhados do genro e da filha, em um sábado pela manhã saíram com destino ao agreste, por esses tempos a sentença judicial sobre a anulação da doação da casa, já havia sido homologada, à favor de Gilmara que habitava soberana, na companhia de seu amante dos tempos do Coronel, um Senhor descasado chamado Hilário, que deveria ter trinta anos de idade, e havia trabalhado por quase dez anos na fazenda do Coronel, antes que fizesse a doação aos filhos, e foi despedido por justa causa, acusado de roubo de gado, o que nunca ficou devidamente comprovado, não chegou ser preso, em contrapartida devido esse antecedente, não conseguiu mais trabalho nas fazendas da região, quando

intencionava mudar-se para outro lugar, conheceu e começou se entender com Gilmara. Há quem diga que os dois mancomunados, planejaram a morte prematura do Coronel, utilizando um método um tanto sutil, que muito dificilmente seriam descobertos.

Eram duas horas da tarde quando pararam em frente à casa que um dia Coronel Odorico morou com sua esposa, Dona Felícia e depois com Gilmara. Quando ela saiu e reconheceu seus pais, irmã e cunhado, na rua em frente sua casa, foi ao encontro deles toda sorridente, abraçou a todos, e convidou para que entrassem. Quando entraram na grande sala de estar, perguntou-lhes se já haviam almoçado. Como responderam que sim, os conduziram para o interior da casa, até chegarem em uma enorme varanda dos fundos, onde havia enorme mesa de madeira, rodeadas de cadeiras, e mais algumas cadeiras de descanso espalhadas. Todos se acomodaram, então Dona Sebastiana, justificou-se:

— Viemos até aqui para sabermos como você está minha filha? Tivemos algumas notícias desencontradas, sobre sua situação, então viemos pessoalmente verificar.

— Fizeram muito bem. Era para eu ter ido até onde moram, mas estive muito ocupada com meus problemas, que meu advogado me aconselhou que não seria prudente ausentar, enquanto tudo não fosse resolvido. Mas graças a Deus, tudo acabou dando certo.

Nisso apareceu na porta da cozinha, que dava acesso à varanda, seu atual companheiro, vestido apenas de short, usando chinelos de dedo, com cara de quem esti-

vesse acabado de tirar uma soneca, que até então todos desconheciam, nem sabiam de sua existência. Gilmar com naturalidade apresentou-o aos seus familiares, nesses termos:

— Esse é Hilário meu companheiro, que está morando aqui comigo.

Ela o conduziu até onde cada um estava sentado, que se levantaram e o cumprimentaram com civilidade e respeito. Depois todos voltaram se sentar, ele pegou uma cadeira colocou próximo à esposa, e se sentou. Gilmara perguntou à mãe:

— E como está Gerusa, o marido e a filhinha deles, mamãe?

— Estão todos bem, continuam morando em Olinda. Há poucos dias estiveram lá, nos visitando, acompanhados de Dona Rosa.

— Lá onde vocês estão morando, é melhor que aqui papai?

— Na minha opinião é bem melhor, devido às chuvas, lá existem rios que não secam, tem boas pastagens, e o que a gente planta se produz.

— O Senhor comprou alguma chácara por lá?

— Não minha filha. Com o dinheiro do sítio que vendemos, compramos três casas na cidade. Como moramos na fazenda do Sr. Genésio pai de Dario, alugamos as nossas casas.

Dona Sebastiana completou: — Lá na fazenda eu e seu pai cuidamos de uma horta, que fica próxima a um riozinho. Vendemos nossas verduras todos os domingos na feira.

Como Geralda se mantinha calada, prestando atenção na conversa e observando tudo, Gilmara a perguntou: — E você Geralda ainda não quis engravidar?

— Achei que tinha percebido, estou no terceiro mês de gravidez.

— Verdade? Parabéns, minha irmã. Logo também pretendo me engravidar, não é mesmo meu bem?

Hilário deu apenas uma risadinha. Dona Sebastiana, perguntou à filha: — Vocês já se casaram?

— Ainda não, mas vamos nos casar, não é meu bem?

Hilário movimentou a cabeça, concordando.

Dario perguntou: — Essa casa é sua de verdade?

— Graças a Deus é nossa, conseguida com muita briga na justiça.

Sr. Gabriel perguntou: — Por que teve de ser na justiça?

— Aquele Coronel era muito safado, quando vim morar com ele, me garantiu que a casa seria minha, antes de morrer passou a casa para os quatro filhos, que são mais desonestos que o pai, sem me dizer por quê. Então contratei um advogado muito bom, que conseguiu anular a doação, só que me custou cinquenta contos.

Dario lhe perguntou: — Qual seria o valor de uma casa como esta, aqui nessa cidade?

— Já me disseram que uma casa como essa, não se construiria com menos de trezentos contos, mas para vendê-la, talvez consiga no máximo duzentos contos, mas não penso em vendê-la tão cedo. Não pretendemos mudarmos daqui, não é meu bem?

Dario completou: — Lá em nossa cidade com trezentos contos, não compra uma casa como essa. Lá deve existir no máximo cinco ou seis casas igual ou melhor, mas os proprietários são ricos e não venderiam.

Sr. Gabriel perguntou ao companheiro de Gilmara: — Você é filho dessa região, ou veio de outro lugar?

— Para dizer a verdade minha família é do sertão do Cariri, do Estado do Ceará, mas andava sozinho pelo mundo, até quando cheguei aqui há mais de dez anos, e fui trabalhar na fazenda do Coronel Odorico, até quando me mandou embora.

— Então você conhece Sinésio, o homem que comprou meu sítio. Saberá me dizer como ele vai indo?

— Conheço o Sr. Sinésio há pelo menos dez anos, trabalhamos juntos na fazenda do Coronel por muito tempo, nesse lugar não conheço ninguém que seja trabalhador como ele, comprou um sítio praticamente abandonado, se for lá agora não vai reconhecer mais, Coronel Odorico explorava o trabalho do coitado, e não pagava seu salário, e a dívida foi crescendo por mais de cinco anos. Sr. Sinésio só comprou aquele sítio, para receber o dinheiro que tinha nas mãos dele. Porque cansou de ouvir as pessoas falar, que era costume do Coronel, mandar seus capangas sumir com seu credor, para não pagar o que devia.

Sr. Gabriel deu seu parecer: — Mas isso não devia ser verdade, falavam assim, somente para assustá-los?

— Não era conversa do povo não, alguns credores dele sumiram mesmo, e nunca apareceram para buscar

seus dinheiros, o Senhor já viu um negócio desses. Eu mesmo perdi mais de dez anos de meus direitos de empregado, para não morrer, me mandou embora alegando justa causa, acusado de roubo, só para não me pagar. O Senhor imagina se eu teria coragem de roubar gado de uma pessoa como ele, que tinha jagunços aos seus serviços. Eu que não fui bestar de querer receber. Que eu sei, ele só não mandou sumir com Sr. Sinésio, a mim e a Gilmara, isso porque foi pego antes.

Dario perguntou: — Quem o pegou antes?

— A morte, e o levou pros quintos dos infernos.

Sr. Gabriel comentou: — Eu só o conheci um pouco antes de nos mudarmos, mas nunca tinha ouvido essas histórias sobre ele por aqui antes. Até achava que essas coisas não aconteciam mais por essa região, a primeira vez que foi a nossa casa, foi até prestativo, e disse que podíamos ir ao casamento de nossa filha Geralda, que deixaria um de seus funcionários lá no sítio, para vigiar e tratar dos animais.

Gilmara perguntou ao pai: — Depois mais tarde, ou amanhã de manhã, o Senhor gostaria de voltar lá no sítio para ver como está agora?

— Quando nos mudamos minha filha, prometi a mim mesmo, que não voltaria lá nunca mais.

Dona Sebastiana, opinou: — Eu também não gostaria de voltar mais lá.

Gilmara insistiu; — Onde o Senhor gostaria de ir?

— Depois vou dar um pulo até a casa do Sr. Cosme, para conversar com ele, mas vou de pé, andando pelas ruas.

Ficaram conversando vários assuntos, então Gilmar convidou a todos para conhecerem a intimidade dos cômodos internos da casa, vários dormitórios com toaletes privativas, três salas conjugadas que ocupavam enorme espaço, cozinha espaçosa, montada com móveis planejados, enorme dispensa com prateleiras nas paredes, nos fundos enorme varanda, depois um gramado bem cuidado e uma edícula mais ao fundo. Na frente da casa, uma área com garagem com espaço para no mínimo três carros, enorme espaço jardinado, com muitas plantas e flores diversas, todas bem cuidadas e tratadas. Sem dúvida uma residência de muito bom gosto e alto estilo, com impecável acabamento e muito bem conservada, que para mantê-la como estava, exigiria muito trabalho e gastos consideráveis.

São Sebastião do Pontal – MG, 20/11/2022.

Antonio Martines Brentan

Velho
Costume no
Sertão



COMO JÁ COMENTAMOS SR. GABRIEL havia mudado seus modos nos últimos tempos, diria que a transformação de Gilmara tinha sido mais acentuada e perceptível, talvez pelo fato de agora desfrutar de situação privilegiada, tudo que possuía julgava que havia adquirido pelos seus próprios méritos, a lei dos homens tinha outorgado a ela a posse e o domínio sobre todos aqueles bens, e no entendimento dela se julgava merecedora por direito. Mas a posse e a preservação de um patrimônio, exige capacidade de administração, toda fortuna adquirida rapidamente sem muito esforço pessoal, é algo muito escorregadio, e requer competência para conservá-la.

Gilmara vangloriava de agora não precisar mais se preocupar com nada, a casa estava sob os cuidados de

duas empregadas que faziam todos os serviços internos, e um zelador que se ocupava dos serviços externos, todos se alimentavam no próprio local de trabalho, e ganhavam bons salários, ela e o marido não faziam praticamente nada, não tinham horários para dormir, nem para levantarem, e o que mais gostavam e faziam, era passear de carro para onde quisessem.

Ela não tinha se dado conta, que depois da morte do Coronel, que tinha ocorrido há menos de um ano, suas reservas financeiras que estavam todas aplicadas nos Bancos, haviam declinado em trinta por cento. Se ela não se preocupava, Hilário muito menos, a apoiava e a incentivava em todas as suas decisões. A relação entre os dois nunca sofrera nenhuma turbulência, ambos se compraziam naquela vida de facilidades, imaginando que assim seria para sempre.

No domingo depois do almoço especial preparado pelas suas duas funcionárias, as visitas se despediram, alegando que era necessário retornarem devido as obrigações que os esperavam. Durante o tempo que lá permaneceram não se ouviu falar em obrigações, compromissos e dificuldades, a realidade do ambiente interno daquela casa, contrastava violentamente contra a realidade externa daquela casa, que refletia a dificuldade como aquele povo vivia. Diria que era um oásis incrustado no meio de um deserto.

Durante o trajeto de volta todos comentavam o quão maravilhosa estava sendo a vida de Gilmara e seu companheiro, e seus projetos para o futuro eram ainda mais

audaciosos, pretensiosos e ambiciosos, que deixavam impressão que aquela situação perduraria para sempre, o mais interessante que ela tinha convicção que assim seria.

Diante de tanta segurança e certeza faziam crer que a situação deles era sólida e estável, ninguém ousou preveni-los que o dinheiro não aceita desaforos, quando não se demonstra nenhum respeito para com seu uso correto. Se assemelha a uma substância volátil, que se evapora sem que percebamos. Por mais que se tenha, ele pode se acabar, antes do que esperamos, e o que era sonho, pode-se tornar pesadelo. Mas de uma coisa todos estavam tranquilos, ninguém havia contribuído para que isso viesse acontecer, não estavam levando sequer um centavo do que lhe pertencia. Ela não se dignou presentear a mãe com um pano de prato que fosse, talvez nem tanto por egoísmo ou sovinice, mas por displicência e descaso.

Ao contrário de Gerusa e Geralda, viviam apresentando a mãe, com coisas simples na verdade, mas uma mãe não está interessada em coisas valiosas, e sim no gesto carinhoso do filho, e Gilmara foi a filha que mais recebeu carinho materno, a preferida, a mais paparicada, talvez pelo fato de ser a filha caçula. É evidente que Dona Sebastiana, não iria comentar ou criticar a filha por essa razão. Não obstante todos terem sido muito bem tratados por ela em sua casa, em nenhum momento se dignou perguntar como estava a saúde da mãe, o relacionamento dela com o pai, que sempre foi conturbado, mas ultimamente tinha melhorado muito, o relacionamento dos pais com o genro, e com os familiares de Dario. São essas simples

preocupações que demonstram o quanto o filho ama os pais. Gilmara teve a capacidade de falar que esteve por várias vezes em Recife com seu companheiro, e nem se interessou saber o endereço de Gerusa, em Olinda, que fica muito próximo, para numa nova oportunidade ir visitá-la. Não perguntou como deveria fazer para se chegar aonde moravam, isso indicava que não tinha a menor intenção de visitá-los, isso comprovava seu descaso.

Mas o importante é que ela estava bem, até melhor do que imaginaram. Quanto ao seu futuro, como ao de todos, sempre será um ponto de interrogação, Deus nos deu inteligência e o livre arbítrio para que façamos nossas próprias escolhas, e tomarmos a decisão que considerarmos a mais correta, mas somos seres falíveis, principalmente quando ainda não estamos preparados para assumirmos responsabilidades. Outro fato a considerar, o comportamento de Hilário seu companheiro, sendo bem mais experiente que ela, e por já ter vivido um passado de dificuldades, se é que se amavam de verdade, e pretendiam construir um futuro juntos, deveria orientá-la. Mas o que se deu para perceber, que sua intenção era tirar o máximo de proveito possível da situação, e quando as coisas não fossem mais favoráveis, a abandonaria, e a forçaria retroceder ao seu ponto de partida, que era uma condição muito deprimente.

Mas o futuro a DEUS pertence, e ELE recomenda: “Faça sua parte, que Eu farei a minha”. Em breve retornaremos para darmos testemunho do que ali aconteceria. Sem não antes revelarmos a conversa impetrada pelo Sr. Gabriel,

em sua breve visita que fez até a casa de Sr. Cosme, um velho conhecido e amigo, que deveria ter a mesma idade, e tinha vivido momentos muito difíceis naquele vilarejo.

Sr. Gabriel chegou encontrou a porta fechada, bateu palmas, apareceu Sr. Cosme um pouco arcado, devido as dores das costas. Quando reconheceu o velho amigo, sorriu e veio ao seu encontro e o abraçou, e perguntou:

— Que surpresa boa rever meu velho amigo Gabriel Serra?

— O prazer é todo meu em revê-lo, e ver com meus olhos, que continua do mesmo jeito que sempre foi?

— Quem dera que assim fosse. Minha coluna resolveu acabar comigo, fico prostrado o tempo todo, vamos entrar que não posso ficar de pé por muito tempo.

Os dois entraram na pequena sala, Sr. Cosme indicou uma cadeira à visita, e sentou-se numa dessas cadeiras inclinadas, e foi falando:

— Depois que estive em sua casa naquele dia, logo fiquei sabendo que tinha vendido o sítio e se mudado, então pensei: Nunca mais vou ver o amigo Gabriel.

— E quase não vê mesmo, viemos visitar nossa filha Gilmara, para saber como estava vivendo, filho não manda notícias pros pais.

— Pelo menos o amigo, sabe onde moram as filhas. E eu que nem isso sei. Sei que moram em São Paulo, isso é o mesmo que nada saber. As últimas cartas que chegaram aqui em casa, foram de suas filhas, que entreguei em suas mãos, meus dois filhos nem sabem que a mãe é morta, há quase dez anos. Devem pensar

que já somos os dois mortos. Acho que filha mulher, é mais amorosa com os pais.

— Eu sempre quis que meus filhos fossem homens, mas sou muito agradecido a Deus, tenho dois genros que são como filhos para mim. O companheiro de Gilmara, conheci ontem, desse não posso falar nada. O amigo saberia me dar informações sobre ele?

— Só sei que se chama Hilário, trabalhou muitos anos pro Coronel Odorico, depois foi mandado embora, acusado por roubo de gado, depois disso ninguém aqui deu trabalho para ele, mas não acredito nessa história, se fosse verdade, estaria debaixo do chão.

— Essa foi a história que ele nos contou.

— A conversa do povo daqui, é que Hilário e sua filha só estão vivos, porque Coronel ficou doente e depois veio falecer. O caso entre os dois começou, ainda quando Coronel era vivo. Eles tiveram foi muita coragem, aquele homem mandou matar muita gente aqui no agreste, por muito menos. Ele sabia que estava sendo traído, mas queria pegá-los em flagrantes, e fazia questão de resolver esse caso pessoalmente. Mas não viveu para fazer o que desejava.

— Pois é, morei aqui muitos anos, e não sabia dessas coisas.

— Muita gente sabia, mas não diziam por medo morrer. O homem tinha dois capangas à serviço dele e dos filhos, há muitos anos. Coronel era quem os protegia da lei, com sua morte, os dois capangas misteriosamente desapareceram, dizem que fizeram

muita coisa errada à mando dele, então os filhos decidiram tirá-los de circulação, por eles saberem coisas demais, o que fizeram ninguém sabe, os que sabem não falam nada.

Antes de ir embora Sr. Gabriel, lembrou-se que guardava em sua velha carteira, o número do telefone de Sr. Genésio, pediu ao amigo que o copiasse em um papel, caso acontecesse alguma coisa de grave à filha, que fizesse o favor de ir até o posto telefônico do vilarejo, solicitar à telefonista para avisá-los, porque pressentia que aquela história não haveria de ter um final feliz.

Diria que aquela visita à casa do amigo Sr. Cosme, lhe proporcionou mais preocupação que satisfação. Reconhecia que a filha tinha se metido com gente muito perigosa. Os filhos do Coronel, tinham a mesma índole perniciososa do pai. Durante a viagem de volta, ninguém percebeu, mas Sr. Gabriel o tempo todo se manteve calado, olhando ao longe pensativo. Não obstante aquelas informações revelassem o grande risco de vida, que Gilmara e Hilário estavam correndo naquele lugar, preferia não comentar nada, certamente a esposa se desesperaria. Às vezes é melhor não se ter conhecimento de certas verdades.

São Sebastião do Pontal – MG, 22/11/2022.

Antonio Martines Brentan

O
Desaparecimento
de Gilmarã



O PODER DE PROPAGAÇÃO DAS notícias é algo impressionante, principalmente as notícias ruins, essas superam com eficiência a rapidez das boas notícias. Mas ultimamente a escassez de notícias relevantes, era notório, isso era muito bom, tudo indicava que a vida corria em absoluta normalidade. A notícia da gravidez de Geralda, por intermédio de sua irmã Gerusa, havia chegado ao conhecimento de Dona Rosa e Dona Flor, que ficaram felizes ao saberem.

Sr. Gabriel não fez nenhum comentário com os membros de sua família, sobre o que havia ouvido do amigo Sr. Cosme, da situação delicada em que a filha Gilmara, estava envolvida. Hilário seu companheiro que não era uma pessoa totalmente confiável, devido

seus antecedentes, e o modo de vida que estava vivendo, dependendo exclusivamente dela, entendia que essa situação não duraria para sempre. E o litígio judicial que estava em curso, com os filhos do Coronel, para que a justiça reavaliasse a legitimidade da transferência de mais de duzentas cabeças de gado aos herdeiros, caso ela viesse obter alguma vitória, certamente as coisas não se daria pacificamente.

Havia se passado seis meses que Dario e Geralda, acompanharam os pais na viagem ao agreste. Agora os quatro haviam feito outra viagem, com destino à Capital Recife. Chegara a época prevista para o nascimento do filho do casal. Depois de deixar a esposa em um Hospital Maternidade, acompanhada da sogra, Dario levou o sogro até a casa de Kleber e Gerusa em Olinda e retornou. Não obstante o parto ter ocorrido na mais perfeita normalidade, somente depois de três dias o casal acompanhado de Dona Sebastiana, e do pequeno Messias, deixavam o hospital, e foram até Olinda com intenção de buscar Sr. Gabriel, para retornarem à cidade de origem, mais precisamente na fazenda de Sr. Genésio, para darem prosseguimento em suas vidas, que consideravam muito felizes, e agora com a chegada do filho varão, os pais e os avós estavam embevecidos de felicidade.

Devido à excelente receptividade que receberam de Kleber e Gerusa e da pequena Luana, não resistiram e lá pernoitaram e retornaram no dia seguinte. O relacionamento dos dois casais não poderia ser melhor, ainda mais que estavam na companhia dos pais das esposas, e

do casal de netos, que para completar a pequena família, estava faltando somente as presenças de Gilmara e seu companheiro Hilário. E o que mais conversaram nesse encontro, foi exatamente sobre a visita ao agreste que fizeram há seis meses, desde então não tiveram mais nenhuma notícia deles, e Sr. Gabriel se absteve de fazer qualquer comentário das informações que possuía, para se evitar preocupações, que na verdade até poderiam não se concretizar.

Quando chegaram à casa de Sr. Genésio e Dona Leonor, para apresentarem o pequeno Messias, o mais novo neto. Sr. Genésio, muito discreto chamando o filho e Sr. Gabriel a uma sala afastada, de onde as mulheres se encontravam, segredou:

— Ontem recebemos um telefonema de Restinga, a telefonista disse que a pedido de Sr. Cosme, pedia para avisar ao Senhor, que segundo informações das funcionárias da casa de sua filha, o casal estaria desaparecido, sem dar notícias, há pelo menos cinco dias. Saíram para uma viagem não se sabe para onde exatamente, e deviam ter retornado há cinco dias, não apareceram nem mandaram notícia sobre o atraso.

Sr. Gabriel sentou-se em uma cadeira, demonstrando muita preocupação, conseguiu dizer: — Alguma coisa me dizia que isso iria acontecer.

Então coube a ele revelar a Sr. Genésio e a seu filho tudo que sabia, que todos ignoravam. Mas como agora não se tratava mais de uma possibilidade, mas de um fato, todos tinham o direito de saber o que estava acontecendo

em Restinga, a filha Gilmara tinha se envolvido de forma muito imprudente com pessoas muito perigosas, os filhos do Coronel, e o próprio companheiro também não era confiável. Disse a Dario que deveriam ir para fazenda, e lá decidiriam o que fazer. Agradeceu ao Sr. Genésio pelo recado, mas pressentia que mais cedo ou mais tarde algo dessa natureza aconteceria.

Chegando à fazenda disseram à Dona Sebastiana e à Geralda, o teor da ligação recebida na véspera por Sr. Genésio sobre os desaparecimentos de Gilmara e Hilário. Então Sr. Gabriel revelou o conteúdo das informações que obteve na visita que havia feito ao seu amigo Sr. Cosme, como se tratava de uma possibilidade não disse nada, para não os preocupar. Mas a decisão de Gilmara questionar na justiça, a legalidade da transferência do rebanho bovino do Coronel aos filhos, tinha gerado um clima de muita insatisfação aos herdeiros, e pelo que ficou sabendo, eram pessoas muito perigosas, que não aceitariam pacificamente mais uma derrota judicial.

Antes de tomarem uma decisão mais consistente, Dario sugeriu ao sogro que fossem até o escritório de seu irmão Dr. Cássio, para ouvir dele como advogado, que deveriam fazer.

Dr. Cássio deliberou inicialmente, ligar para seu colega Dr. Mathias, para ouvir seu parecer sobre o assunto. Dr. Mathias foi categórico em confirmar que o caso era estranho e preocupante, mas pouco provável que o desaparecimento tinha alguma relação com a ação judicial, porque como ele havia previsto, a possibilidade de

ganho da causa era mínima, e a sentença já tinha sido deferida favorável aos herdeiros. Portanto o caso já tinha encerrado há mais de dois meses. Quanto ao desaparecimento do casal, ele mesmo havia acionado a polícia do Estado, que estava em trabalho de investigação para localizá-los. Recomendou que Sr. Gabriel esperasse mais alguns dias, até a polícia posicionar-se sobre a conclusão de seus trabalhos, porque ele pouco, ou nada, poderia fazer para ajudá-los.

Não restando a Dario e Sr. Gabriel, voltarem para fazenda e esperarem mais um pouco, mas trazendo consigo muitas interrogações e preocupações.

Na visão e interpretação de Dr. Mathias, estava praticamente afastada qualquer possibilidade de participação e envolvimento dos filhos do Coronel Odorico, com o desaparecimento de Gilmara e Hilário, tornando o sumiço menos preocupante, porém mais enigmático.

Para Sr. Gabriel e Dona Sebastiana, que há alguns anos vinham convivendo com a ausência da filha, o fato dela agora estar desaparecida constituiu motivo de muitas preocupações, ela nunca recorreu a ninguém para ajudá-la ou protegê-la, desde os dezesseis anos, quando deliberadamente resolveu sair de casa, sempre se revelou muito independente. O que teria lhe acontecido para desaparecer assim misteriosamente? Deixando sua casa, seus empregados, seus compromissos, sem dar sinal de vida?

Passados três dias na mais absoluta falta de notícias, voltaram acompanhados de Dona Sebastiana, ao escritório de Dr. Cássio, que se comunicou imediatamente

com o colega Dr. Mathias, e a informação que obtiveram procedia da polícia do Estado, os investigadores descobriram que o casal havia fechado sua estadia, às oito horas da manhã de uma segunda-feira, em confortável hotel de um conceituado balneário turístico, e teriam dito que intencionavam retornarem para casa, e o desaparecimento teria ocorrido durante o percurso de menos de trezentos quilômetros, que separam o local do balneário ao vilarejo de Restinga, desde que deixaram o hotel, não mais foram visto, todo trajeto havia sido minuciosamente vistoriado, e nenhum indício de acidente ou outro detalhe que revelasse a presença deles, constituindo assim um verdadeiro mistério. E a recomendação que obtiveram, que continuassem aguardando o resultado de outras diligências em curso.

E os dias foram se sucedendo numa velocidade angustiante, e cada dia sem notícias reveladoras diminuía drasticamente a possibilidade que estariam vivos, passado trinta e cinco dias do fatídico dia que deixaram o hotel do balneário, a polícia foi informada por um pescador ribeirinho, que navegava com sua canoa de madeira pelo pequeno rio, e havia encontrado em um local isolado, em um lugar pouco mais profundo do rio, um carro submerso. Imediatamente a polícia compareceu acompanhada de legistas e homens do corpo de bombeiros. Primeiro providenciaram o trabalhoso resgate, e constatou-se que o carro pertencia à Gilmara Serra, em seu interior dois corpos completamente deteriorados pelo longo contato com a água do rio, estavam nos

assentos dianteiros. Tudo fazia crer que haviam sido primeiramente executados, depois os corpos amarrados com cordas aos assentos, num local estratégico, o carro havia sido empurrado por dois ou mais homens, através de um barranco para dentro do rio, certamente o local de difícil e pouco acesso, utilizado somente por raros pescadores, que com certa dificuldade penetravam por uma estradinha de terra abandonada, quase tomada pelo mato, que ia terminar às margens desse rio, que ficava retirado há mais de três quilômetros da rodovia. Observando o local, era fácil perceber que esse ponto, onde a estrada passava muito próxima ao rio, tinha sido previamente escolhido e preparado com antecedência, para ocultar o carro e os corpos. Faltando às autoridades competentes, apenas concluir alguns exames, para identificação dos cadáveres, mais para cumprir formalidades, porque as evidências eram fragrantíssimas.

Diante dessas informações, fornecidas pela polícia, Dr. Mathias entrou em contato com Dr. Cássio, que se dignou ir pessoalmente acompanhado do pai à fazenda, para levar essa triste notícia que de certa forma já esperavam, devido ao longo tempo decorrido, só não compreendiam as razões por que teria acontecido.

São Sebastião do Pontal – MG, 27/11/2022.
Antonio Martines Brentan

As Mortes
de Gilmara
e Hilário



DR. CÁSSIO NA QUALIDADE DE advogado, se ofereceu para acompanhá-los até o agreste, para participarem do sepultamento dos restos mortais de Gilmara e Hilário, e juntamente com seu colega Dr. Mathias, na presença de seus familiares, efetivarem levantamento minucioso para apurarem a real situação financeira de Gilmara, seus direitos e obrigações perante Bancos, empregados e fornecedores. Elaborarem um inventário provisório de todos os objetos, joias, móveis, aparelhos eletrônicos, e tudo mais que possuísse valor considerável, existentes dentro de sua residência, para não tornarem alvo de oportunistas, em se apropriarem ilicitamente.

Sr. Gabriel e Dona Sebastiana não entenderam bem, a finalidade de se conhecer e proteger os pertences da filha, nem faziam ideia quem herdaria todas aque-

las coisas, pelo fato dela não possuir ainda filhos. Mas consideraram as providências necessárias, certamente dentro daquela casa, existiam muitas coisas valiosas.

Decidiram viajar naquele mesmo começo de tarde, sem não antes comunicarem o ocorrido à Gerusa, que devido as dificuldades de locomoção certamente não poderiam ir. Viajaram em dois carros, Dario levou a esposa, o filho recém-nascido, e os sogros, Dr. Cássio foi acompanhado pelos seus pais, Sr. Genésio e Dona Leonor. Chegaram ao destino ao anoitecer, foram direto para casa onde Gilmara morou por quase dois anos com Coronel Odorico, e depois de seu falecimento, com Hilário Silva.

Foram recebidos pelas duas senhoras, empregadas de Gilmara que já eram deles conhecidas, elas explicaram que quando Dona Gilmara viajou com o marido, receberam ordens para não deixarem a casa sozinha, que ficariam fora no máximo por uma semana, como não retornaram no prazo previsto, entenderam que deviam continuarem na casa, até se saber o que de fato tinha acontecido. Com a chegada dos parentes, pediram permissão para depois que servissem o jantar, fossem passar aquela noite em suas casas. Sr. Gabriel e Dona Sebastiana, as liberaram, dizendo que caso desejassem comer qualquer coisa, eles mesmos preparariam. E se fosse possível, para retornarem pela manhã bem cedo.

Compete-nos esclarecer que o resgate do carro com os corpos, havia ocorrido na parte da manhã daquele dia, mas os restos mortais ainda se encontravam sob a guarda da polícia científica, para apurar na medida do possível, à causa da morte e as circunstâncias, porque as

possibilidades de se tratar de um duplo homicídio eram evidentes, podendo serem liberados e trasladados em caixões lacrados, para serem sepultados no pequeno cemitério do vilarejo de Restinga, a qualquer momento.

Não seria necessário dizer que para os familiares de Gilmara, foi uma longa noite de espera e angústias. Aparentemente dentro da residência parecia estar tudo em ordem. Somente a proprietária da casa seria capaz de identificar alguma irregularidade. Mas a humildade, simplicidade das empregadas, faziam crer que se tratava de pessoas muito confiáveis e honestas, e era perceptível que estavam muito tristes e abaladas com a notícia do acontecido.

Com relação aos familiares de Hilário Silva, pelo que sabemos, segundo suas próprias declarações, ficaram no Ceará, em algum lugar não sabido, no sertão do Cariri. Quanto ao fato dele ter sido casado, diziam assim por força de expressão, na verdade ele teria vivido amasiado por dois anos, com uma mulher até então desconhecida, que se chamava Eunice, e antes levava uma vida digamos, um tanto incompatível para uma mulher decente, isso aconteceu logo depois que passou trabalhar na fazenda do Coronel. Segundo informações, essa mulher cansada dos maus tratos que recebia do amásio, aproveitando sua ausência apropriou-se de seu dinheiro guardado, e teria fugido com um tal de Vadão, e ninguém mais saberia dizer qual rumo tomaram.

O sol do dia seguinte demorou aparecer na linha do horizonte, mas quando surgiu, testemunhou a chegada de dois carros funerários que se aportaram diante da casa que pertenceu por um breve espaço de tempo à Gilmara. Logo

algumas dezenas de pessoas se aglomeraram em torno dos veículos, inclusive os parentes que haviam chegado na véspera se juntaram a elas. Uma autoridade que não saberia definir o que de fato representava, mas sem dúvidas, a algum órgão público, orientou que os caixões que estavam rigorosamente lacrados, e em seus interiores continham, o que havia restado comprovadamente dos corpos de Gilmara e Hilário, seriam levados até o salão comunitário, onde seriam proferidas algumas preces, por pessoas ligadas mais diretamente com a Igreja Católica, na intenção de suas almas, por um breve espaço de tempo, em seguida seriam conduzidos até o cemitério local, onde se dariam os sepultamentos. Os motoristas dos veículos acataram as orientações, e foram dirigindo os veículos lentamente para o local, orientados pela autoridade a qual referimos, seguidos por uma pequena caravana de acompanhantes.

Antes das nove hora da manhã daquele dia, os fragmentos que haviam restados dos corpos de Gilmara e Hilário, dentro de dois caixões distintos, ambos igualmente lacrados, foram baixados em duas covas, cavadas uma ao lado da outra, na terra ressequida do agreste, à pouca distância de onde, há pouco mais de um ano fora também sepultado Coronel Odorico. Uma centena de pessoas testemunharam o ato, depois foram se retirando lentamente em silêncio. Aquele cemitério malcuidado, refletia com fidelidade todo aspecto carente daquele vilarejo.

À medida que a pequena multidão se dissolvia, pelas poucas ruas da vila, um grupo maior caminhavam coeso em direção à casa de Gilmara, Dr. Cássio e Dr. Mathias

andavam um pouco distanciados do grupo, certamente confabulando as estratégias que deveriam adotar, para se descobrir algum fato novo, que viesse jogar luz sobre aquele triste episódio, que estava muito mal esclarecido.

O levantamento dos bens com a participação de todos, começou relacionando os objetos de valor de cada cômodo, os cômodos que não seriam utilizados, permaneceriam fechados à chave, e as chaves em poder de Sr. Gabriel, os cômodos ocupados, seus objetos relacionados ficariam sob responsabilidade de seus ocupantes. Depois de terminado o inventário provisório dos objetos de valores, do interior da casa, que demorou o restante daquele dia e algumas horas da noite. No dia seguinte os dois advogados acompanhados de Sr. Gabriel e Dario, foram até à Agência bancária onde Gilmara mantinham seus negócios e sua conta corrente, que ficava em uma cidade vizinha bem maior, munidos com os documentos necessários, obtiveram acesso à todas as informações bancárias, inerentes a sua pessoa física. E o que se pode constatar que o valor de seus passivos, superavam em muito seus ativos, que eram insignificantes. À pesquisa permitiu constatar que Gilmara, estava muito endividada junto ao seu Banco, e que seu imóvel havia sido hipotecado em vários graus, para garantir as operações desses passivos. Nada foi encontrado em nome de seu companheiro Hilário Silva.

Os dois advogados deliberaram com anuência de Sr. Gabriel, que a solução seria vender todos os móveis de valor de dentro da casa, para amortizar parte de suas dívidas, junto ao Banco, e depois encontrar um com-

prador para o imóvel, para quitar o restante da dívida, e resgatar a liberação da hipoteca da casa. A surpresa foi quando retornaram à residência no final da tarde, mais de duas dezenas de credores os esperavam, para habilitarem seus créditos no rol das obrigações a cumprir, que Gilmara em vida havia assumido.

Muito metódicos os dois advogados, primeiramente analisaram a autenticidade dos documentos, depois elaboraram um relatório, especificando o nome do credor, o valor da dívida, a data do vencimento, e o tipo de transação que havia gerado o haver. Constatou-se sem nenhuma dificuldade que, como Gilmara não conseguia mais crédito na rede bancária, vinha há algum tempo praticando, uma espécie de captação de recursos de terceiros à juros atrativos, para honrar seus compromissos. O esquema vinha funcionando satisfatoriamente, porque até então, estava conseguindo dessa maneira honrar seus compromissos, junto ao Banco e aos seus credores, sem deixar transparecer sua real situação financeira, que estava se endividando cada dia mais. Foi a maneira que encontrou para ostentar seu padrão de vida, mas com toda certeza uma hora não se sustentaria.

Depois de apurado o total da dívida que Gilmara havia contraído, foi constatado pelos dois advogados, que o valor de suas dívidas, havia ultrapassado em muito o de seu patrimônio. O Banco tinha o imóvel como garantia, os demais credores nenhuma garantia real, nem pessoal.

Seria oportuno relembrar quando há sete meses, Gilmara recebeu em sua casa a visita dos pais, da irmã e do

cunhado. Em nenhum momento ela alegou qualquer tipo de dificuldade financeira, pelo contrário, por várias vezes fez entender, que não pretendiam tão cedo se mudarem daquela casa, pois estavam vivendo a vida que sempre desejaram, e fazendo o que mais gostavam, viajar. O que podemos constatar é que em menos de dois anos da morte de Coronel Odorico, Gilmara conseguiu comprometer todo seu patrimônio em dívidas bancárias, e com terceiros. O Banco credor estava assegurado pela garantia hipotecária de seu único imóvel. Os demais credores tinham em mãos apenas uma Nota Promissória, assinada por Gilmara, sem nenhum avalista, isso significava, sem garantias.

Para Dr. Mathias e Dr. Cássio, dois fatos careciam serem esclarecidos, talvez explicariam o motivo de seu endividamento tão expressivo, em tão curto espaço de tempo: Primeiro, onde estariam as joias de Gilmara, e quanto teria investido nesse segmento, segundo diziam eram muitas e valiosas, e nenhuma delas fora encontrada dentro da casa. Segundo, a quem interessava a morte do casal, que teria planejado e executado com competência e eficiência, e qual teria sido a razão que motivou o crime? Esclarecidos esses dois detalhes, talvez se desvendaria o que de fato teria acontecido nesses últimos meses.

São Sebastião do Pontal – MG, 30/11/2022.
Antonio Martines Brentan

Desvendando o Mistério



DIANTE DO NOVO CENÁRIO, OS móveis, eletrônicos e os demais objetos de valor existentes na casa, não cobririam nem dez por cento do total da dívida com terceiros, a maioria desses credores eram pessoas muito simples e necessitadas, que atraídos pela taxa de juros oferecido por Gilmara, retiraram suas economias da caderneta de poupança dos Bancos, e entregaram a ela todo dinheiro que possuíam. Certamente essas pessoas perderiam suas economias. Dr. Cássio decidiu retornar com os pais, muitos compromissos exigiam sua presença para providências e deliberações. Dario, a esposa com o filhinho, e os sogros, ficariam mais uns dias ao lado de Dr. Mathias, na esperança que um fato novo, ou uma descoberta inesperada viesse contribuir para equacionar o problema. Sr. Gabriel e Dona Sebastiana consideravam que aquelas pessoas simples, deles conhecidas, não mereciam

perderem todos seus haveres, por ingenuamente terem confiado deliberadamente, numa pessoa como Gilmara, somente pelo fato dela ostentar ser o que não era, por ter conseguido uma boa casa na justiça, e um bom carro para andar. Uma pessoa que vivia com um homem desocupado, que não tinham nenhuma fonte de renda.

Na tarde daquele dia, Sr. Gabriel convidou Dario para fazerem uma visita à casa de seu velho amigo Sr. Cosme. O encontraram ainda mais limitado em seus movimentos, cumprimentou o amigo e ao genro, explicando que mal conseguia ficar de pé por alguns minutos, sua coluna tinha decidido inutilizá-lo definitivamente. Rapidamente se acomodaram em cadeiras, para conversarem mais confortavelmente.

Sr. Gabriel relatou resumidamente ao amigo o porquê de seu regresso àquele vilarejo, mas considerava que seria sua última visita. Com a morte da filha, não teria mais motivos para voltar. Como tinha muita consideração, relatou superficialmente a difícil situação financeira da filha antes de ser assassinada.

Sr. Cosme, apesar de sua limitação física, era um ancião muito lúcido, desses que ao longo da vida, havia adquirido muita experiência e sabedoria, depois de ouvir o amigo, deu seu parecer voluntariamente.

— Posso até estar enganado, mas o que vou lhes dizer, já disse antes, mas não acreditaram em mim. Logo que Gilmara começou tomar dinheiro à juros, mandei-lhe um recado para que viesse aqui em casa. No outro dia parou seu carro aqui em frente, estava sozinha, a recebi,

cumprimentou-me, pedi que entrasse, sentou-se numa dessas cadeiras, perguntou-me o que queria com ela. Então lhe expliquei os motivos de não ter ido pessoalmente em sua casa, disse que possuía quatro contos, e queria colocá-los em suas mãos à juro. Então ela me disse: “Sr. Cosme sei que o Senhor é muito amigo de meu pai, e ele tem muito consideração pela sua pessoa, não vou tomar seu dinheiro à juro, o Senhor precisa muito dele, um dia entenderá porque estou agindo assim com o Senhor”. Depois fiquei sabendo que ela agiu da mesma maneira com pessoas doentes como eu. Então fiquei matutando, e tirei minha conclusão: Que Gilmara e Hilário estavam planejando dar um grande golpe financeiro, nos moradores desse vilarejo, as pessoas iam de livre e espontânea vontade até sua casa para entregar seu dinheiro, quando estivessem com a bolsa bem cheia desapareceriam.

Sr. Gabriel ouviu calado a exposição do amigo, depois que ele terminou, deu sua opinião:

— Acho que minha filha não teria capacidade para planejar e executar um golpe desses.

Dario opinou: — Talvez Sr. Cosme esteja certo. A ideia pode ter sido de Hilário. Dr. Mathias poderá contribuir com seu parecer, ele conhecia muito bem a situação financeira de Gilmara.

Ficaram mais um pouco, conversaram outros assuntos, depois se despediram de Sr. Cosme, e voltaram para casa de Gilmara.

À noite depois do jantar, contra a vontade do sogro, Dario revelou a Dr. Mathias, o comentário feito por

Sr. Cosme, sobre a possibilidade de Gilmara e Hilário terem planejado e executado um calote financeiro aos moradores do vilarejo. E que todo aquele dinheiro poderia estar guardado em algum lugar. Esperando o momento deles se evadirem.

Dr. Mathias ficou pensativo, depois disse que iria para seu quarto, fazer uma análise criteriosa sob esse ângulo de visão, sem não antes fazer um comentário intrigante: — Eu já tinha pensado nessa possibilidade. Duas pessoas não conseguiriam gastar quase um mil contos, em menos de dois anos, sem ter feito nenhum grande investimento.

Quando Sr. Gabriel levantou pela manhã, encontrou Dr. Mathias sentado à mesa da sala, envolto a um emaranhado de papéis, rabiscados com anotações. Perguntou-lhe: — Por que levantou assim tão cedo Doutor?

— Na verdade não consegui dormir essa noite. Depois de analisar as informações que trago registrado, agora tenho quase certeza que Gilmara e Hilário, planejaram e executaram um grande golpe financeiro. E podem estarem vivos, longe daqui.

Sr. Gabriel não disse nada, deu-lhe as costas e foi coar o café. Enquanto coava o café na cozinha, ouviu conversa na sala, Dr. Mathias tentava convencer Dario, que a teoria de Sr. Cosme tinha fundamentos que não poderiam ser desconsiderados. E quanto mais refletia, mais se convencia que tudo começava se encaixar.

Em pouco tempo todos estavam sentados em torno da mesa da cozinha, tomando o café da manhã, quando todos terminaram, Dr. Mathias levantou-se e disse: — Gosta-

ria que me acompanhassem até a sala, queria que ouvissem minhas conclusões sobre o excessivo endividamento de Gilmar em tão curto espaço de tempo.

Todos o acompanharam e se acomodaram nas poltronas, Dr. Mathias começou explicando:

— Em minha opinião o que aconteceu foi o seguinte: Como sabemos Gilmara e Hilário era um casal não muito bem aceitos pelas pessoas dessa cidade, ela por ser uma pessoa muito prepotente e orgulhosa, para uma moça de origem pobre, que abandonou a casa paterna e foi morar em um cabaré, depois caiu nas graças do Coronel Odorico, que lhe tirou da vida que levava, para morar em sua casa. Era de conhecimento público que logo que passou morar com o Coronel, começou traí-lo com Hilário. Depois da morte do Coronel, foi constatado que ele teria sido morto por intoxicação através de medicamentos, na versão dos filhos do Coronel, Gilmara teria sido a autora do crime. Em seguida a justiça reverte a seu favor a doação da casa, que Coronel teria feito em vida aos filhos. Imediatamente sem o menor pudor, coloca o amante dentro de sua casa. Os antecedentes de Hilário todos conhecem, maltratava a primeira companheira, tanto que acabou por roubá-lo e abandoná-lo, depois foi demitido do emprego acusado por roubo de gado, tanto que não conseguiu mais trabalho nessa região.

Agora vem a explicação: Gilmara sacou duzentos e cinquenta contos da conta do Coronel, supomos que essa casa valesse duzentos contos. Portanto podemos dizer que Gilmara num prazo muito curto, deixou de ser uma mulher

da vida, e passou ser uma pessoa que podemos considerar muito bem financeiramente. Vender essa casa nesse vilarejo seria difícil, ela contraiu as dívidas bancária, com intenção de não pagar pela dívida, a casa seria o pagamento. Quando ela se apossou dos empréstimos bancários, tinha em mãos no mínimo quatrocentos contos em dinheiro. Acreditamos que Hilário se utilizou da posição que ela ocupava para em seu nome perpetrar o golpe financeiro, conseguindo com isso captar junto à terceiros mais quatrocentos contos, perfazendo assim oitocentos contos. Montante suficiente para viverem despreocupados para sempre. Por mais que pesquisamos não encontramos nenhum investimento realizado por eles, por mais que gastassem não conseguiriam comprometer a décima parte desse valor. Acreditamos que esse dinheiro esteja em poder deles, caso aqueles corpos não pertencerem aos dois.

Dario questionou: — Mas a polícia científica não confirmou que os corpos pertenciam aos dois?

— O laudo pericial levou em conta detalhes subjetivos, que não comprovam nada. Consideraram como evidências: O carro, as roupas, os calçados, um corpo masculino, outro feminino. Não foram realizados exames da arcada dentária, nem de D.N.A, alegaram que foram colhidos e guardado o material necessário para o mister, caso alguém por sua conta interessar fazê-los, que o Estado se eximia em realizar os exames, por faltar os recursos tecnológicos e humanos, e considerava desnecessários devido a abundância de evidências encontradas que eram mais que suficientes para comprovar a identificação.

Sr. Gabriel deu sua opinião: — Se as provas encontradas convenceram a polícia, penso que não devemos duvidar de seu trabalho, nem alimentar esperanças de que estão vivos, a verdade sempre aparece, a polícia que encontre os assassinos e faça justiça.

Então concluiu Dr. Mathias: — Se me delegarem o trabalho de encerrar o caso, não serei eu que gastarei meu dinheiro para tentar descobrir a verdade, mas que a teoria de Sr. Cosme tem fundamento, isso não discordo. Então venderei alguns móveis de valor, para acertar as dívidas e rescindir os contratos com os três empregados, e as despesas com a funerária e o sepultamento. Contratar alguém competente para proteger o imóvel de vândalos, e comunicar aos credores que procurem os meios jurídicos para reaverem seus créditos.

Caso quiserem retornar para cuidarem de vossas vidas, me encarregarei dessa função, afinal sou experiente nesse tipo de trabalho.

No dia seguinte logo pela manhã, Dario, a esposa com o filhinho, e os sogros se despediram do advogado Dr. Mathias, e deixaram Restinga, com intenção de não mais retornarem. A não ser que um fato novo, os obrigassem fazê-lo.

São Sebastião do Pontal – MG, 03/12/2022.
Antonio Martines Brentan

Saber a
Verdade, Difícil
Responsabilidade



E O TEMPO HAVERIA DE SEGUIR SUA inabalável trajetória, e os nomes Gilmara Serra e Hilário Silva, ficariam para algumas dezenas de habitantes da população sofrida de Restinga, e dos sítios circunvizinhos, como uma infeliz recordação, que em um momento de displicência da parte deles, entregaram de livre e espontânea vontade, atraídos pela ganância, todas economias em suas mãos. Depois a notícia que foram assassinados, e atirados juntamente com seu carro dentro de um rio. Restando como lembrança apenas uma Nota Promis-

sória assinada por Gilmara, que não tinha nenhum valor, devido não existir nenhuma garantia real para assegurar judicialmente seu resgate.

Três anos depois desses acontecimentos voltamos à Olinda, para encontrar Kleber e Sr. Nilson, trabalhando ainda no ramo da construção civil, agora como sócios proprietários de uma microempresa, dedicada na área da construção civil, denominada Construtora KN-ME. Que além dos dois sócios proprietários, contava com cinco empregados registrados, e prestava serviço por toda região litorânea.

Faz-se oportuno revelar que por esses tempos Luana estava com cinco anos, e Lucas o irmãozinho caçula com dois anos, Gerusa exercendo sua função de mãe dedicada, e dona de casa, aquela mesma casa que adquiriram naquela oportunidade, mas tinham agora em sua garagem um ótimo carro, que constantemente iam passear até o interior na fazenda de Sr. Genésio, onde moravam seus pais, o cunhado e a irmã Geralda e o sobrinho Messias.

Quis o acaso que a Construtora KN-ME, de Kleber e Nilson, fora convidada participar de uma concorrência, para reforma de um sobrado em um bairro residencial da Capital Recife. Lá compareceram Sr. Nilson e um funcionário especializado em orçamentos, elaborado o projeto da reforma, foi devolvido pelos correios aos proprietários, Sr. Osvaldo Garcês e Dona Eunice Maria Garcês. Em poucos dias Sr. Nilson foi informado que seu projeto havia venci-

do a concorrência, para comparecerem à Capital para formalizar o contrato de prestação de serviço. Nesses casos compareciam os dois sócios da empresa para assinar os documentos. Chegando ao sobrado onde moravam o casal, Sr. Osvaldo pediu que se dirigissem até um escritório que ficava próximo, que ele e sua esposa iriam logo em seguida.

Quando Kleber viu chegar ao escritório Sr. Osvaldo acompanhado da esposa Dona Eunice, não teve menor dúvida, aquela Senhora era Gilmara, a irmã de Gerusa que havia conhecido quando fora passear no sítio do sogro em Restinga. Ela o olhou, mas como estava usando chapéu e barba, ela não o reconheceu. Feito e assinado os documentos, retornaram para suas casas.

Kleber não disse nada ao sócio, chegando em casa abordou à esposa e disse que tinha descoberto algo que ela não iria acreditar. Então relatou a história desde o princípio, e disse à Gerusa que tinha certeza de que Gilmara estava viva. Estava casada com um Senhor chamado Osvaldo Garcês, usando um outro nome, Eunice Maria Garcês.

De fato, Gerusa não acreditou no marido, dizendo que só poderia estar enganado, que mal conhecera a irmã. Kleber ficou pensativo, duvidando de si mesmo, propôs levar a esposa para que visse com seus olhos. Gerusa à princípio relutou, mas acabou aceitando por insistência do marido, rever a irmã que julgava morta há três anos, seria algo que nunca imaginou possível.

Foram de carro acompanhados dos filhos, Kleber estacionou próximo ao sobrado, ficaram aguardando com os vidros fechados, não demorou viram Gilmara sair com o marido e passarem na calçada ao lado do carro onde estavam. Gerusa quase não se conteve, mas era Gilmara em pessoa, sem o menor resquício de dúvida, quanto ao marido, nunca tinha o visto antes.

Kleber avisou o sócio, havia surgido um imprevisto, e teriam que ir urgente à casa do sogro no interior. Chegando à fazenda, com a família reunida, coube à Gerusa narrar toda a história da descoberta da irmã. Sr. Gabriel e Dona Sebastiana ao ouvir o relato da filha, ficaram estarecidos, sem poderem concatenar o que poderia ter acontecido para que a filha que todos julgavam morta há três anos, agora ressurgia viva com outro nome.

Dario lembrou: — Bem que Sr. Cosme havia descoberto o plano do golpe financeiro. E Dr. Mathias tinha chegado a mesma conclusão, mas quem seriam Osvaldo Garcês e Eunice Maria Garcês?

Dario convidou o sogro e o cunhado, para darem um pulo até a cidade ao escritório de seu irmão Dr. Cássio. Sem revelar os pormenores, pediu ao irmão que fosse até a Delegacia de Polícia, para que puxassem à ficha de Osvaldo Garcês e Eunice Maria Garcês. Como Dr. Cássio era um advogado muito influente, na localidade, não foi difícil descobrir

que esses nomes constavam de uma lista de pessoas desaparecidas no âmbito daquele Estado, e que procediam de uma região não muito distante do balneário, onde Gilmara e Hilário estiveram antes de desaparecerem, e que os desaparecimentos teriam ocorrido quase na mesma época. Sendo que esses, por não terem famílias na região nunca foram localizados, que o desaparecimento havia sido registrado pelo fazendeiro Sr. Pedro Guimarães, patrão de Osvaldo Garcês.

Com essas informações Dr. Cássio retornou ao escritório, ligou para Dr. Mathias para que fosse até a região onde ocorreu o desaparecimento e descobrisse alguma informação sobre Osvaldo Garcês, e todos voltaram para suas casas, cada um à sua maneira tentando montar o quebra-cabeças.

Na fazenda eram seis cabeças pensantes que possuíam uma informação privilegiada, que ninguém mais possuía, que Gilmara estava viva, usando o nome de Eunice Maria Garcês, que estava desaparecida. Depois de muitas possibilidades, os três casais chegaram à seguinte conclusão: — Hilário e Gilmara sequestraram o casal, levaram até o rio, os executaram, colocaram neles suas roupas e calçados, os amarraram nos bancos dianteiros do carro, e o empurraram para dentro do rio. Sem não antes se apropriarem de seus documentos, pegaram todo dinheiro que tinham, que segundo Dr. Mathias, deveria ser em torno de oitocentos contos, e desapareceram. Uma pergunta ainda se encontrava sem resposta. Quem

seriam Osvaldo Garcês e Eunice Maria Garcês, na opinião deles um casal muito parecido com eles, na idade e na aparência física.

Passados dois dias apareceu na fazenda Dr. Cássio, trazendo a peça do quebra-cabeças que estava faltando. Dr. Mathias removeu céus e terras, com ajuda de inúmeras pessoas conseguiu descobrir que Osvaldo Garcês, fora um antigo morador da região de Restinga, vivia trabalhando nas fazendas, e era conhecido apenas como Vadão. Eunice Maria Garcês, fora no passado uma prostituta conhecida apenas como Eunice, moradora na região de Restinga, que foi retirada de um cabaré clandestino por Hilário Silva, e morou com ele durante dois anos na fazenda de Coronel Odorico, aproveitou-se de sua ausência e teria roubado o pouco dinheiro que possuía e teria fugido com Vadão.

Depois que Dr. Cássio deu a notícia e voltou para cidade. Os três casais de posse daquela informação concluíram o quebra-cabeças. Hilário não se sabe como, descobriu onde moravam Vadão e Eunice, arquitetou todo plano, e com ajuda de Gilmara o executou. Então chegaram à triste conclusão: Gilmara e Hilário não eram apenas uma dupla de golpistas financeiros, mas uma dupla de perigosos vingativos assassinos. Com toda certeza Gilmara com ajuda de Hilário, teriam eliminado Coronel Odorico, e Hilário com ajuda de Gilmara teria eliminado sua ex-companheira e seu amante.

Agora a família de Sr. Gabriel e Dona Sebastiana, estavam diante de um dilema, somente eles conheciam a verdade. Denunciariam ou não, Gilmarra Serra e Hilário Silva?

São Sebastião do Pontal – MG, 04/12/2022.
Antonio Martines Brentan

Decisão Impensada



DE POSSE DESSA DESCOBERTA, Dona Sebastiana revelou seu desejo de rever à filha, nem que fosse pela última vez. Sr. Gabriel disse categórico que para ele, preferia que à filha estivesse morta e sepultada no cemitério de Restinga, para ele seria menos vergonhoso. Então Dario acompanhado da esposa, do filhinho e apenas da sogra, foram até Olinda, e de lá Kleber os levaram até o sobrado dos Garcês. E lá permaneceram estacionados próximos até o meio-dia, como não saiu ninguém, desistiram e retornaram para Olinda. A tristeza de Dona Sebastiana era algo comovente, não conseguia parar de chorar. Gerusa para reanimar a mãe, deliberou que no dia seguinte iriam todos logo pela manhã, tocariam a campainha do portão e se alguém viesse atender, entrariam todos.

Mal o dia tinha amanhecido os dois carros pararam em frente ao sobrado, Kleber tocou a campainha do portão, uma empregada veio atender, ele perguntou:

— Gostaríamos de falar com Dona Eunice Maria Garcês?

— Meus patrões ainda estão deitados. Mas a quem devo anunciá-los?

— Diz que é da parte da família de Dona Eunice.

— Aguardem um momento, vou chamá-los.

Todos saíram dos carros, e ficaram esperando na calçada, em frente ao portão. No prazo de cinco minutos, apareceram Gilmara, Hilário e a empregada. Quando se aproximaram e se reconheceram, Gilmara em lágrimas correu em direção ao grupo, e atirou-se nos braços da mãe, depois ainda em lágrimas abraçou a todos, e convidou-os para que entrassem. Por sua vez Hilário também lacrimoso, cumprimentou a todos, então Gilmara perguntou à mãe: — E o papai não veio?

— Não minha filha, seu pai não quis vir.

Todos entraram na enorme sala, nesse momento uma empregada mais jovem, entrou segurando nos braços uma criança chorosa, que deveria ter um pouco mais de um ano de idade, e entregou à Gilmara, que se dirigiu à mãe, e disse: — Essa é minha filha, sua neta Gabriela, coloquei esse nome em homenagem ao papai.

Todos se aproximaram para ver melhor a criança, sem dúvida uma menina encantadora. Nesse momento Hilário que ainda tinha lágrimas nos olhos, disse:

— Não é necessário nos dizer que o que fizemos foi muito errado. Mas quero que todos saibam que tudo foi ideia

minha, Gilmara foi contra tudo desde o início, foi a maneira que encontrei para que ela provasse que também me amava de verdade, caso não concordasse eu a teria abandonado e ido embora sozinho. Não queria nem saberia viver às custas da mulher que amava, sempre fui um simples peão de fazenda. Mas se me ajudasse aplicar o golpe financeiro nas pessoas da região, poderia ter dinheiro como ela, e juntos poderíamos viver juntos, de igual para igual, num lugar onde ninguém nos conhecesse. Por isso quero que denunciem só a mim, sou o único culpado por tudo. DEUS sabe que somente eu mereço pagar por tudo de errado que fizemos.

Dario se manifestou, falando por ele e pelos demais presentes: — Nenhum de nós aqui temos a intenção de denunciá-los, ou denunciar a você. Mas terá que se aproximar do pai de Gilmara, e convencê-lo que fez o que fez por amor. Porque ele pensa que a filha foi a responsável por tudo. Caso não o perdoar, peça para que ele o denuncie, conhecendo-o como conheço, penso que não fará isso, muito pelo contrário.

— E como posso fazer isso?

— Vamos até ele, conversamos e verá que Sr. Gabriel, não é uma pessoa maldosa. Ele ama muito sua família, e considera os genros como filhos.

Imediatamente decidiram irem até a fazenda de Sr. Genésio, e conversarem e convencerem Sr. Gabriel, que o mentor de todo aqueles crimes teria sido Hilário, e não a filha, e deixasse que ele decidisse sobre o futuro de Hilário. Caberia somente a Sr. Gabriel o direito de denunciá-lo ou não. Esse foi o pacto que fizeram com Hilário.

Seria oportuno revelar que somente os membros da família de Sr. Gabriel, tinha conhecimento de que Gilmar e Hilário, estavam vivos, que haviam assumido os nomes de Osvaldo Garcês e Eunice Maria Garcês, caso um dia esse segredo chegasse ao conhecimento da justiça, certamente todos estariam comprometidos por crime de cumplicidade.

O sol pedia em direção à linha do horizonte, anunciando que aquele dia, de certa forma emocionante, estava terminando. Quando três carros adentraram ao quintal da casa principal da fazenda de Sr. Genésio, onde moravam Dario, Geralda e o filhinho Messias, e na casa ao lado, retirado pouco menos de cinquenta metros de distância, Sr. Gabriel e Dona Sebastiana. Foram recepcionados apenas pelos cachorros das casas, e nenhum sinal do morador, a porta apenas encostada, em seu interior ninguém. Dario que conhecia a rotina do sogro, imaginou que aquelas horas deveria estar cuidando da horta. Pegou a trilha que levava até o rio, onde a horta ficava às margens, havia andado uns poucos metros pelo quintal de sua casa, quando deparou com o corpo de Sr. Gabriel, pendurado por uma corda presa ao galho de uma mangueira existente no quintal. Dario emitiu um grito de desespero, que refletia todo sentimento que sentia pelo sogro, sentimento de quem ao longo de uns poucos anos, aprendera amar e respeitar aquele homem, como há um grande amigo, um irmão, um pai, sem nunca terem tido o menor desentendimento. Todos correram na direção que ele estava, e não puderam deixar de ver

aquela triste cena, Dario tentando suspender seu corpo sem vida, chorando como uma criança desesperada.

Kleber automaticamente subiu na árvore e desatou a corda, Dario deitou seu corpo enrijecido no chão, Dona Sebastiana desabou quando entendeu o que tinha acontecido, não encontraríamos palavras que refletissem com fidelidade, a dramaticidade do desespero que todos externaram. Hilário abraçou-se à esposa e chorava desesperado, sentindo-se também responsável por mais aquela tragédia, que certamente poderia ter sido evitada, se tivessem chegado no dia anterior. Porque seu ato impensado havia se dado há poucas horas.

A ausência de Sr. Gabriel indiscutível, deixou um vazio impreenchível no seio daquela família. Mas de certa forma a tornou muito mais unida, Hilário e Gilmara fizeram questão que Dona Sebastiana fosse morar com eles, dessa forma as outras duas filhas, genros e netos passaram frequentar a casa deles, e eles por sua vez estavam sempre juntos, Hilário se identificou e interagiu muito bem com os cunhados, e lamentava sempre não ter tido a oportunidade de conviver com o sogro, certamente ele também o conquistaria, e seria considerado como a um filho.

São Sebastião do Pontal – MG, 05/12/2022.

Antonio Martines Brentan

Epílogo



DEPOIS DESSE triste acontecimento poderíamos ter encerrado nossa história, e deixado que cada um tirasse sua própria conclusão. Embora não possuímos, nem termos o direito de julgar as atitudes das pessoas, compete-nos expor nossa modesta opinião, com base nos entendimentos que adquirimos, à luz dos ensinamentos da Doutrina Espírita.

Vamos nos ocupar analisando apenas a família de Sr. Gabriel, cinco personagens que deram origem a nossa singela história. Todo há de convir se tratar de pessoas muito simples e desinformadas, sob o aspecto dos compromettimentos espirituais, seus Espíritos terão algumas atenuantes perante suas atitudes, por desconhecerem as implicações de seus procedimentos.

O patriarca, Sr. Gabriel, um Espírito endurecido, sempre lamentou ser pai de três filhas mulheres, quando gostaria de ter tido filhos homens, para ajudá-lo no aspecto sobrevivência. O pai não tem a opção de escolher o filho, certamente os Espíritos daquelas três meninas, necessitaram nascer no seio daquela família, porque era a maneira deles resgatarem dívidas pretéritas mútuas.

DEUS, quando nos confia um filho, seja ele homem ou mulher, espera que o orientemos e o preparamos para a vida, através de bons exemplos, formação moral, espiritual e intelectual, para que seja uma pessoa de bem, que no futuro não venha ser um peso e transtorno para os pais e para sociedade. Não para que ele seja nosso servo, e aliviar o peso de nossas obrigações. Só o fato de passar pela cabeça de um pai, a intenção de comercializar um filho, como se fosse uma mercadoria, que lhe proporcionará ganho financeiro, demonstra que desconhece e não está preparado para a sagrada missão da paternidade.

Desejar que uma filha saia de casa, sem razão condizente de segurança, necessidade, e conveniência, somente para libertar-se das obrigações de supridor e responsável, consiste num ato indigno e egoístico sem justificativas.

Pergunta 208 do Livro dos Espíritos:

Os Espíritos dos pais não exercem influência sobre o do filho, depois do nascimento?

Resposta: Uma influência muito grande, como dissemos, os Espíritos devem concorrer para o progresso uns dos outros. Muito bem: Os Espíritos dos pais têm

por missão desenvolver os dos seus filhos pela educação; é para eles uma tarefa; se falharem, serão culpados.

Pergunta 209 do Livro dos Espíritos:

Por que de pais bons e virtuosos nascem filhos de natureza perversa? Melhor dizendo, por que as boas qualidades dos pais não atraem sempre, por simpatia, um bom Espírito para lhes animar o filho?

Resposta: Um mau Espírito pode pedir pais bons, na esperança de que seus conselhos o encaminhem para um caminho melhor e, frequentemente, Deus lhe concede.

A matriarca Dona Sebastiana, uma mulher fraca, sem vontade própria, que devido sua condição e passividade, acabou tornando submissa à autoridade, e truculência do marido, que se tornou conivente com seus desmandos e fraquezas, impotente para reagir e tentar mudá-lo. Aceitava à maneira dele tratar as filhas, e demonstrava a mesma insensibilidade e indiferença, inconscientemente negligenciou sua proteção às filhas, igualmente se comprometendo. Porque segundo as respostas dos Espíritos, tanto o pai como a mãe, responderão igualmente pela responsabilidade, pela proteção e educação dos filhos a eles confiados.

Gerusa e Geralda, diante da insensibilidade e indiferença dos pais, dos maus tratos, da ameaça de serem vendidas, aproveitaram a primeira oportunidade que tiveram e fugiram. Apesar de muito jovens tinham bons princípios, noção do certo e errado. Eram trabalhadeiras e destemidas, reconheceram nas pessoas de Dona Rosa e Dona Flor, seus anjos protetores, eram humildes e obe-

dientes, porque tinham consciência de suas fragilidades. Suas honestidades denotavam que seus Espíritos eram bons, tinham naturalmente aversão por coisas erradas. Talvez tenham assimilados essas virtudes dos pais, apesar de suas deficiências, eram indiscutivelmente pessoas muito honestas e verdadeiras. As meninas poderiam perfeitamente terem feito mal uso de seus livre arbítrios, mas não se deixaram corromper, demonstrando retidão de caráter. “Tudo nos é permitido, mas nem tudo nos convém”.

Se me questionarem se agiram certo ou errado, abandonando os pais, da maneira como ocorreu, diria que deixaram-se dominar pelo medo, e influenciadas pelos seus instintos de preservação e conservação, e foram muito felizes, entendemos que elas evoluíram consideravelmente, isso é o que importa.

Gilmara a filha caçula, desde pequena revelou-se desobediente. Reflexo de um Espírito rebelde, não aceitou ir para roça como as outras, e quando saiu de casa, não foi por medo de ser vendida como as irmãs, saiu com o propósito de se prostituir, não importando com a preservação de sua imagem, nem dos seus familiares. Como ficou bem explícito, humildade e honestidade eram valores que ela nunca preservou, todos a consideravam orgulhosa e prepotente, o fato dela ter se envolvido com Hilário às escondidas, desrespeitando a pessoa do Coronel Odorico, que a havia retirado de um cabaré, e a colocado com todas as regalias, sob sua proteção, dentro de sua própria casa, repercutiu negativamente junto à população local, denegrindo ainda mais sua imagem que já

estava corrompida. A justificativa dela ter cedido aos caprichos do amante para perpetrar um golpe financeiro em seu nome, a dezenas de pessoas simples e pobres, para provar seu amor, a esse homem de passado um tanto obscuro, outro indicativo de falta de consideração e desonestidade com o semelhante. Depois o suicídio impensado do pai, motivado pelo fato da vergonha que estava sentindo da filha, outro ônus que ela responderá, por que se tivesse agido com honestidade, poderia ter sido evitado.

Como já dissemos em algumas oportunidades, e ora ratificamos: “Se o ser humano tivesse mais conhecimento de suas responsabilidades perante os desígnios de DEUS, às Suas Leis Soberanas, que regem todas as vidas e todas as coisas do universo, procuraria conhecê-LAS, respeitá-LAS, e Delas não se distanciar, perceberiam que a maioria de nossos problemas seriam evitados”.

São Sebastião do Pontal – MG, 09/12/2022

Antonio Martines Brentan

Fim





